

WILLIAM P. FARLEY



A CRIAÇÃO DE FILHOS NO PODER DO EVANGELHO

O MODO COMO O EVANGELHO MOLDA E
TRANSFORMA A EDUCAÇÃO DE FILHOS

► Pais mais eficientes têm um entendimento claro
da cruz e de suas implicações para a vida diária ◀



WILLIAM P. FARLEY



A CRIAÇÃO DE FILHOS NO PODER DO EVANGELHO

O MODO COMO O EVANGELHO MOLDA E
TRANSFORMA A EDUCAÇÃO DE FILHOS

► Pais mais eficientes têm um entendimento claro
da cruz e de suas implicações para a vida diária ◄



A criação de filhos no poder do evangelho, © 2017 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente em inglês sob o título *Gospel-powered parenting* © 2009, by William P. Farley. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O.Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr.
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução

Emirson Justino

Revisão

Ana Amélia Vicente

Elvira Castanon

Mari Kumagai

Editoração, capa e e-book

OM Designers Gráficos

F213c Farley, William P.

A criação de filhos no poder do evangelho / William P. Farley traduzido por Emirson Justino . _ São Paulo: Cultura Cristã, 2017

Recurso eletrônico (ePub)

Tradução Gospel – powered parenting

ISBN 978-85-7622-900-1

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones: 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

*Aos meus cinco filhos,
Sarah, Anne, Ruth, David e Joseph.*

Agradecimentos

Quero começar agradecendo aos meus pais. Através da providencial bondade de Deus, cresci em um lar estável e amoroso! Meus pais persistiram fielmente na aplicação de seus votos matrimoniais. Acabamos de comemorar seu 60º aniversário de casamento. Serei eternamente agradecido por seu exemplo de dedicação, amor e compromisso. Meus pais me disciplinaram, esperaram grandes coisas de mim e sempre me amaram incondicionalmente.

Obrigado, papai e mamãe.

Em segundo lugar, quero agradecer à minha amada esposa e melhor amiga. Como destacarei em muitos pontos deste livro, criar filhos é um esporte coletivo. Judy é a minha colega de equipe mais valiosa. Ela sempre me apoiou na frente dos nossos filhos, mesmo quando eu não merecia, o que foi algo bem frequente. Ela sempre serviu seu marido e seus filhos com

desprendimento. Eu a considero esposa e mãe exemplares. Não consigo encontrar palavras melhores para elogiá-la do que as de Provérbios:

Enganosa é a graça, e vã, a formosura,
mas a mulher que teme ao Senhor,
essa será louvada.

Dai-lhe do fruto das suas mãos,
e de público a louvarão as suas obras (Pv
31.30-31).

Nas páginas a seguir, você lerá sobre o temor de Deus. Judy serve de exemplo. Por essa razão, eu, nossos filhos e nossos netos seremos eternamente gratos.

Além disso, ela passou horas lendo o manuscrito para mim, ao mesmo tempo em que fazia críticas construtivas. Este livro é o testemunho conjunto de nossa jornada na criação de filhos. Suas digitais estão em todos os parágrafos.

Em terceiro lugar, quero agradecer ao meu filho Dave, que também leu este manuscrito e fez observações importantes. Ele se formou no Covenant Theological Seminary e hoje serve como meu assistente. Você lerá muitas histórias

sobre ele nestas páginas, e ficará maravilhado e animado por saber que ele se saiu tão bem. Servimos a um grande Deus. David, obrigado por seu incentivo.

Agradeço também a Dave York, pastor da Covenant Life Fellowship em Roseburg, Oregon, Estados Unidos, por sua leitura dedicada e seu retorno valioso.

Muito obrigado Marvin Padgett, editor da P&R Publishing, por aceitar o risco de trabalhar com este material. Que ele possa trazer muitos benefícios à sua organização, para a glória de Deus.

Minha gratidão a meus irmãos e irmãs da Grace Christian Fellowship em Spokane, Washington, Estados Unidos. Eles me encorajaram a escrever e entenderam os momentos em que não estive disponível por causa das exigências deste projeto.

Por fim, e mais importante, quero agradecer ao Deus vivo. “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas” (Rm 11.36). Isso significa que tudo o que temos e somos são *dele*. Qualquer bem em nossa vida vem *por*

meio da obra do Espírito de Cristo em nós. E, no final, nossa vida será devolvida *para* ele, para seu derradeiro louvor, honra e glória.

Este livro é fruto da graça de Deus trabalhando em e através de um pecador indigno. “A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11.36).

Introdução

George Barna destaca que já foram publicados cerca de 75 mil livros sobre criação de filhos nos últimos dez anos.¹ Diante disso, por que escrever um novo livro sobre criação de filhos? A resposta é simples: a criação de filhos de acordo com parâmetros cristãos está em desarranjo. As estatísticas apresentadas no capítulo 1 deste livro deixarão isso mais claro.

Não se trata de um assunto sem importância. A criação de filhos é crucial. O sucesso ou o fracasso podem qualificar ou desqualificar um homem para a liderança espiritual (1Tm3.1-13). Além disso, o subproduto dos sucessos ou fracassos da forma atual de criar filhos determinará a feição e o temperamento da igreja das gerações futuras.

Muitos não consideram que a Bíblia seja suficiente para equipar os pais. A maioria dos livros cristãos sobre criação de filhos toma por

base o mundo terapêutico e, em seguida, tempera tudo com alguns versículos bíblicos. Escrevi este livro para centralizar a criação de filhos na Bíblia, mais especificamente no cerne da Bíblia: o evangelho. Estou convencido de que o evangelho é suficiente para responder a todas as nossas perguntas sobre criação de filhos.

Embora a família norte-americana tenha se tornado uma polifonia de cônjuges divorciados, casais homossexuais e mães não casadas, foquei este material na cada vez mais rara família cristã, com uma mãe mulher e um pai homem, casados e vivendo sob o mesmo teto. Espero que este livro também ajude os milhões de pais e mães solteiros que combatem o bom combate sozinhos.

Duas experiências

Muitas experiências singulares afetaram minha maneira de encarar a criação de filhos. A primeira e mais poderosa aconteceu por meio da leitura da Bíblia. Quando meus filhos estavam na pré-escola, comecei a devorar a Bíblia, especialmente o livro de Provérbios. Quando minha filha mais velha estava no início da adolescência, descobri a teologia reformada e, com ela, um entendimento aprofundado do evangelho. Isso aumentou minha compreensão a respeito das *implicações* do evangelho na criação de filhos.

Segundo, a experiência de vida também causou um impacto sobre mim. Por 18 anos, dos meus 20 e poucos anos até os 40, minha família esteve na mesma igreja. Muitos dos nossos primeiros amigos eram casais jovens com filhos na pré-escola. Era um grupo leal e estável de famílias. Nossos filhos cresceram juntos.

Compartilhamos muitas experiências. Recebemos o mesmo ensinamento sobre como ser pais cristãos. A maior parte desse ensino era bíblico e prático. Frequentávamos a igreja fielmente todos os domingos e nos reuníamos em pequenos grupos durante a semana. Algumas de nossas crianças estudavam em escolas públicas, outras iam a escolas particulares cristãs e outras ainda eram ensinadas em casa. Nossos filhos cresceram em um sólido ambiente evangélico com todas as vantagens que uma comunidade cristã bastante unida e coesa pode prover.

Ao olhar para trás, para aquelas famílias e outras como elas, percebo que os resultados foram variados. Algumas crianças prosperaram. Sua fé demonstrada na juventude floresceu na vida adulta. Elas se casaram bem, tornaram-se participantes estáveis e produtivas em sua igreja local.

Houve aqueles que não se saíram tão bem. Muitos abandonaram completamente a fé professada por seus pais. Por quê? O que saiu errado? Por que alguns pais foram bem-

sucedidos e outros falharam? Foi um erro de método? A maioria dos pais disciplinava seus filhos, alguns mais do que outros. Todos os amavam.

Ao que parece, os resultados não têm nada a ver com o local *onde* a criança foi educada. Na minha experiência, não havia diferença qualitativa no resultado espiritual entre as crianças que haviam sido educadas em casa, em escolas cristãs ou em escolas públicas.

O denominador comum entre o sucesso e o fracasso parece ter sido a profundidade e a sinceridade espirituais do pai e da mãe, *especialmente a profundidade e a sinceridade espirituais do pai*. Parece haver uma forte correlação entre a fé, o compromisso e a sinceridade do cabeça da família e a vitalidade espiritual de seus filhos adultos.

Minha terceira experiência singular foi teológica. Quando meu filho mais velho tinha 13 anos e a mais nova 4, comecei a ler as obras de Jonathan Edwards. Tenho uma dívida inestimável para com esse teólogo e seus ascendentes puritanos. Foi com eles que aprendi

a centralidade da cruz. Em seus escritos descobri a obra interior do evangelho. Essas lições moldaram minha maneira de criar filhos.

Em minha experiência, os pais mais eficientes têm um entendimento claro da cruz e de suas implicações para a vida diária. As implicações são múltiplas. Elas incluem o temor a Deus, um casamento que prega o evangelho aos seus filhos, profunda humildade, gratidão, alegria, firmeza mesclada com afeição e ensinamento consistente, moldado pelos pais diariamente.

AVISOS

Todos os exemplos citados neste livro são sobre pessoas reais e situações reais, mas, quando se trata de pessoas que não são de minha família, mudei os nomes e as histórias de modo a preservar o anonimato daquelas. Além disso, em alguns casos combinei o exemplo de várias pessoas em uma única história.

Por todo o livro, as palavras *evangelho* e *cruz* são usadas como sinônimos. A cruz, contudo, não é o evangelho completo. O evangelho é a encarnação do Filho de Deus, sua vida sem pecado, sua morte substitutiva, sua ressurreição corpórea e sua ascensão ao céu, de onde ele um dia voltará à terra em glória. A cruz, por sua vez, é o coração e a alma do evangelho. É a sua fundação, sua obra, o centro fundamental. Por essa razão, às vezes me refiro à cruz como o evangelho. O contexto deixará claro o significado.

Por fim, este autor é um pecador. Meu maior pecado foi, e ainda é, a descrença – o medo em relação aos meus filhos (e agora meus netos), em vez de confiança na bondade de Deus. Meu segundo maior pecado, que procede do primeiro, é o orgulho, uma autoconfiança ímpia em minha própria habilidade de criar filhos, uma falta de dependência de Deus e uma falha em me prostrar diante de Deus com gratidão por sua bondade, mesmo quando os tempos são difíceis.

Todavia, Deus abençoou Judy e a mim. Todos os nossos filhos se casaram com cristãos dedicados. Todos servem na igreja local e todos possuem um relacionamento de fé vibrante com o Pai por meio de seu Filho, Jesus Cristo.

Digo isso não para me vangloriar, mas para dar esperança ao leitor. Se Deus fez isso por nós, ele certamente abençoará os seus esforços. Ao ler estes capítulos, tenha esperança e sinta-se incentivado. Deus é infinitamente bom e gracioso.

¹ BARNA, George. *Revolutionary Parenting*. Carol Stream, IL: Tyndale, 2007, p. xi.

Capítulo 1

Submarinos intelectuais

Lá estava eu, deitado na cama, completamente desperto, esquadrinhando com os olhos o teto escuro do quarto em busca de algum sinal de esperança.

— Você está acordada? — perguntei à minha esposa, Judy.

— Não consigo dormir.

— Em que você está pensando?

Eu não precisava perguntar a ela. Já sabia a resposta. Nossa filha estava namorando um amigo que não aprovávamos. Já passava da meia-noite. Além disso, desde que o relacionamento se iniciara, ela tinha ficado distante, rebelde e pouco cooperativa. As coisas não iam bem.

— Estou morrendo de preocupação — sussurrou minha esposa. — Não consigo dormir.

Eu refletia sobre as batalhas das últimas semanas. Minha filha, outrora complacente, se

tornara uma pessoa difícil. O mais angustiante era que ela mostrava pouco interesse por Cristo e pelas coisas espirituais. A influência de seu novo amigo não era boa. Pensei no título do livro de James Dobson, *Parenting Isn't for Cowards* [Criar filhos não é para covardes]. Eu era um covarde. Precisava de coragem. Precisava de esperança. E não tinha muita.

— Onde ela está? — perguntou minha esposa.
— O que eles estão fazendo? Ela anda tão diferente nos últimos tempos. Estou morta de preocupação.

Ansiedade, estresse e medo transbordavam de suas palavras. Eu não havia ajudado muito. Exasperado diante da triste rebelião de minha filha, cheguei até mesmo a flertar com a ideia de dar-lhe uma surra. O bom senso de minha esposa trouxe-me de volta à realidade. Era um momento de trevas. Estávamos desanimados e esgotáramos todos os nossos recursos. Talvez você já tenha se sentido assim.

Deus usou esse período escuro de nossa experiência na criação de filhos para nos humilhar profundamente, e somos gratos por

isso. Por vinte anos foi fácil criar nossos filhos. Tínhamos aquilo que muitos considerariam uma família exemplar. Infelizmente, começamos a ter orgulho da criação que dávamos aos nossos filhos. Havíamos começado a desprezar nossos amigos com adolescentes problemáticos. A Palavra de Deus é clara: “A soberba precede a ruína” (Pv 16.18); “Deus resiste aos soberbos” (Tg 4.6, citando Pv 3.34). Estávamos orgulhosos. O tempo de nos humilhar havia chegado. Deus resistiu a nós por meio dos problemas de nossa filha e fez com que nos ajoelhássemos. Passamos bastante tempo em oração e confissão. Ao olhar para trás, percebemos que esse foi um maravilhoso ponto de transição.

Felizmente, nossa filha também alcançou um ponto de transição por meio desse processo. Em um hotel imundo em Calcutá (sim, na Índia), gripada e com muita saudade de casa, aquela linda jovem clamou por Cristo. Um ano depois, Deus lhe concedeu um marido maravilhoso e piedoso. No momento em que escrevo, eles têm três filhos lindos e servem ativamente em nossa

igreja local. Ela se tornou um presente glorioso para a igreja, para seu marido, para seus filhos e para o restante de nossa família.

Contei essa história para que você saiba que eu e Judy não tínhamos “tudo sob controle”. Como acontece com todos os pais, aprendemos com a graciosa disciplina de Deus que somos absolutamente dependentes do Espírito de Deus para completar o processo de criação de filhos. Temos um único trabalho: ser fiéis. Trazer os resultados é trabalho de Deus!

Pressupostos

Antes de iniciar o capítulo 2, que analisa profundamente a tese deste livro, quero examinar alguns pressupostos bíblicos sobre a criação de filhos. Pressupostos são a base de nossos pensamentos. São submarinos intelectuais invisíveis que navegam por baixo da superfície de nossa consciência. Nós os presumimos. Raramente pensamos neles. Contudo, todas as nossas conclusões sobre a vida fluem a partir desses pressupostos.

Da mesma forma, todas as nossas conclusões sobre a *criação de filhos* fluem a partir de nossos pressupostos inconscientes sobre Deus, o homem e a derradeira realidade. Num aspecto coletivo, elas constituíam nossa cosmovisão sobre a criação de filhos – uma cosmovisão diametralmente oposta à do mundo secular.

Os pressupostos são bastante práticos. Eles sempre calçam sapatos e saem andando. J. Gresham Machen notou que aquilo que hoje é especulação acadêmica amanhã poderá

movimentar exércitos e derrubar impérios. Francis Schaeffer adicionou: “As pessoas possuem pressuposições [pressupostos] e viverão de maneira mais consistente com base nessas pressuposições do que até elas próprias são capazes de perceber”.¹ Isso também é verdadeiro com relação à criação de filhos.

Sua capacidade de ser eficiente na criação de filhos dependerá de seus pressupostos. Quero tratar de cinco pressupostos dos quais você precisará ter em mente para poder entender o restante deste livro.

Criar filhos não é fácil

Primeiro, não é possível ser um pai ou uma mãe perfeito. Comecei contando a história de nosso problema para enfatizar isso. Se você fosse capaz de criar filhos de maneira perfeita, seus filhos talvez não precisassem de um Salvador. Mas você não é perfeito. Do lugar onde está, você não consegue sequer ver a perfeição. Portanto, seus filhos precisarão desesperadamente de Cristo.

Seus pecados, fracassos e imperfeições produzirão conflito com seus filhos e desentendimentos com seu cônjuge. Em alguns momentos, você sentirá profundamente essas imperfeições.

Além das suas imperfeições, existe o estresse do mundo externo. Alguns de seus filhos podem morrer prematuramente, outros podem entrar no mundo dos problemas intrínsecos e ainda outros, como os nossos, podem passar por difíceis estágios de rebelião. Alguns podem ser brilhantes, talentosos ou ter boa aparência.

Outros podem ser lentos, medianos ou carecer de atrativos. Alguns terão personalidade fácil. Outros exigirão toda nossa tenacidade e perseverança para serem amados.

Pelo fato de a criação de filhos ser difícil, e porque você é imperfeito, precisará da graça que é obtida por meio do evangelho. Deus usará esses problemas para aprofundar sua dependência dele. Você experimentará estresse e obstáculos. Eles acontecerão para que, quando seus filhos chegarem à fé salvadora, você se glorie em Cristo, não em seus esforços. Tal como Paulo, você dirá: “... trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15.10).

Você precisará da graça e precisará saber onde obtê-la. Exatamente pelo fato de você ser tão falho, o evangelho, a obra salvadora de Cristo, deve ser o seu refúgio.

Os pais eficientes não esperam uma caminhada fácil. Eles antevêm que ela será difícil, mas o resultado final – filhos adultos centrados em Cristo, pessoas agradáveis que vão se casar com parceiros dos quais você realmente

gosta – fará com que todo esforço tenha valido a pena.

Deus é soberano, mas ele usa meios

Segundo, os pais eficientes pressupõem duas verdades que se expandem em direção à eternidade e nunca encontram uma solução intelectual satisfatória. Primeiro, Deus é soberano sobre a salvação de seu filho: “...ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o *quiser* revelar” (Mt 11.27). É por isso que muitos que vêm de lares não cristãos tornam-se cristãos. Também é por isso que nenhum filho de lar cristão pode se voltar para o Pai a não ser que Jesus o atraia.

Segundo, eles pressupõem que Deus usará os meios normais de graça para atrair seus filhos para si mesmo. Os pais são os “meios” que Deus quer usar para alcançar seus filhos para Cristo.

Manter essas duas ideias – a soberania de Deus e a responsabilidade do homem – em antagonismo é importante. Quando não é

compreendida corretamente, a soberania de Deus pode terminar em fatalismo.

Conheci um pai cujos filhos estavam completamente fora de controle. Ele era passivo. Eu estava preocupado, de modo que tentei me aproximar dele.

— Tenho observado seus filhos — disse. — Parece que eles precisam de disciplina. Precisam de mais de envolvimento e de atenção da sua parte.

— Deus é soberano — respondeu ele. — Ele pode salvá-los ou não. Não importa o que eu faça. Deus decidiu a salvação deles no concílio eterno da Trindade antes de o mundo ser criado.

Sua resposta foi parcialmente verdadeira, mas foi distorcida por não estar completa. Sim, Deus é soberano. Mas existe uma verdade paralela: *Deus usa meios*. Deus dá aos filhos pais para que sejam atraídos a ele mesmo. Ele pode usar outros meios, mas prefere os pais. O argumento deste livro é que Deus normalmente exerce sua soberania por meio de pais que praticam fielmente a criação bíblica de filhos.

Vamos constantemente pressupor essas duas

verdades. Deus é soberano, mas os pais são responsáveis. A soberania de Deus é nossa esperança. Os pais dependem totalmente de Deus. Ele pode salvar qualquer filho, por mais obscuras que sejam as circunstâncias. Por outro lado, Deus normalmente alcança filhos por meio de seus pais. É fatal firmar-se apenas na soberania de Deus e negligenciar a fidelidade parental. Contudo, também é um erro presumir que tudo depende de nós. Não depende. De fato, nenhum de nossos esforços prevalecerá a não ser que Deus conceda o dom da fé a nossos filhos. Somos, ao mesmo tempo, totalmente dependentes e responsáveis.

Um bom ataque

Terceiro, os pais eficientes pressupõem que uma boa ofensiva é melhor do que uma defesa.

Nada é mais mortal para um time de futebol com um bom ataque do que uma mentalidade defensiva. Em vez de se concentrar em atacar e marcar, alguns técnicos adotam a “defesa preventiva”. Essa estratégia abre mão de pequenos ganhos para impedir o “grande jogo”. Em vez de os jogadores do time pensarem em marcar pontos, eles passam a pensar em impedir que o outro time marque. Todos nós já vimos essa tática impedir grandes vantagens de um oponente com mentalidade agressiva, ofensiva e atacante.

Os pais podem fazer a mesma coisa. O Dr. Tim Kimmel chama isso de “criação de filhos baseada no medo”.² Ou nos concentramos em preparar nossos filhos para entrar no mundo e conquistá-lo ou podemos nos concentrar em proteger nossos filhos do mundo. Uma mentalidade defensiva se preocupa com as

influências malignas de coisas como halloween, papai Noel, coelhinho da Páscoa ou a presença de não cristãos no time de futebol da escola. Embora a criação de filhos sempre envolva alguma proteção, esse não deve ser o foco principal de pais bíblicos.

É comum que essa mentalidade defensiva seja fruto de legalismo. O pai legalista normalmente presume que seu filho ou filha já nasceu de novo. Mas esse pai tem pouca confiança no *poder* do novo nascimento. Para ele, portanto, criar filhos tem tudo a ver com proteger os filhos da influência maligna exterior.

Essa abordagem pode ser mortal. Um amigo que se formou em uma séria escola evangélica de ensino médio e ainda mantinha contato com seus colegas de formatura disse-me recentemente que a maioria deles (mais de 70%) fumava maconha e estava envolvida em promiscuidade sexual.

— O que deu errado? — perguntei.

— Uma vez que os filhos iam à igreja e frequentavam uma escola cristã do ensino

médio, os pais presumiram que os filhos eram nascidos de novo – respondeu meu amigo.

Uma vez que aqueles pais presumiram o novo nascimento de seus filhos, tudo o que restava era protegê-los. É por isso que muitos deles enviaram seus filhos para escolas cristãs de ensino médio.

Outro exemplo é o de um amigo pastor que tem cinco filhos adultos. Somente um segue a Cristo hoje. O que deu errado? Um homem que o conhecia bem descreveu seu estilo de criação de filhos da seguinte maneira: nada de televisão, de cinema, de educação pública ou de amigos não cristãos. Em outras palavras, seu foco era defensivo, ele protegia seus filhos.

Este livro partirá da premissa de que pais eficientes possuem uma mentalidade ofensiva. Considerará que seus filhos não são cristãos. Considerará que eles precisam do impressionante e vencedor poder do novo nascimento. Considerará que, assim que os filhos o obtiverem, esse poder os protegerá do mundo. “Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1Jo 4.4). Lemos em

1João 5.4: “... todo o que é nascido de Deus vence o mundo”. E, de acordo com 1João 3.9, “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus”.

Em outras palavras, este livro partirá do pressuposto de que pais eficientes equipam seus filhos para vencer o mundo – não por meio de mudança e controle de seu ambiente (coisas externas a seus filhos), mas indo atrás do *coração de seus filhos*. Mudamos o coração deles ensinando o evangelho, servindo de modelo do evangelho e centrando nosso lar no evangelho. O evangelho, corretamente entendido e modelado, torna o cristianismo atraente. Os pais eficientes tornam o evangelho tão atraente que o mundo não consegue espaço no coração de seus filhos.

Thomas Chalmers (1780–1847), um presbiteriano escocês, escreveu um famoso ensaio intitulado *The expulsive power of a new affection*. Nesse texto, Chalmers propõe que a melhor maneira de superar o mundo não é com

moralidade ou autodisciplina. Os cristãos vencem o mundo ao enxergar a beleza e a excelência de Cristo. Eles superam o mundo ao ver algo mais atraente do que o mundo: Cristo, “em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (Cl 2.3). Um homem que possui um Ferrari não se interessa por um carro popular. Do mesmo modo, os pais cristãos tentam fazer Cristo e seu reino gloriosos. Seus filhos vencem os desejos deste mundo com uma paixão maior: a beleza moral de Cristo.

Comparativamente, pais defensivos têm pouca confiança na atratividade do evangelho. Eles pensam que o mundo é mais poderoso. Basicamente, eles não confiam que o poder do evangelho possa transformar seus filhos de dentro para fora. Eles não acreditam nas palavras de Jesus: “... tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33). Têm pouca confiança no poder do novo nascimento de vencer o mundo.

Eu e minha esposa vimos na prática o fruto dessa abordagem. Todos os nossos cinco filhos

frequentaram escolas do ensino médio públicas e, em seguida, os quatro mais velhos se matricularam em universidades públicas. Apesar do rude ambiente não cristão – e até mesmo anticristão – (que era nauseante), eles prosperaram espiritualmente. Por quê? Através do milagre do novo nascimento, Deus transformou o coração deles. Para eles, o Espírito Santo havia começado a revelar o valor superlativo de Jesus Cristo. A convicção de que a sua felicidade estava plenamente ligada a seu relacionamento com Cristo havia começado a germinar e crescer. A sedução do mundo não conseguia competir.

Quando chegaram à universidade, buscaram imediatamente a comunhão cristã. Não os obrigamos a fazer isso. Nem sequer sugerimos que fizessem isso. Eles o fizeram porque seu coração já estava no reino de Deus. Eles vicejaram nesse ambiente. Encontraram e se casaram com parceiros cristãos entusiasmados.

Como demos isso a nossos filhos? Não demos. Não poderíamos dar. Só Deus pode conceder essa mudança. Foi o milagre do novo

nascimento. Sou e serei eternamente grato por sua graça *imerecida* e sua misericórdia para comigo e Judy. Quero dizer o seguinte: nossa abordagem na criação de filhos foi fundamentalmente ofensiva, não defensiva. Apontamos todas as nossas flechas na direção do coração de nossos filhos, cientes de que, assim que seus corações fossem transformados, a batalha das decisões estaria encerrada e vencida. O restante da vida deles seria apenas de limpeza de território.

Por outro lado, os muitos pais que presumem a existência do novo nascimento na vida de seus filhos têm pouca confiança no novo nascimento e, portanto, derramam todas as suas energias na proteção. Muitas vezes seus filhos nunca recebem de fato o novo nascimento, e saem de casa agradecidos por estar longe das regras e das restrições de seus pais. Eles não possuem ferramentas no coração para combater a sedução do mundo. Vão aonde seu coração deseja ir, para algum local distante de Deus.

O que motiva a abordagem defensiva? Estou convencido de que os pais com mentalidade

defensiva normalmente não conseguem entender o poder do evangelho. Eles têm pouca confiança no poder do novo nascimento; não entendem o papel do coração na conversão e na santificação. Em vez disso, enfatizam o ambiente externo do filho. Colocam sua confiança em regras, restrições e proteções.

Entenda o novo nascimento

Quarto, pais eficientes entendem o novo nascimento. Estatisticamente, a maioria dos pais cristãos presume que seus filhos nasceram de novo. Esse pode ser seu maior erro na criação dos filhos.

A revista *World* citou o novo livro de Christian Smith e Melinda Lundquist Denton, intitulado *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers*.³ Depois de entrevistar três mil adolescentes norte-americanos sobre suas crenças religiosas, os autores as resumiram com a frase *Deísmo Terapêutico Moralista*, ou MTD na sigla em inglês.

Os adolescentes entrevistados acreditavam numa combinação de obras e justiça, religião como bem-estar psicológico e um deus distante que não interfere.⁴ Ironicamente, muitos desses jovens deístas eram ativos em suas igrejas. “A maioria dos adolescentes religiosos ou não compreendia de fato o que suas próprias

tradições religiosas dizem sobre aquilo em que eles devem acreditar”, concluíram Smith e Denton, “ou não entendia e não se importava em crer naquilo”. O autor do artigo destacou que “o MTD se tornou ‘a religião civil dominante’. E é um cristianismo americano ‘colonizador’”.⁵

É importante que todo pai cristão faça uma distinção entre o MTD e o cristianismo. Uma criança pode ser submissa e bem-comportada, frequentar o culto de domingo e se socializar com o grupo de jovens da igreja, mas simplesmente adota a MTD. Muitas pessoas “bacanas” não são cristãs. Ser “bacana” tem pouco a ver com o cristianismo.

Os hábitos sexuais de filhos evangélicos também revelam a prevalência do MTD. O sociólogo Mark Regnerus expõe em seu livro *Forbiddenfruit: Sex & religion in the lives of American teenagers*⁶ o fracasso dos lares evangélicos em discernir e moldar os valores espirituais de seus filhos.⁷ O autor destaca que adolescentes evangélicos são simplesmente tão ativos sexualmente quanto seus amigos não

cristãos. De fato, há evidências de que os adolescentes evangélicos como um todo podem ser *mais sexualmente ativos*. Aqueles que se identificam como adolescentes evangélicos tendem a ter seu primeiro encontro sexual numa idade menor (aos 16,3 anos) do que os protestantes liberais, que tendem a perder a virgindade aos 16,7 anos. E os jovens evangélicos têm muito mais possibilidade de ter tido três ou mais parceiros sexuais (13,7%) do que os não evangélicos (8,9%). O que dizer das promessas de abstinência? Os que prometem se abster – por um tempo –, postergam o sexo em média 18 meses, no entanto 88% dos que prometem acabam quebrando seus votos.

Essas e outras descobertas similares sugerem que os adolescentes evangélicos norte-americanos não estão muito distantes de seus amigos descrentes. Por quê? Quero sugerir que um pressuposto crucial explica essas estatísticas desanimadoras.

A maioria dos pais cristãos presume que o comparecimento na igreja ou o envolvimento em grupos de jovens é igual ao novo

nascimento. Os pais são ingênuos em relação ao novo nascimento e seus sinais. “Uma das razões principais de os evangélicos normalmente não se destacarem”, comenta Regnerus, “é que a medida em si – a afiliação a uma congregação evangélica protestante – não é um parâmetro da religiosidade dinâmica, mas simplesmente de *afiliação*. Existe um número enorme de adolescentes e adultos evangélicos religiosamente apáticos na América”.⁸

Regnerus faz uma colocação bastante interessante: “a afiliação” a uma igreja não é cristianismo. Como diz o velho ditado, seu filho pode dormir na garagem por um mês, mas isso não fará dele um carro. Seus filhos devem nascer de novo para “ver” ou “entrar” no reino de Deus (Jo 3.3-5).

Até mesmo o testemunho de uma criança de que “aceitou Jesus” ou “pediu que Jesus entrasse em seu coração” significa pouca coisa. Tudo isso porque é Deus quem inicia o novo nascimento. Naturalmente, a criança é responsável por responder a Deus com fé e

arrependimento. Uma criança, no entanto, pode passar por esses passos e não ter a fé salvadora e o arrependimento que indiquem o novo nascimento. O novo nascimento é uma mudança radical do coração que introduz novos desejos, novos amores e uma nova direção para a vida. “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus” (1Jo 3.9).

Tom Bisset destaca quatro razões pelas quais uma massa de adolescentes evangélicos abandonam a fé. A quarta razão é que eles não a assumem para si.⁹ Em outras palavras, eles nunca nasceram de novo. A. W. Pink observa que

O novo nascimento é muito mais do que simplesmente derramar algumas lágrimas devido a um remorso passageiro pelo pecado. É muito mais do que mudar o curso de nossa vida, abandonar velhos hábitos e substituí-los por outros bons. É algo diferente da mera valorização e prática de ideais nobres. É algo infinitamente mais profundo do que ir à frente

para apertar a mão de algum evangelista popular, assinar uma ficha de interesse ou “filiar-se à igreja”. O novo nascimento não é apenas começar um novo capítulo, mas é o princípio e o recebimento de uma nova vida. Não é uma simples reforma, mas uma transformação completa. Em resumo, o novo nascimento é um milagre, o resultado da operação sobrenatural de Deus. É radical, revolucionário, duradouro.¹⁰

Recentemente, perguntei a um grupo de quatro casais jovens, casados, quando eles haviam se chegado a Cristo. Todos eles disseram algo mais ou menos assim:

— Pedi a Jesus que entrasse em meu coração quando estava no acampamento do ensino fundamental, mas não levei o cristianismo realmente a sério até o final da adolescência ou até a idade de vinte e poucos anos.

Eu respondi:

— Diante disso, o que você está realmente dizendo é “pedi a Jesus que entrasse em meu coração quando estava no ensino fundamental, mas minha vida não girava de fato em torno de Jesus, ele não estava de fato no trono da minha

vida, não confiei cada vez mais minha vida e meu futuro a ele até que cheguei à vida adulta”. Está correto?

— Sim, essa é uma boa descrição.

— O novo nascimento – respondi – significa que alguém entronizou a Cristo no centro de sua vida. Você se torna um cristão quando sua vida, seu pensamento e seu comportamento começam a girar em torno de Jesus Cristo. Até que isso aconteça, profissões de fé e decisões significam pouca coisa. Ter o comportamento transformado que brota de um transplante espiritual de coração é a única evidência segura de novo nascimento.

Meus amigos eram como tantos de nós. Tinham ideias simplistas sobre o novo nascimento. Achavam que uma decisão por Cristo era o mesmo que o novo nascimento. Mas a verdade é diferente. A conversão está fora do nosso controle. Deus é soberano sobre esse processo. “O Filho vivifica aqueles a quem quer” (Jo 5.21). Em seu livro *Spiritual birthline*, Stephen Smallman escreve:

A lição aprendida das marcas de nascença – que não podemos provocar o nascimento espiritual, ou que não podemos fazer o nascimento espiritual acontecer até que ele esteja pronto – também se aplica aos nossos filhos. Confiamos em Deus, mas também estamos dispostos a esperar.¹¹

O resumo é o seguinte: o novo nascimento é conhecido por seus frutos, não por uma decisão. O fruto mais importante é o anseio pelo próprio Deus. Pais eficientes pressupõem isso, e esperam pacientemente pelo fruto contínuo antes de poderem dar um veredicto.

Deus *concede* o novo nascimento aos filhos de pais que o agradam. Nem a criança, nem o pai podem merecer o novo nascimento. Ele é um dom da graça. Mas aquele que crê e vive da maneira como realmente crê, esse agrada a Deus. A expressão de fé que agrada a Deus, presente nos pais, é o temor a Deus. (Falarei mais sobre isso no capítulo 3.)

Deus é soberano. Às vezes ele regenera filhos de pais que não o agradam. Às vezes o novo nascimento é repentino e dramático. O

beneficiário se lembra do dia e da hora. Às vezes o cristão não tem certeza de quando ele ocorreu. Para a maioria, ele acontece durante um processo de crescimento na fé. A pessoa não consegue identificar o exato momento nem o dia.

O novo nascimento normalmente chega aos filhos por meio de ensinamento, exemplo e relacionamento que eles têm com seus pais, especialmente com o pai. Pais que são meios de graça concedidos para efetuar a conversão do filho.

A moral é simples: seja sábio. Não presuma o novo nascimento de seu filho até que consiga ver uma evidência sólida. O primeiro sinal é uma fome crescente por Deus. Outros sinais são fome de santidade, obediência crescente aos pais e desejo de orar em secreto e ler a Bíblia.

Famílias centradas em filhos

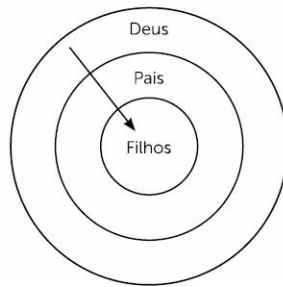
Quinto, os pais eficientes não são centrados nos filhos. Eles são centrados em Deus. Eles se esforçam para colocar Deus no centro de sua família. Os pastores puritanos da Nova Inglaterra do século 18 advertiam suas congregações a não amarem demais seus filhos. Se vivessem hoje, eles poderiam dizer “não coloquem seus filhos no centro de sua vida. Esse lugar pertence a Deus”.

Ken e Jackie eram pais sinceros. Mas sua sinceridade era um problema. Eles amavam seus filhos. Na verdade, eles os amavam demais. O filho mais velho era um atleta habilidoso. O destaque do time de futebol sub-16. Uma vez que o treino do time acontecia no horário do jantar, a família parou de se reunir para aquela refeição. Eles tinham o hábito de orar e ler a Bíblia após as refeições. Isso também acabou.

Sua filha era uma bailarina extremamente talentosa. Suas aulas eram caras. Ken e Jackie não conseguiam pagá-las e dar o dízimo ao

mesmo tempo. “Vamos voltar a ofertar quando ela se formar”, decidiram eles.

Fig. 1 – Família centralizada no filho

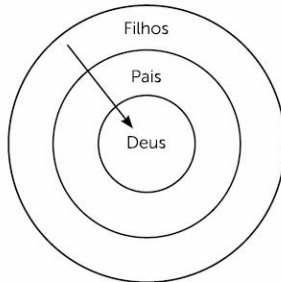


Não demorou muito e a família começou a viajar para participar de torneios de futebol. A maioria acontecia aos domingos, de modo que o comparecimento à igreja tornou-se cada vez mais esporádico. Lentamente, seu mundo social começou a girar em torno de outros pais de jogadores no lugar da família da igreja. Embora seu filho e sua filha frequentassem as atividades de jovens da igreja, o futebol e o balé sempre vinham em primeiro lugar. Aos dezesseis anos, sua filha começou a fazer apresentações com companhias profissionais de balé em cidades distantes. Não demorou muito e a família começou a viajar para suas apresentações de final de semana.

Por fim, os filhos saíram de casa para os estudos universitários. Depois de poucos anos,

os dois pararam de frequentar a igreja. Esqueceram-se de Deus. Jogaram-se de cabeça em seus interesses verdadeiros, que eram o esporte e a dança. Ken e Jackie ficaram profundamente perturbados. “O que deu errado? O que podemos fazer para termos nossos filhos de volta?”, pensavam eles.

Fig. 2 – Família centralizada em Deus



Eles haviam cometido um erro comum. Centralizaram sua família em torno dos filhos. É importante amar seus filhos, mas existe uma linha tênue entre o amor parental sadio e a adoração aos filhos. Sabemos que essa última acontece quando começamos a deixar de lado a vontade de Deus em favor de nossos filhos ou de outras atividades. Ken e Jackie pararam de contribuir com a igreja e de orar como família. Fizeram do futebol e do balé, não da igreja

local, o centro em torno do qual sua família orbitava (figura 1). O comprometimento sempre aponta a idolatria. Ele desagrada a Deus. O Senhor não gosta de concorrentes, especialmente quando estes são nossos filhos.

Os filhos de Ken e Jackie imitaram seus pais. Mamãe e papai os ensinaram muito bem. A igreja não era importante. Deus não estava no centro da vida deles. O que realmente importava eram as atividades de seus filhos. Ken e Jackie haviam colocado seus filhos e o sucesso deles no trono da família. Seus filhos ouviram a mensagem, entenderam e a seguiram.

Por outro lado, Tim e Angie centralizaram seu lar em Deus e na vontade dele (figura 2). Tim disse ao técnico de futebol de seu filho: “Meu filho está disponível qualquer dia, exceto aos domingos. Sinto muito se isso causa algum transtorno ao time, mas Deus é mais importante para nós do que o futebol”. Isso foi um problema. O filho de Tim era o melhor jogador do time. Eles precisavam dele para vencer. O técnico e os outros jogadores colocaram uma

pressão enorme sobre Tim para que ele abrisse mão dos domingos, mas ele se recusou a ceder.

Do mesmo modo, quando Tim descobriu que as aulas de piano de sua filha aconteceriam durante o horário de jantar de sua família, ele gentilmente pediu a ela que encontrasse outro professor, lembrando a ela que a hora do jantar da família era sagrada. Era o único momento em que a família estaria junta, e a unidade da família era mais importante do que suas aulas de piano.

As decisões de Tim podem parecer pequenas, mas elas tiveram enormes consequências em longo prazo. Tim centralizou sua família em Deus e em sua vontade. Ken centralizou sua família em seus filhos. Deus estava no centro da família de Tim e Angie. O mundo de Ken orbitava em torno de seus filhos. As decisões de Tim desapontaram seus filhos no curto prazo, mas os ganharam para Cristo no longo prazo. Ken e Jackie achavam que estavam amando seus filhos, mas de fato estavam perdendo o respeito de seus filhos, afastando-os por meio de mimos excessivos.

A primeira carta de Paulo aos coríntios descreve como é uma família centrada em Deus: “Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo” (1Co 11.3). Para Paulo, a família cristã é hierárquica. *Hierarquia* é uma palavra indecente em nossa cultura antiautoritária. Contudo, a palavra céu, cheia de alegria, amor e paz, é profundamente hierárquica. Deus Pai é Senhor de tudo, Deus Filho se submete à sua autoridade e o Espírito Santo se deleita em obedecer tanto ao Pai quanto ao Filho.

Se o céu permeia nosso lar, este também será hierárquico. Cristo é o Cabeça de todo marido; ele governa pela morte. O marido é o cabeça de sua esposa; Deus pede que ele governe da mesma maneira. Os filhos se submetem a Deus por meio de seus pais.

Em uma família centrada em Deus, todos servem a Deus ao se submeterem à autoridade acima deles. O marido se concentra em agradar a Deus, não à sua esposa. A esposa se concentra em agradar a Deus ao se submeter à autoridade

de seu marido em vez de agradar a seus filhos. Os filhos agradam a Deus ao honrar e obedecer a seus pais.

Esse conceito se aplica igualmente a pais solteiros. O cabeça da família pode ser uma mãe solteira, mas ela ainda é o cabeça de sua família e ainda pode colocar seu lar sobre o gracioso domínio de Deus.

O ponto onde uma família está centralizada – Deus ou os filhos – dependerá primeiramente de onde o cabeça da família se concentra. Ele procura agradar a Deus ou a seus filhos? Ele está disposto a desapontar a família para agradar a Deus ou teme a desaprovação de todos? Ele possui uma clara compreensão da vontade de Deus para sua família ou as nuances da era terapêutica conseguiram evangelizá-lo? Ele teme a desaprovação de Deus ou a desaprovação de sua família?

Uma família centrada em Deus também exige a cooperação de um cônjuge piedoso. A esposa é capaz de confiar que Deus falará por meio de seu marido, ou ela é resistente aos esforços de liderança dele? Ela está disposta a confiar em

Deus para criar seus filhos por meio de seu marido ou está constantemente tomando as rédeas do poder e do controle? Ela encoraja seu marido a liderar ou teme a liderança dele?

Os sintomas da centralidade de Deus são numerosos. O primeiro é uma disposição de dizer “não” a um filho quando se tem em mente o melhor que pode acontecer a ele. O segundo sintoma é um casamento no qual papai e mamãe estão unidos diante de seus filhos, mesmo quando eles discordam sobre uma direção na criação dos filhos. O terceiro sintoma da centralidade de Deus é a disposição de fazer o casamento mais importante do que os filhos. Nossos filhos ficarão conosco por um espaço de tempo, de 18 a 25 anos. A maioria dos casamentos tem tantos anos sem filhos quanto anos com eles. É um grande erro colocar os filhos à frente do casamento. O quarto sintoma é a disposição de ser diferente. Lares centrados em Deus serão radicalmente diferentes.

Concluindo, é realmente doloroso construir a vida ao redor dos filhos em vez de em torno de Deus. Isso prejudica os filhos, destrói o

casamento e, mais importante, desagrada a Deus.

Resumo

Este capítulo defende que os pressupostos são importantes. No fim, eles ganham vida e saem andando, afetando de maneira prática nossa maneira de criar os filhos. Abordamos brevemente cinco pressupostos que os pais precisam ter. Primeiro, os pais cristãos eficientes presumem que a criação de filhos não é fácil, mas, no final, as recompensas farão tudo valer a pena.

Segundo, os pais cristãos eficientes estão dispostos a manter em equilíbrio a soberania de Deus e a responsabilidade que eles têm.

Terceiro, os pais cristãos eficientes assumem uma mentalidade ofensiva. Eles saem em busca do coração de seus filhos. Fazem todo o possível para tornar o evangelho atraente. Proteger os filhos da influência do mundo não é seu objetivo principal.

Quarto, os pais cristãos eficientes são perspicazes em relação ao novo nascimento. Eles não o presumem. Eles entendem a natureza

do novo nascimento e procuram cuidadosamente os seus sintomas.

Quinto, os pais cristãos eficientes trabalham para concentrar suas famílias em Deus, não em seus filhos.

Em tudo isso, fizemos constante referência ao evangelho. A tese deste livro é que o evangelho nos capacita para criar eficientemente nossos filhos. É a esse argumento que vamos nos voltar no capítulo 2.

Perguntas para estudo

1. Em poucas palavras, resuma o ponto principal deste capítulo.
2. Com quais pressupostos seus pais criaram você? De que maneira aqueles pressupostos nortearam a maneira como você cria seus filhos?
3. Qual pressuposto deste capítulo é mais importante para você na fase atual de criação de filhos?
4. Quais pressupostos mencionados neste capítulo você não aceitou? Por quê?
5. Você consegue pensar em quaisquer outros pressupostos que seriam importantes para uma cosmovisão cristã para a criação de filhos?
6. Qual desses pressupostos é o mais difícil de ser vivido? Por quê?
7. Quais pressões de nossa cultura impedem que creiamos ou apliquemos esses pressupostos? Por quê?

¹ SCHAEFFER, Francis. *How Should We Then Live?*

Westchester, IL: Crossway, 1976, p. 19.

² KIMMEL, Tim. *Grace-Based Parenting*. Nashville: Thomas Nelson, 2004, p. 12–13.

³ SMITH, Christian; DENTON, Melinda Lundquist. *Soul Searching*. Nova York: Oxford University Press, 2005.

⁴ Gene Edward Veith, “A Nation of Deists”, *World*, 25 de junho de 2005. “Depois de entrevistar mais de 3 mil adolescentes, os cientistas sociais resumiram as crenças deles: 1) Existe um deus que criou e ordenou o mundo e observa a vida humana na terra. 2) Deus quer que as pessoas sejam boas, agradáveis e justas umas com as outras, conforme ensinado na Bíblia e pela maioria das religiões mundiais. 3) O objetivo central da vida é ser feliz e sentir-se bem em relação a si próprio. 4) Deus não precisa estar particularmente envolvido na vida de uma pessoa a não ser quando ele for necessário para resolver um problema. 5) Pessoas boas vão para o céu quando morrem.

⁵ Ibid.

⁶ REGNERUS, Mark. *Forbidden Fruit*. Nova York: Oxford University Press, 2007.

⁷ Gene Edward Veith, “Sex and the Evangelical Teen”, *World*, 11 de agosto de 2007, p. 9.

⁸ Regnerus, *Forbidden Fruit*, p. 154.

⁹ BISSET, Tom. *Why Christian Kids Leave the Faith*. Grand Rapids: Discovery House Publishers, 1992, citado em SISEMORE, Timothy. *World-Proof Your Kids*. Fearn, UK: Christian Focus, 2007, p. 26.

¹⁰ PINK, A. W. *The Sovereignty of God*. 1928; reimp., Edinburgo: Banner of Truth, 1993, p. 79.

¹¹ SMALLMAN, Stephen. *Spiritual Birthline*. Wheaton, IL: Crossway, 2006, p. 142.

Capítulo 2

Criação de filhos no poder do evangelho

Você já deixou passar uma coisa que é óbvia?

Um dia, o aquecedor elétrico de nossa casa parou de funcionar. Era inverno. Estava muito frio e eu fiquei desesperado. Desmontei o termostato e procurei algum defeito. Nada! Verifiquei toda a fiação da casa. Tudo parecia estar funcionando. Depois de trinta minutos de uma busca frenética e de testes, finalmente desisti e chamei o técnico da empresa de aquecedores. Era uma manhã de sábado.

— Como estamos no final de semana, o valor da mão de obra é de cem dólares por hora — advertiu gentilmente a atendente da empresa. — O tempo começa a contar a partir do momento em que o técnico sai da oficina e para quando ele retornar à empresa.

Engoli em seco. Mas o que eu poderia fazer? A família estava com frio. Não poderíamos

esperar até segunda-feira.

— Obrigado por avisar — eu disse —, mas estou desesperado. Mande o técnico o mais rápido possível!

Cerca de uma hora depois, o técnico bateu à nossa porta com uma impressionante variedade de ferramentas penduradas no cinto. Carregando uma lanterna na mão, ele desapareceu no nosso porão. Cinco minutos depois, ele retornou.

— Tenho boas notícias — resmungou ele. — Foi um conserto simples. O disjuntor do sistema de aquecimento estava na posição “*off*”, e eu o coloquei na posição correta — disse o técnico. A conta ficou em 150 dólares.

Dizer que me senti estúpido seria minimizar a questão. O que poderia ser mais *óbvio* do que um disjuntor? Mesmo assim, foi o lugar que não pensei em olhar.

As coisas espirituais funcionam da mesma maneira. Às vezes desprezamos o óbvio. No que se refere à tarefa de criar filhos, a fonte mais óbvia e negligenciada para a obtenção de ajuda é o evangelho. Nós o presumimos, mas raramente vemos sua aplicação na tarefa de criar

os filhos. Contudo, ele é tão fundamental para a criação eficiente dos filhos quanto o disjuntor o é para o sistema de aquecimento.

Paulo nos diz que o evangelho “é o poder de Deus para a salvação” (Rm1.16). Mas seu poder não termina ali. O evangelho também é o poder de Deus para a criação de filhos. Defendemos no primeiro capítulo que a questão é o coração dos nossos filhos. A aplicação efetiva do evangelho capacita os pais a alcançar o coração de seus filhos.

Essa é a tese deste livro. Mas antes de partirmos para seu desenvolvimento, quero fazer uma pausa e definir o que é a *criação de filhos*.

Definição de *criação de filhos*

Existem muitas definições de *criação de filhos*. A *Wikipédia*, por exemplo, destaca no verbete em inglês “*Parenting*” que criação de filhos “é o processo de criar e educar uma criança do nascimento até a idade adulta”.¹ Para os cristãos, porém, essa definição é inadequada, pois ela ignora o derradeiro objetivo da criação de filhos: a eternidade.

Os cristãos criam os filhos com os olhos na eternidade. Seus filhos viverão *para sempre*. Essa é uma ideia impressionante. Não conseguimos imaginar o que é “para sempre”. Todavia, o destino de nossos filhos será o amor que supera o conhecimento, alegria inexplicável e cheia de glória, com paz que excede todo o entendimento, ou então será choro, lamento e ranger de dentes. Não há meio-termo. O cristão, portanto, não cria os filhos apenas para esta vida. O pai cristão trabalha para preparar cada filho para o dia do julgamento. Não há como expressar o que está em jogo.

Tomando emprestada uma metáfora apresentada por Randy Alcorn, se a duração da vida de um filho fosse uma linha que se prolonga para sempre, o tempo da criança na terra seria um pequeno período, praticamente invisível a olho nu. Isso continuaria valendo ainda que seu filho vivesse dez mil anos, porque qualquer período de tempo finito colocado ao lado da eternidade se torna cada vez menor à medida que a linha da eternidade fica cada vez mais longa. Seu filho não viverá dez mil anos. A expectativa de vida dele gira em torno de 75-80 anos. O mais importante é que nossa única chance de influenciar esse destino dura apenas 18 curtos anos.² Temos uma única bala. Não há segunda chance.

Os pais cristãos têm um único objetivo nessa pequena janela de oportunidade. É transferir o bastão da fé em Cristo à próxima geração. A vitória nem sempre fica com a equipe de revezamento dos 400 metros que for mais rápida. Ela sempre vai para a equipe que passa o bastão da maneira mais eficiente. Ainda que os

corredores sejam rápidos, se a transferência do bastão for lenta e atrapalhada, essa equipe provavelmente perderá. Do mesmo modo, os pais preparam seus filhos para o dia do julgamento ao transferir sua fé, valores, propósitos, autodisciplina e motivações a seus filhos.

Portanto, podemos resumir a criação de filhos cristã da seguinte maneira: criar filhos é o processo de transferência de nossa cosmovisão para a próxima geração. Ao usar o termo *cosmovisão* refiro-me a crenças, valores, autodisciplina e propósitos mencionados supra.

Não é moralidade

É importante notar que o foco principal da criação de filhos cristã não é a moralidade. Filhos bem comportados não são o propósito derradeiro. A fé salvadora, profundamente enraizada no coração dos filhos, é o objetivo supremo dos pais cristãos. Deus salva o filho que transfere toda sua confiança em suas próprias obras para as de Cristo e expressa sua fé com arrependimento. A criação de filhos cristã, portanto, tem tudo a ver com a transferência da fé professada por papai e mamãe. A moralidade é importante, mas ela se segue à fé. Ela não a produz.

O fato é que o *moralismo* – a ideia de que merecemos o favor de Deus por sermos bons – é o inimigo mortal da criação de filhos cristã. O moralismo confia em sua própria bondade, virtude e intenções cheias de princípios para obter o veredicto de “inocente” da parte de Deus no dia do julgamento. Isso é enganoso. Uma capa de moralidade por cima de um coração não

regenerado pode impedir o discernimento da verdadeira condição espiritual do filho. Paulo rejeita o moralismo: “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm3.28). E, em Gálatas, ele adiciona: “(...) o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus (...)” (Gl 2.16). O moralismo inculca uma horrível autoconfiança, que é inimiga do verdadeiro processo cristão de criação de filhos. No dia do julgamento, Deus o condenará.

A transferência da moralidade é o objetivo primordial da criação de filhos secular. Para os descrentes, o objetivo da criação é ter filhos que se conformem às expectativas da sociedade, como a entrada numa grande universidade, o sucesso nos negócios ou o casamento com a pessoa “certa”.

Em confronto, o objetivo da criação de filhos cristã é a transformação do coração. Como já notamos, a moralidade sempre se segue à essa transformação, mas ela é secundária. Isso significa que os pais cristãos eficientes têm o foco no coração de seus filhos em vez de no

comportamento deles. No livro *Shepherding a child's heart*, Tedd Tripp destaca: “Uma mudança de comportamento que não procede do coração não é recomendável, mas sim condenável”.³

Mamãe pediu para Johnny se sentar no canto. Ele obedeceu com um olhar mal-humorado e disse: “Estou sentado por fora, mas por dentro ainda estou em pé”. Isso não é transformação do coração; isso é moralismo. É a atitude de muitos adolescentes que vêm de lares cristãos: “Sou cristão porque meus pais são, mas eu realmente preferiria estar na balada”. Muitos adultos cristãos confessam: “Vou à igreja porque fui criado dessa maneira, mas minha verdadeira paixão é o futebol, são os carros, ou _____ [preencha o espaço]”. Esse não é o fruto de uma criação de filhos cristã bem-sucedida.

Em resumo, a criação de filhos cristã é o processo de preparar nossos filhos para o dia do julgamento. Fazemos isso ao transferir nossa cosmovisão para eles. Nossa cosmovisão é a soma de nossas crenças, valores, propósitos e

autocontrole. A criação de filhos não alcança o sucesso até que a cosmovisão de Deus tenha conquistado o coração do filho.

Onde estão as Escrituras?

Esperamos que a Bíblia fale mais frequentemente no momento em que enfrentamos nossa maior necessidade. Onde o calo aperta na experiência diária, aguardamos e precisamos de instrução bíblica. Dinheiro, por exemplo, é uma parte importante da vida diária. A Bíblia contém centenas de textos sobre dinheiro. Os relacionamentos também desempenham uma parte importante em nossa vida. A Bíblia não nos desaponta. Há centenas de versículos que descrevem com quem e como devemos nos relacionar.

Do mesmo modo, a criação de filhos é uma preocupação importante para a maioria dos adultos. Do nascimento do primeiro filho até a saída do último filho de casa, período que abrange 25 a 30 anos para a maioria dos casais, a criação de filhos nos ocupa 24 horas por dia, 7 dias por semana. Uma vez que o futuro de nossos filhos e netos segue nosso sucesso ou

fracasso, queremos e precisamos de instrução bíblica.

Contudo, para nosso grande despontamento, quando vamos à Bíblia em busca de instrução, na maioria das vezes voltamos de mãos vazias. O Novo Testamento contém apenas dois versículos sobre esse assunto importante: “... vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.4); “Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não fiquem desanimados” (Cl 3.21).

Cada um desses textos é curto e vai direto ao ponto. E, para nossa consternação, dizem a mesma coisa: não irrite seus filhos. Paulo sequer define o que é irritar os filhos.

O Antigo Testamento ajuda um pouco, mas não tanto quanto gostaríamos. A maior parte da instrução sobre criação de filhos está em dois capítulos de Deuteronômio e em algumas passagens de Provérbios.

Por que tão pouca orientação? A pessoa biblicamente desinformada pode concluir que Deus não se importa com nossos filhos ou que a

criação de filhos não seja importante. A verdade é exatamente o oposto. Deus é ainda mais apaixonado por nossos filhos do que nós mesmos.

A boa notícia é que Deus quer que os filhos que você tem estejam no reino dele. A maioria dos pais presume que Deus ama os filhos que eles têm. Chegará o dia, porém, se é que já não chegou, quando você precisará da garantia de Deus de que ele estará “com” seus filhos. O profeta Isaías deu essa segurança a Israel:

Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o Senhor: o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se apartarão dela, nem da de teus filhos, nem da dos filhos de teus filhos, não se apartarão desde agora e para todo o sempre, diz o Senhor (Is 59.21).

E, no meio de uma passagem sobre o divórcio, o profeta Malaquias diz: “Ele [Deus] buscava a descendência que prometera. Portanto, cuidai de vós mesmos, e ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade” (Ml 2.15).

Talvez o Espírito Santo tenha se esquecido de abordar a criação de filhos quando reuniu o cânone das Escrituras. Não. O Deus que conta os fios de cabelo em nossa cabeça não cometeu erros sobre o conteúdo das Escrituras.

Em vez disso, a escassez de textos sobre criação de filhos é deliberada, premeditada e precisa. Deus sabe que só existem dois no Novo Testamento; não há erro nisso.

Por que tão poucos? A resposta é tão simples e provavelmente tão óbvia (como minha falha em não verificar o disjuntor quando o aquecedor parou) que é fácil perdê-la. Existem tão poucos textos nas Escrituras porque *o evangelho é a sala de aula que nos ensina tudo de que precisamos saber para nos tornar pais cristãos eficientes*. Se realmente entendermos o evangelho, e soubermos como aplicá-lo ao nosso casamento e à nossa forma de criar os filhos, teremos todas as ferramentas de que precisamos para passar o bastão para nossos filhos.

Sete maneiras pelas quais o evangelho afeta os pais

O evangelho torna os pais eficientes em sete aspectos.

1. *O evangelho ensina os pais cristãos a temer a Deus.* Os pais precisam dessa virtude crucial. Mais do que qualquer outra qualidade, Deus promete abençoar os pais que o temem. O capítulo 3 deste livro defende essa posição a partir das Escrituras. Os capítulos 4 e 5 explicam por que e como o evangelho motiva os pais cristãos a temer a Deus.

2. *O evangelho motiva os pais a liderar por meio do exemplo.* Paulo nos diz em Efésios 5 que Deus criou a instituição do casamento para proclamar o evangelho. Nossos filhos são as primeiras testemunhas a sofrer esse impacto. Deus quer que nossos filhos vejam nosso casamento, que

contemplem a beleza do evangelho e sejam irresistivelmente atraídos.

O evangelho torna os pais cada vez mais (mas nunca perfeitamente) humildes, firmes e afetuosos. Essas qualidades provavelmente contribuem mais para transferir a fé, a autodisciplina, a motivação e os valores dos pais a seus filhos do que qualquer outra coisa. A maneira como isso se dá é tratada no capítulo 6.

3. O evangelho centraliza as famílias em seus líderes do sexo masculino. O cristianismo é uma religião patriarcal. Tanto nas congregações locais quanto no lar, os homens lideram. Igrejas centradas no evangelho atraem homens. Igrejas centradas em homens encorajam os homens a se tornarem líderes servos para as esposas e filhos. Igrejas centradas no evangelho encorajam a masculinidade bíblica. Você pode ser homem e não ser masculino. A maneira como o evangelho constrói os homens é o assunto do capítulo 7.

4. *O evangelho ensina e motiva os pais a disciplinar seus filhos.* Ele mostra o horror do pecado. Ele ilustra suas consequências. Portanto, pais centrados no evangelho perseveraram na disciplina de seus filhos. O evangelho também ensina aos pais *como* disciplinar seus filhos. Além disso, ensinar o evangelho torna-se o propósito de toda a disciplina cristã. A forma como o evangelho afeta a disciplina é o assunto dos capítulos 8 e 9.

5. *O evangelho motiva os pais a ensinar seus filhos.* Os principais professores dos filhos não são aqueles que lecionam na escola tradicional ou na escola dominical, mas sim os seus pais. O evangelho também é o conteúdo essencial de seu ensinamento. A maneira como o evangelho motiva e molda aquilo que ensinamos aos nossos filhos é tratada no capítulo 10.

6. *O evangelho motiva os pais a derramar amor e afeto de maneira abundante sobre seus filhos.* Cometemos o erro de presumir

que todos os pais amam seus filhos. A maioria dos pais sente afeição por seus filhos, mas poucos amam seus filhos com o amor de Cristo. O evangelho motiva os pais, especialmente os homens, a amar seus filhos de maneira sacrificial, como Cristo ama sua igreja. O evangelho define como é o amor de Cristo. A maneira como o evangelho faz isso é o assunto do capítulo 11.

7. O evangelho é a solução para pais despreparados. Os pais costumam sentir o peso de seus fracassos e incapacidades. Por mais que se esforcem, sua forma de criar os filhos é sempre lamentavelmente inadequada. O evangelho é a solução, descrita no capítulo 12. Pais centrados no evangelho correm para a cruz todos os dias em busca de misericórdia, perdão e esperança para se colocarem novamente na tarefa da fidelidade parental.

Definição de *evangelho*

Uma vez que o evangelho será nosso paradigma para a criação de filhos, precisamos fazer uma pausa para defini-lo. O termo que usamos hoje vem da palavra grega *evangelion*, que significa simplesmente “boas-novas” ou “notícias alegres”. Mas “boas-novas” ou “notícias alegres” ficam sem contexto se não houver más notícias. O evangelho é uma notícia maravilhosa apenas para aqueles que sabem que estão em dificuldades. Somos pecadores. O pecado nos aliena de Deus. Pior ainda, ele nos torna inimigos de Deus. Ele nos expõe ao julgamento eterno de Deus.

Esse é o resumo para todos. Não existem exceções. O testemunho das Escrituras é claro: “Não entres em juízo com o teu servo, porque à tua vista *não há justo nenhum vivente*” (Sl 143.2). “Como está escrito: Não há justo, *nem um sequer*” (Rm 3.10). E “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem

nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo” (Rm 7.18).

Deus é infinitamente justo. Sua justiça o compele a julgar o pecado de maneira imparcial e sem exceção. A justiça de Deus distribui tanto punição quanto recompensa. A justiça perfeita insiste que o pecado merece a ira de Deus. Esta aparece de diferentes maneiras em nossa experiência. No final, é a derradeira causa da maior parte do sofrimento humano. Por causa da ira de Deus, nascemos pecadores. Por causa do pecado, ficamos doentes e morremos. Por causa do pecado, as mulheres dão à luz com dores excruciantes. Por causa do pecado, mais de cinquenta milhões de pessoas morreram na 2ª guerra mundial.

Por causa do pecado, crianças nascem deformadas, casamentos terminam em divórcio e pessoas comprometidas se suicidam. Nosso sofrimento temporal, porém, é apenas a ponta do *iceberg*. Depois da morte, caso o pecado de uma pessoa não tenha sido perdoado, um inferno de sofrimento eterno a espera. Como

Cornelius Plantinga nos relembra, “as coisas não estão do jeito que deveriam estar”.⁴ Vivemos em um mundo decaído. Sem o pano de fundo negro de nossa natureza pecaminosa e suas consequências (a ira de Deus), o evangelho é uma coisa enfadonha. Contudo, estamos realmente em dificuldade, e o evangelho é a solução.

Para aqueles que acreditam em más notícias, o evangelho é a notícia mais maravilhosa que qualquer pessoa poderia escutar. Deus amou o mundo de tal maneira que enviou seu Filho para nos salvar das más notícias. O evangelho é a boa notícia de que o Filho de Deus humilhou-se, deixou seu trono de glória, desceu uma distância *infinita* e tornou-se um escravo, primeiro de seu Pai, e depois dos homens caídos. Finalmente, se submeteu à morte por meio de tortura lenta numa cruz romana (Fp 2.5-8). Por quê? O amor o impeliu. Ele morreu em nosso lugar. Ele recebeu o julgamento que nós merecemos. “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o

que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Como R. C. Sproul expõe de maneira tão eloquente, Cristo veio para nos salvar de sua própria ira. Ou, dito de outra forma, Cristo veio para nos salvar dele mesmo.⁵

Ao terceiro dia, ele se levantou dentre os mortos. Depois de 40 dias, ele ascendeu aos céus e assentou-se à direita de seu Pai. O Pai lhe deu o Espírito Santo, que ele derramou no Pentecostes. Ele continua a derramá-lo hoje. O Espírito Santo vem para impressionar nosso coração com a realidade dessas verdades maravilhosas. O Espírito Santo é centrado no evangelho.

Essas são as boas notícias. O evangelho nos reveste da retidão de Cristo. Ele nos inicia na experiência do maravilhoso amor do Pai. Ele remove a ira e o afastamento de Deus. Ele faz tudo isso mediante o custo infinitamente pessoal de Deus, e sem fazer com que ele comprometa a perfeição de sua glória.

A cruz é o coração do evangelho – nas palavras de John Piper, seu centro

incandescente. A cruz é a ética do evangelho. Ela serve de modelo do comportamento que Deus quer que seu povo imite. Como Agostinho notou, a cruz é o púlpito de Deus. A partir dela ele proclama o evangelho. Dela o Pai prega seu amor (Ef3.19). Ao terceiro dia, o Pai ressuscitou seu Filho para vindicar a obra realizada na cruz. Ele envia o Espírito Santo para tornar tudo isso real para os homens caídos e pecadores.

Em última análise, todas essas verdades do evangelho culminam na cruz. Os pais sábios vão até ela em busca de direção, sabedoria e conselho.

Alternativas ineficazes

Os pais podem substituir muitas coisas pelo evangelho. Livros contemporâneos com títulos como *Os dez princípios básicos da boa criação de filhos*, *Criação divertida*, *Como falar de maneira que as crianças escutem* e *O preço do privilégio* [tradução livre] contêm algumas informações úteis. Mas todos falam tendo como base uma cosmovisão não cristã. Eles presumem respostas radicalmente diferentes para as grandes questões da vida: Qual é o propósito e o destino da vida? Qual é a natureza da autoridade? Como é a disciplina adequada? Como é a natureza humana? O que acontece depois da morte?

Há os que substituem o evangelho por terapia. Tendências como “Criação por vínculos” e “Criação positiva”, assim como outras, competem por nossa atenção. Muitos livros cristãos sobre criação de filhos se baseiam em mais pressupostos da terapia moderna do que nos claros pressupostos sobre Deus e o homem,

os quais fundamentam o evangelho. Nenhum deles, contudo, afeta os filhos como a simplicidade do evangelho.

Outros, ainda, substituem o evangelho pela religião. “Se eu simplesmente os levar à igreja ou fazer com que participem do ministério de jovens, eles ficarão bem.” Mas a religião e suas armadilhas não são substitutas do evangelho.

A ênfase deste livro difere da que aparece em tantos outros livros cristãos sobre criação de filhos. A maioria deles enfatiza técnicas. Em comparação, *A criação de filhos no poder do evangelho* vai enfatizar o relacionamento dos pais com Deus, entre si e com seus filhos, nessa ordem. A ênfase deste livro é que criar filhos não significa fazer as coisas certas. Criar filhos é ter um relacionamento correto com Deus – um relacionamento baseado no evangelho.

Resumo

A criação de filhos cristã é o processo de preparar nossos filhos para o dia do julgamento. Fazemos isso ao transferir nossa cosmovisão a eles. Existe pouca instrução bíblica sobre a criação de filhos porque o evangelho é o tutorial que nos instrui sobre como criá-los. O evangelho é a boa notícia de que Jesus morreu para nos salvar de um destino terrível. O evangelho se concentra e está focado na cruz de Cristo. Ainda que as alternativas seculares possam ter algum valor, o evangelho é o poder de Deus para a criação dos filhos. Pais centrados no evangelho obtêm resultados produzidos pelo poder do evangelho.

Perguntas para estudo

1. Qual é o ponto principal deste capítulo?
 2. Depois de ler este capítulo, como você definiria a *criação de filhos*?
 3. O autor declarou que o moralismo é o inimigo mortal da criação de filhos. O que é moralismo? Por que o autor disse isso? Você concorda ou discorda?
 4. Por que existem tão poucas passagens nas Escrituras sobre como criar filhos?
 5. Este capítulo discute sete maneiras pelas quais o evangelho causa impacto na criação de filhos. Qual delas mais surpreendeu você? Por quê? Quais são as duas que você considera mais importantes?
 6. Descreva os aspectos em que o seu modo de criar filhos foi influenciado por “alternativas ineficazes”, comuns à nossa cultura. De que maneira esses métodos precisam mudar para se conformarem à cosmovisão bíblica?
-

¹ “Parenting”, *Wikipedia, The Free Encyclopedia*, <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Parenting&oldid=300836102>

² É por isso que a Palavra de Deus coloca tantas cercas em torno da moralidade sexual. Quando um homem e uma mulher concebem uma criança, uma vida consciente se inicia, e ela nunca terá fim. Para aumentar a influência do lado da salvação, Deus deseja que cada filho tenha tanto um pai quanto uma mãe, comprometidos um com o outro por toda a vida, criando o filho no temor de Deus. A influência e o encorajamento de ambos os pais aumentam a probabilidade de que a salvação esteja acontecendo.

³ TRIPP, Tedd. *Shepherding a Child's Heart*. Wapwallopen, PA: Shepherd Press, 1995, p. 5.

⁴ Veja esta proveitosa exposição do pecado: *Not the Way It's Supposed to Be*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

⁵ SPROUL, R. C. *Saved from What?* Wheaton, IL: Crossway, 2002.

Capítulo 3

Temor do evangelho

O novo nascimento é a derradeira mudança de que todo filho necessita. Ele é o objetivo do processo de criação de filhos.

Tenho cinco filhos. Dois receberam o novo nascimento antes de terem idade suficiente para se lembrarem disso. Três receberam o novo nascimento na adolescência ou mais tarde. Um destes recebeu o novo nascimento aos 16 anos. A mudança foi imediata e decisiva. Antes do novo nascimento, ele era moral, participava do grupo de jovens de nossa igreja e frequentava os cultos. Ele e seus amigos o consideravam cristão, mas seu coração não estava envolvido. Depois do novo nascimento, ele começou a orar em secreto e a ler a Bíblia. Mostrou um novo interesse em obedecer a seus pais. Começou a buscar amigos cristãos. Em resumo, ele não era mais um cristão simplesmente porque seus pais eram. Ele tornou-se dono de sua própria fé. Quando isso aconteceu, a guerra terminou. Ele

havia lutado e vencido a batalha decisiva. Desse ponto em diante, nossa responsabilidade na criação de filhos foi basicamente de manutenção. A mudança do coração que chega com o novo nascimento resolve muitos dos pequenos problemas ligados à criação dos filhos.

Todo pai, no entanto, enfrenta um dilema. Não podemos dar o novo nascimento aos nossos filhos. Os filhos não podem pegá-lo. Não podem comprá-lo. Não podemos merecê-lo. “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1.12-13).

Deus dá o novo nascimento, e ele o dá a quem ele desejar. “Ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o *quiser* revelar” (Mt 11.27). Portanto, como vimos no capítulo 1, todo pai é profundamente dependente de Deus para que o Senhor termine o processo de criação dos filhos ao conceder a cada filho o novo nascimento.

Uma vez que isso é verdadeiro, a coisa mais importante que os pais podem fazer por seus filhos é aprender como agradar a Deus. Agradamos a Deus pela fé. Mas existe uma expressão específica de fé salvadora que atrai o favor de Deus aos pais. É o coração e a alma da eficiência parental, e é a última virtude que a maioria espera.

Autores voltados ao mundo dos negócios que são capazes de apontar as poucas atitudes responsáveis pelo sucesso corporativo ganham muito dinheiro. É por isso que essas atitudes são difíceis de definir, isolar e praticar. O clássico de Peter Drucker, *The effective executive*, tenta fazer isso. Ele tenta identificar as qualidades que os executivos mais eficientes têm em comum. *In search of excellence*, Thomas Peters e Robert Waterman fazem o mesmo pelas empresas. Quais são os valores e práticas essenciais que fazem as empresas ter sucesso?

Da mesma forma, a Bíblia isola uma expressão fundamental de fé e atribui a esta o sucesso parental. É o fruto do evangelho. A Bíblia chama isso de *temor de Deus*. As

promessas bíblicas aos pais que o possuem são profundas e numerosas. De fato, é a coisa mais importante que os pais podem possuir para levar Deus a regenerar seus filhos. Em resumo, Deus abençoa os filhos e os netos dos pais que aprendem e praticam o temor de Deus. Isso pode se assemelhar ao moralismo – Deus nos abençoa porque somos bons. Mas, não é. Deus abençoa a fé, e a expressão-chave de fé é o temor de Deus.

Preciso fazer uma pausa aqui para fazer uma advertência. Este livro apresenta princípios gerais que normalmente geram resultados. Mas Deus não dá nenhum tipo de garantia absoluta, tal como “*se você fizer _____ [preencha o espaço] todos os seus filhos se tornarão cristãos*”. Deus é soberano. Ele determina como e quando cada filho entra em seu reino. Contudo, Deus nos diz repetidamente que se deleita em abençoar certos princípios. Uma minoria dos filhos de pais cristãos que não praticam esses princípios terminará seguindo a Cristo. Por outro lado, a maioria dos filhos de

pais cristãos que praticam esses princípios
entrará no reino de Cristo.

Uma história pessoal

Vários anos atrás, eu e minha esposa conhecemos um ministro talentoso da Austrália. Vou chamá-lo de John. Ele possuía habilidades incomuns e Deus lhe concedera responsabilidades enormes. Ele supervisionava cerca de uma centena de igrejas nas Filipinas. Supervisionava igrejas na Nova Zelândia, assim como em muitos dos estados da costa oeste dos Estados Unidos. Até mesmo igrejas na Colúmbia Britânica buscavam a sua liderança. Ele tinha grande influência política na Austrália e pastoreava uma grande igreja ali.

Sempre aguardávamos ansiosamente as suas visitas. Ele falava em nossos acampamentos de verão. Seus sermões energizavam e expandiam nossa visão espiritual. Ele parecia estar na vanguarda das atividades de Deus.

Aquele homem havia escrito muitos livros e livretos populares. Seu ministério publicava uma revista mensal com circulação internacional. Ele viajava constantemente,

dando palestras em conferências e igrejas por toda a costa do Pacífico. Deus dera grandes privilégios a John e ele parecia capaz e chamado para assumir essas responsabilidades.

Um dia chegou até nós a chocante notícia segundo a qual um pai havia confrontado John sobre imoralidade sexual secreta. Ficamos estupefatos. De início, nós nos recusamos a acreditar nos rumores. John era uma espécie de George Washington espiritual. Ele parecia irradiar integridade. Com relutância, acabamos descobrindo a horrível verdade. A aparência exterior de John e sua vida interior eram contraditórias. Os detalhes sórdidos de seu pecado terminaram confirmando nossos piores temores.

Por muitos anos, John manteve uma série de relações adúlteras nas cidades por onde ele habitualmente viajava. Ele tinha conseguido esconder isso de todo mundo, exceto do Único que importa: o Deus onisciente e que tudo vê, aquele que julga o universo. Esse Deus, por fim, expôs as trevas de John diante de sua clara e santa luz.

Alguns dias depois de seu pecado ser exposto, os médicos encontraram um tumor atrás do olho direito de John. Em questão de semanas, John estava morto. Sua falta de arrependimento foi o aspecto mais assustador de sua história. Um pastor amigo visitou John em seu leito, na esperança de levá-lo ao arrependimento. Ele implorou a John que confessasse e se arrependesse de sua imoralidade sexual, mas John não o fez.

A verdadeira história de John demonstra tanto a compaixão incrível *quanto* a maravilhosa justiça do Deus vivo. Sabemos que ele é maravilhosamente paciente conosco. Ele é “longânimo” (Êx 34.6). Soube-se mais tarde que John persistiu naquele pecado por pelo menos dez anos. Deus poderia tê-lo exposto a qualquer momento, mas deu a seu servo todas as oportunidades para que se arrependesse. Porém, quando a paciência de Deus finalmente acabou, o julgamento foi rápido e doloroso. “Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para

contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres” (Rm 11.22).

Muitos poderiam presumir que o tumor de John foi apenas uma coincidência: “Certamente não foi o julgamento de Deus!”. Contudo, creio sinceramente que foi exatamente isso. As sábias palavras de Paulo endereçadas aos cristãos efésios apoiam a minha convicção: “Ninguém vos engane com palavras vãs; porque, por essas coisas [neste caso, imoralidade sexual], vem a *ira de Deus* sobre os filhos da desobediência” (Ef 5.6). Porque Deus é compassivo, gracioso e paciente, as consequências do pecado nem sempre são imediatas. Sempre há consequências, mas elas nem sempre são imediatas.

John cometeu o erro fatal que muitos outros cometem. Ele confundiu a *paciência* de Deus para com os pecadores com a ideia de que Deus é *tolerante* com o pecado. Depois de seis ou sete anos de imoralidade, John foi racional e deve ter pensado: “Não houve julgamento. Deus não deve estar se importando. Devo ser uma exceção especial às regras normais de Deus”.

Mas é sempre um grande erro abusar das misericórdias de Deus.

Escrituras

Uma vez que é um conceito muito fácil de ser distorcido, o temor do Senhor costuma ser ignorado pela igreja. Mas a Bíblia declara que ele é a chave para a amizade com Deus (Sl 25.14), o fruto de uma mentalidade única (Sl 86.11), o segredo da riqueza e da vida longa (Pv 10.27; 22.4), e a chave para a sabedoria que edifica as famílias (Pv 9.10; 24.3). Em resumo, o temor do Senhor é a fonte de vida (Pv 14.27) que satisfaz a sede daqueles que o possuem.

Deus faz promessas abundantes aos pais que aprendem a temê-lo. Quando Abraão, por exemplo, já era idoso, Deus ordenou-lhe que sacrificasse seu filho Isaque. Assim que Abraão levantou o cutelo sobre seu filho amado, o anjo do Senhor o interrompeu: “Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho” (Gn 22.12).

O temor de Abraão agradou a Deus. Ele foi demonstrado em ação. Expressou fé salvadora.

Perceba a conexão entre o temor de Abraão e a disposição de Deus de abençoar a posteridade dele.

Jurei, por mim mesmo, diz o SENHOR, porquanto fizeste isso e não me negaste o teu único filho, que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, nela serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz (Gn 22.16-18).

Abraão obedeceu a Deus. Sua obediência foi um subproduto de grande fé. O anjo se referiu a essa fé como temor de Deus. Por causa disso, Deus abençoou os descendentes de Abraão. Muitos defendem a ideia de que a família de Abraão foi a mais influente da história. Todo cristão é filho de Abraão. Seu legado, que prossegue até hoje, demonstra a conexão direta entre o temor do Senhor e a posteridade abençoada.

Um segundo exemplo desse princípio ocorreu centenas de anos depois. Olhando para a

idolatria de Israel ao bezerro de ouro, Deus queixou-se com Moisés: “Quem dera que eles [Israel] tivessem tal coração, que me temessem e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos, para que bem lhes fosse a eles *e a seus filhos*, para sempre!” (Dt 5.29).

Essas palavras revelam a angústia de Deus. Ele queria abençoar o povo de Israel e seus descendentes. A condição era temê-lo. Mas Israel não o temeria e, portanto, Deus não seria capaz de abençoar seus filhos para sempre.

O texto de Salmos 25.12-13 dá prosseguimento ao tema: “Ao homem que teme ao SENHOR, ele o instruirá no caminho que deve escolher. Na prosperidade repousará a sua alma, e a sua *descendência* herdará a terra”. Perceba mais uma vez a conexão entre o temor dos pais a Deus e descendentes abençoados.

Ainda vemos o mesmo em Salmos 103.17: “Mas a misericórdia do SENHOR é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem, e a sua justiça, sobre os *filhos dos filhos*”. A justiça de Deus, tanto imputada quanto prática, além de

seu grande amor, cerca os descendentes de pais que temem a Deus.

O que dizer de Salmos 112.1-2? “Aleluia! Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR e se compraz nos seus mandamentos. A sua descendência será poderosa na terra; será abençoada a geração dos justos.”

Lemos o seguinte em Salmos 128.1-4: “Bem-aventurado aquele que teme ao SENHOR e anda nos seus caminhos! Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás, e tudo te irá bem. Tua esposa, no interior de tua casa, será como a videira frutífera; teus filhos, como rebentos da oliveira, à roda da tua mesa. Eis como será abençoado o homem que teme ao SENHOR!”.

Se você achar que esse é um conceito do Antigo Testamento, considere a oração de Maria em Lucas 1.50: “A sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem”.

Os versículos não terminam. Existem mais! A conclusão? Aqueles que creem nessas promessas e amam seus filhos desejarão crescer no temor do Senhor.

Aqueles que pensam que o temor do Senhor é

um conceito do Antigo Testamento acreditam que o temor de Deus morreu quando Jesus revelou o amor de Deus na cruz. Afinal de contas, não lemos em 1João 4.18 que “o perfeito amor lança fora o medo”?

O perfeito amor de fato lança fora o medo, mas é o medo de tudo, *com exceção* do temor de Deus. Não, o temor de Deus é um conceito do Novo Testamento. O temor de Deus tão destacado no Antigo Testamento de fato culmina no evangelho. A cruz revela a razão de temer a Deus de maneira mais clara e precisa do que qualquer coisa no Antigo Testamento. Antes de provarmos isso, vamos fazer uma pausa para definir o temor de Deus.

Definição de temor de Deus

É comum as pessoas perguntarem por que devem temer a Deus. Muitos apresentam objeções: “Deus nos salva pela graça por meio apenas da fé. Paulo nos diz que o Espírito Santo clama ‘Aba, Pai’ de dentro de todos os santos verdadeiros. De que maneira o temor de Deus se mescla com essas verdades?”. A resposta bíblica é simples, e a triste história de John, tal como muitos exemplos bíblicos, a ilustra. *Tememos a Deus porque o pecado sempre tem consequências.* Devemos entender que podemos estar debaixo do peso dessas consequências e ainda assim sermos salvos.

Em nosso desejo de impedir que as pessoas sintam culpa e insegurança desnecessárias, costumamos desconfiar dessa verdade, mas Deus temperou as páginas da Bíblia com uma grande quantidade de versículos e histórias que a confirmam. Não é nosso trabalho confortar o fraco por meio da manipulação da Palavra de Deus ou ensiná-la de maneira seletiva. Devemos

apresentar apaixonadamente todo conselho de Deus. Em seu tempo, Deus confortará o fraco, vai convencê-lo e vai ensiná-lo a deleitar-se no temor de Deus.

O capítulo 2 definiu *criação de filhos*. Dissemos que uma das razões pelas quais existem tão poucas passagens das Escrituras sobre criação de filhos é que o evangelho contém tudo de que precisamos saber para nos tornar pais eficientes. Mostramos que pais bem-sucedidos praticaram o temor de Deus. Sugerimos que aprendemos o temor de Deus no Novo Testamento, na cruz. Em outras palavras, nós o aprendemos a partir do evangelho. Aprendemos que os pais são dependentes de Deus para dar início à salvação de seus filhos e que há maior probabilidade de Deus dar novo nascimento aos filhos cujos pais praticam o temor de Deus.

Portanto, é importante haver uma compreensão clara do temor de Deus. Um obstáculo à compreensão do temor de Deus é a dificuldade de sintetizar o temor de Deus e o amor de Deus. Como posso experimentar o

amor de Deus e temê-lo ao mesmo tempo? Essa pergunta apresenta uma falsa dicotomia. Os dois não são opostos. Em vez disso, são mutuamente dependentes. Você não pode separar o temor de Deus da experiência de seu amor. O perfeito amor de Deus amplifica o temor de Deus, e o temor de Deus intensifica seu amor. É impossível conhecer plenamente e experimentar o amor de Deus sem aprender a temê-lo. Mais uma vez, os dois não são mutuamente excluíveis. Eles estão intimamente ligados.

Embora muitos tenham tentado, em minha experiência, *o temor de Deus* é difícil de definir. É demasiadamente simples dizer que esse temor não envolve medo. Deus disse a Isaías que o Senhor deveria ser o seu “espanto” [“pavor” na NVI] (Is 8.13). E o Novo Testamento acrescenta que “Horível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31). “O temor do Senhor”, escreve Ed Welch, “tal como o medo das pessoas, envolve atitudes inexplicáveis. Por um lado, o temor do Senhor não significa pavor de Deus”.¹

Contudo, é um erro presumir que esse medo minimiza a profunda e permanente paz e segurança na presença de Deus. O sangue do Cordeiro que nos torna justos deve fazer diariamente com que os pais que temem a Deus clamem “Aba, Pai!” (Rm 8.15). Welch continua: “Conhecer a diferença entre esses dois temores deixa claro a razão pela qual as Escrituras podem dizer que ‘no amor não existe medo’ (1Jo 4.18), enquanto, simultaneamente, exige o temor de Deus”.²

O temor que o crente tem de Deus não é o termo escravagista encontrado no Antigo Testamento. Pelo contrário, esse temor está fundamentado no senso da santidade de Deus, seu ódio pelo mal, o julgamento que meu pecado merece e o horrível destino do descrente. Misturado com tudo isso está um profundo senso de filiação, adoção, da livre graça de Deus e seu amor extremo, glorioso e imerecido. Aqueles que corretamente temem a Deus deleitam-se cada vez mais em sua graça infinita. Quanto mais uma pessoa teme a Deus,

mais ela confessa juntamente com Paulo que nada “... poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.39).

O temor de Deus tem duas expressões. Uma nos ajuda; a outra nos atrapalha. Uma nos atrai para Deus; a outra nos leva para longe dele. A experiência de Moisés no monte Sinai ilustra a diferença. Ali, Deus apareceu a Israel em um fogo ardente, oculto por grossas nuvens. Foi terrível. O chão tremeu. Relâmpagos cruzavam o céu. As trombetas celestiais ribombaram. Sua voz sacudiu a terra. “Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e *o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe*. Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos” (Êx 20.18-19). O povo teve medo – e com razão. Foi uma visão assustadora. Mas perceba a importante e curiosa resposta de Moisés: “*Não temais*; Deus veio para vos provar e *para que o seu temor esteja diante de vós*, a fim de que não pequeis” (Êx 20.20).

A resposta de Moisés parece paradoxal. Primeiro ele diz aos israelitas que não temam. Depois, ele diz que Deus veio para ensiná-los o temor dele. Essa afirmação teriam duplo sentido do Antigo Testamento ou Moisés estava tentando dizer alguma coisa importante? Nesse paradoxo reside a chave para entender o temor de Deus. O que Moisés realmente quis dizer foi “*não temam a Deus da maneira errada, como escravos. Deus veio para testar vocês e fazer com que vocês o temam da maneira certa, como filhos. Aqueles que o temem como filhos obedecem a Deus e cumprem seus mandamentos*”.

O pavor escravizador, o tipo errado de temor, não motiva a obediência. Ele nos faz correr para longe de Deus. Perceba que o povo de Israel “ficou de longe”. Aqueles que sentem um pavor escravizador se afastam de Deus. Esses não têm convicção de que ele é bom, que recompensa aqueles que o buscam ou que ele tenha os melhores interesses no coração. Tudo o que veem é sua santidade, sua severidade e seu ódio pelo pecado e, assim, saem correndo na direção

oposta. Por outro lado, o temor de filho nos motiva a buscar a Deus. Embora as pessoas tenham se afastado, Moisés foi exatamente na direção do cume do monte, para a nuvem incandescente, para ficar perto de Deus.

Eu moro a duas horas de distância da represa Grand Coulee, uma enorme estrutura de concreto erguida no meio do rio Colúmbia, no centro do Estado norte-americano de Washington. A Grand Coulee é a maior e mais espetacular barragem do rio Colúmbia. Embora eu tivesse ouvido falar muito do tamanho enorme e da majestade dessa barragem, apenas em sua presença é que pude compreender sua imensidão. Parado abaixo da barragem, dobrando o pescoço para ver seu topo majestoso a mais de cem metros acima de mim, pensando em seu lago de 240 quilômetros forçando e empurrando numa tentativa de derrubar a parede que o confina, e vendo pequenos regatos de água vazando de sua fria face de concreto, comecei a tremer. Senti-me pequeno, indefeso, vulnerável e suscetível de ser destruído. “Se

essa barragem se romper, serei instantaneamente esmagado numa torrente de água impossível de ser contida”, pensei. Uma coisa foi ler sobre essa maravilha da engenharia; outra completamente diferente foi colocar-me em sua presença. Mal pude esperar para entrar no carro e sair de perto daquela represa. Assim é o medo escravizador. Ele faz com que corramos de Deus.

O temor de filho, porém, que vem com o novo nascimento, nos atrai para Deus. Ele nos motiva a buscar a Deus. Como vimos, o povo de Israel afastou-se do monte Sinai, mas Moisés foi direto para lá, no meio da nuvem incandescente, para ficar perto de Deus. Por quê? Tal como Israel, Moisés viu a santidade de Deus. Ele viu o que seu pecado merecia. Mas ele também viu a bondade de Deus. Ele viu que o Senhor é compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade (Êx 34.6), que ele não nos dá aquilo que nosso pecado merece (Sl 103.10), mas afasta de nós as nossas transgressões tal como o oriente está distante do ocidente (Sl 103.12). O temor de Moisés era

mais semelhante ao temor que nos atrai para a beirada do Grand Canyon. Temos medo, mas a incrível beleza e a vastidão do grande golfo nos atrai irresistivelmente. Ele contextualiza a vida e nos dá grande paz.

Aqui está outra diferença. Pessoas com um temor que é escravizador não obedecem a Deus, mas o temor de filho nos motiva à obediência. É por isso que Paulo nos diz que o temor de Deus completa a santidade (2Co 7.1). Ele nos motiva a desenvolver nossa salvação com temor e tremor (Fp 2.12). Temor a Deus como filho é esperar na sua misericórdia (Sl 147.11). Ele nos equipa a exultar “... a sua misericórdia dura para sempre” (Sl 118.4). Deus concede sua misericórdia sobre aqueles que o temem (Sl 103.11, 17). Sua compaixão persegue aqueles que o temem (Sl 103.13).

O Filho de Deus é a mais importante prova de que o temor de filho tem esses efeitos. Ninguém buscou a Deus como Jesus. Ninguém experimentou o amor do Pai como Jesus. E, ainda assim, nenhum homem exibiu de maneira tão perfeita o temor de Deus como Jesus. Ao

falar sobre o Messias, o profeta Isaías predisse: “Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de *temor do SENHOR*” (Is 11.2-3). Jesus deleitou-se no temor do Senhor. E todos os cristãos que o descobrem fazem o mesmo. Eles se deleitam nele. Seus filhos e seus netos se deleitam nele.

Em qual medo você pensa quando reflete sobre o “temor do Senhor”? Muitos pensam no medo escravizador. Eles não conseguem entender por que a Bíblia promete tantos benefícios ao homem que o possui. Para eles, é algo inteiramente negativo. Deveria ser – é o medo do descrente.

Em comparação, o temor de filho é completamente positivo, mas é pouco discutido na igreja moderna. Talvez seja essa a razão pela qual tão poucos de nossos filhos seguirem a Deus. Uma vida saciada nele aperfeiçoa a santidade e nos expõe ao amor incompreensível de Deus. É o temor de filho que torna os pais poderosos e eficientes.

Temer nosso Pai celestial é algo semelhante a temer um bom pai terreno. Eu temia meu pai. Sabia que ele me infligia qualquer dor que fosse necessária para instilar em mim valores como obediência, lealdade, esforço no trabalho e perseverança, entre outras coisas. Mas eu também esperava em seu amor. Eu me sentia seguro em sua presença. Sabia que ele não me rejeitaria – não importava o que eu fizesse, ele nunca deixaria de me amar. Eu poderia desapontá-lo. Poderia entristecê-lo. Mas não conseguiria motivá-lo a afastar seu amor de mim. Muitos que leem este parágrafo não tiveram um pai assim. Quer tenham tido ou não, assim é o amor de Deus. Isso é que é temer a Deus.

Eu disse que todos os versículos do Antigo Testamento sobre o temor de Deus culminam no evangelho. A cruz de Cristo é a maior razão para temer a Deus na Bíblia. Ao pé da cruz nós aprendemos o temor de filho, o temor que motiva Deus a abençoar nossos filhos. Na cruz de Cristo obtemos as habilidades necessárias para passar o bastão para a próxima geração. No

próximo capítulo começaremos a explorar como
e por que isso é verdadeiro.

O que esperar

Este livro retomará continuamente ao temor de Deus. O temor de Deus ensina pais a temerem a Deus, não a seus filhos. Ele motiva pais a disciplinar seus filhos. Ele atrai homens para a família e para a igreja. Ele inspira pais a disciplinar seus filhos de maneira completa e edificante. Ele motiva pais a serem compassivos e amorosos. Fixa nossos olhos em realidades eternas, na brevidade desta vida e na imensidão da eternidade para a qual a maneira como criamos nossos filhos é a preparação fundamental. Ele torna os pais humildes, ensináveis e acessíveis. Em resumo, o temor de Deus é o princípio da sabedoria (Pv 9.10), e a sabedoria que esse temor nos ensina é o material de construção fundamental de nossos lares. “Com a sabedoria edifica-se a casa, e com a inteligência ela se firma” (Pv 24.3).

Resumo

Seus filhos precisam do novo nascimento, mas você não tem poder de lhes conceder isso. Deus salva; os pais não!

Por toda a Bíblia, porém, Deus faz abundantes promessas aos pais que aprendem a temê-lo. Mais do que qualquer outra virtude, o temor de Deus atrai o favor de Deus para a maneira como criamos nossos filhos. É difícil de definir o temor de Deus. Existe um medo carnal que nos leva para longe de Deus. Existe um temor espiritual saudável que atrai o crente a Deus. O crente sabe que Deus é santo, mas também tem uma profunda convicção de que ele nos ama e está ao nosso lado. Este é o temor que Deus abençoa.

Alguns pensam que o temor de Deus é um conceito do Antigo Testamento, que expirou com a chegada do Novo Testamento. Nada poderia estar mais distante da realidade. O temor de Deus de fato encontra seu ápice e sua mais pura expressão no Novo Testamento, na

cruz de Cristo. Lemos em Salmos 130.4: “Contigo, porém, está o perdão, para que te temam”. Deus planejou o perdão, recebido por meio de nossa redenção, para provocar o temor de Deus. É por isso que pais centrados no evangelho são tão eficientes. Eles aprendem o temor do Senhor ao pé da cruz. Esse temor nos atrai para o Pai e também aperfeiçoa a santidade em nós e em nossos filhos (2Co 7.1).

Nos próximos dois capítulos, descobriremos por que o salmo 130 conecta o temor de Deus com o conhecimento de nosso perdão.

Perguntas para estudo

1. Descreva o assunto tratado neste capítulo usando as suas palavras.
2. Antes de ler este capítulo, o que a expressão temor de Deus significava para você?
3. Este capítulo mudou sua compreensão do conceito de temor de Deus? Por quê?
4. Por que o temor de Deus é tão importante para a criação de filhos?
5. Você acha que o relacionamento entre pais e filhos seria afetado pela existência do temor de Deus? Explique por quê.
6. Qual foi o seu parágrafo favorito deste capítulo? Por quê?
7. O que um pai pode fazer para crescer no temor de Deus?

¹ WELCH, Edward T. *When People Are Big and God Is Small*. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 1997, p. 96.

² Ibid., p. 98. O livro de Welch é uma boa instrução sobre o temor de Deus. Não encontrei melhor definição do temor de Deus do que a apresentada no capítulo 6 deste livro.

Capítulo 4

Um pai santo

No capítulo anterior defendemos a ideia de que Deus abençoa a criação de filhos realizada por aqueles que aprendem a temê-lo. Concluímos afirmando que aprendemos mais sobre o temor de Deus não no Antigo Testamento, mas a partir do evangelho no Novo Testamento. Neste capítulo e no próximo explicaremos por que isso é verdade.

Você já percebeu que a maioria dos livros sobre criação de filhos – tanto cristãos quanto seculares – enfatiza a técnica? “Você deveria agir desta maneira. Siga estes quatro passos e você será bem-sucedido.”

Este livro defende outra abordagem. Quero mudar sua maneira de pensar, especialmente o que você pensa de Deus e de si mesmo. Se eu for bem-sucedido, as técnicas falarão por si. É assim porque aquilo que fazemos é um subproduto da maneira como pensamos. As pessoas mudam seu comportamento à medida

que seu entendimento de Deus e do homem também muda.

Mas isso acarreta um problema. Os editores nos dizem que muitos pais cristãos não farão o esforço necessário para pensar profundamente sobre Deus e o homem. Em outras palavras, os pais de hoje evitam uma palavra que começa com T: *teologia*. Estou confiante de que você não fará isso. Muito embora muitos vivam dessa maneira atualmente, ignorar essa palavra seria um enorme empecilho para a criação de nossos filhos.

Somos o que pensamos.¹ Criamos os filhos a partir de nossa teologia. Todo mundo, seja cristão ou não, possui uma teologia – uma ideia de quem é Deus e quem somos nós. Algumas ideias são precisas, outras não.

Teologia é o estudo de Deus. A ênfase teológica é uma característica singular do cristianismo. Isso acontece porque os cristãos não conquistam a salvação. Ela é um presente. Rodney Stark nota que as outras religiões mundiais compartilham de um ensinamento

comum: a autossalvação. O foco delas, portanto, se dá no comportamento, não em Deus. Elas estudam regras e regulamentos – como ser bom, como satisfazer o padrão de Deus. Mas pelo fato de os cristãos crerem que a salvação é um dom de Deus, que não pode ser conquistado, eles estudam o Doador. O foco deles está na crença correta sobre o próprio Deus – ou seja, na teologia.²

Os próximos dois capítulos são o coração e a alma deste livro. Eles falam sobre a teologia de Deus. É nela que a criação de filhos deve começar. Se você entender os capítulos 4 e 5, e se você realmente enxergar a Deus com os olhos do seu coração, meu trabalho terá sido realizado, e este livro provavelmente terá sido bem-sucedido em sua proposta, mesmo que você não leia os capítulos posteriores que aplicam essa teologia.

Fundamentos do evangelho

Joguei basquete no time da escola no ensino médio. O técnico enfatizava os fundamentos – bandejas pela direita e pela esquerda, passe, defesa e rebote. Depois de muitas horas fazendo esses exercícios, era comum ficarmos frustrados. “Técnico, queremos praticar ‘enterradas’. Vamos fazer uma competição para ver qual jogador consegue dar a enterrada mais espetacular.” (Havia apenas dois jogadores que conseguiam dar enterradas, mas todos nós adorávamos tentar, e gostávamos muito de assistir os dois que conseguiam.)

Como era de se esperar, o técnico respondia: “Enterradas não ganham jogos. Os fundamentos é que vencem as partidas. Sei que eles são entediantes; não são espetaculares. Sei que eles não fazem com que a torcida se levante e vibre. Mas as equipes que dominam os fundamentos são as que ganham os jogos”. Ele estava certo. Não éramos muito talentosos, mas éramos bons

nos fundamentos. Ganhamos dezoito partidas e perdemos duas naquele ano.

Isso foi no meu primeiro ano. No ano seguinte, fomos dirigidos por um técnico novo. Ele não enfatizava os fundamentos. Jogando contra os mesmos times (e jogadores), ganhamos duas partidas e perdemos dezoito. Aprendi uma lição importante: os fundamentos é que vencem as partidas.

A criação de filhos cristã funciona da mesma maneira. A cruz é o ponto fundamental do cristianismo. Também é a verdade cristã mais profunda. No mundo da criação de filhos, os fundamentos geram resultados. Você pode entender esse princípio superficialmente, ou pode entendê-lo de maneira profunda, mas a maneira como você o entende definirá a forma como você cria seus filhos.

Acabei de assistir ao DVD da série *Planet Earth*. Um dos segmentos é dedicado às cavernas. Ele começa com um homem descendo pela entrada de uma caverna vertical. A caverna não parece profunda, mas apenas até o momento em que o homem desaparece com seu

paraquedas ainda não aberto. (Ele não morreu. No final, seu paraquedas abriu.)

O evangelho é como essa caverna. A partir da superfície, ele pode parecer raso. Mas quanto mais o entendemos, mais caímos sem que nosso paraquedas abra. Suas profundezas nos engolem à medida que continuamos a cair.

Este capítulo é uma breve instrução sobre o que a cruz nos diz a respeito da santidade do Pai, sua diferenciação e sua ira em relação ao pecado. Não se desanime. O capítulo seguinte explorará a graça de Deus. Siga adiante, lentamente se você preferir. Em favor de seus filhos e netos, cresça no conhecimento de Deus Pai.

Deus é santo

A cruz nos convence de que nosso Pai celestial é infinitamente santo.

Vamos fazer uma associação de palavras. O que lhe vem à mente quando você pensa na palavra *santidade*? Para alguns, a ideia de fumaça e sinos, incenso, liturgia, vitrais e catedrais de pedra com teto alto. Para outros, significa solenidade, rosto sério, ser sempre bom e deixar de lado tudo o que é divertido.

Essa não é a santidade bíblica. “Santidade significa *separação*”, escreve Philip Ryken. “Uma coisa santa é *separada*. No caso de Deus, santidade significa que ele está separado de tudo o que criou. A santidade não é simplesmente sua retidão (embora faça parte dela), mas também sua *diferenciação*. É a *distinção* entre o Criador e a criatura, a distância *infinita* entre a divindade de Deus e nossa humanidade”.³

Veja outra maneira de dizer: quanto mais santo for alguém ou alguma coisa, mais distante ele estará das coisas que são comuns ou

normais. O oposto de santidade não é pecaminosidade. É normalidade – ou, para usar uma palavra antiga, é profanidade.⁴ Quando Deus diz que é santo, ele quer dizer que é diferente de nós. Quer dizer que ele próprio está constante e ativamente separado de todo pecado, impiedade, mal e corrupção moral – ou seja, tudo o que é normal neste mundo.

Minha esposa é alérgica à fragrância de algumas flores. Elas fazem seus olhos ficarem vermelhos e doloridos. Quando isso acontece lá em nossa casa, nós a separamos das flores, que ficam no alpendre que dá para o quintal. Essa é a ideia por trás da santidade. É como se Deus fosse alérgico ao mal em todas as suas formas, necessitando remover-se imediatamente da presença daquele.

Moralmente isso significa que Deus é distinto e singular em relação a qualquer coisa com a qual tenhamos familiaridade. Ele não é aquilo que esperamos. Nunca inventaríamos o Deus da Bíblia. Deuses inventados são como as pessoas que os inventam. Eles não são separados. São

comuns. Isso acontece porque os criamos à nossa própria imagem.

Deus é santo. Isso significa que ele é perfeito, puro e imaculado de uma maneira que não somos capazes de imaginar. Tudo em relação a Deus é santo. “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar” (Hc 1.13). “Os céus [não] são puros aos seus olhos” (Jó 15.15). “Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois *só tu* és santo” (Ap 15.4). Seu trono é santo (Sl 47.8), seu nome é santo (Sl 30.4), seu braço é santo (Sl 98.1). Como A. W. Tozer destacou, “nem este autor nem o leitor dessas palavras é qualificado para apreciar a santidade de Deus. Não conhecemos nada como a santidade divina. Ela se destaca, é singular, inacessível, incompreensível e inatingível. O homem natural não é capaz de enxergá-la”.⁵

A santidade é o atributo fundamental de Deus. É a coisa mais importante a se saber sobre ele. É onde começamos com Deus. Sua santidade define todos os seus demais atributos.

Tememos sua ira porque é santa e admiramos seu amor precisamente porque ele é santo. Dia e noite, aqueles que estão mais próximos dele, os querubins e os serafins, clamam: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos” (Is 6.3). Tudo o que se relaciona a Deus é santo. A Bíblia o chama de “o Santo” 58 vezes. Seu Espírito é um Espírito *Santo*. Portanto, a Escritura nos ordena a adorar “... o SENHOR na beleza da santidade” (Sl 29.2).

Por toda a história da redenção, Deus tem se separado constantemente do pecado e dos pecadores. Quando Adão e Eva pecaram, Deus expulsou “o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn 3.24).

Quando a iniquidade dos judeus alcançou seu ápice, Deus os deportou de Jerusalém, o lugar onde sua presença habitava, para a Babilônia. Ele os separou de si mesmo. A presença manifesta de Deus também deixou o templo (Ez 10).

No final, Deus vai até mesmo separar-se da

criação. O mundo não está do jeito que deveria estar. O pecado o corrompeu. Jó nos lembra de que “até a lua não tem brilho, e as estrelas não são puras aos olhos dele” (Jó 25.5). É por isso que, no dia do julgamento, encontramos Deus se separando da criação caída com o propósito de formar um novo universo não corrompido pelo pecado: “Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles” (Ap 20.11).

Por fim, Deus se separará para sempre de todo aquele que não tiver se reconciliado com ele por meio da fé em seu Filho: “Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: *Apartai-vos* de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41).

Tudo o que a Bíblia diz sobre a santidade – a separação – de Deus Pai é resumido e enfatizado pela cruz. A cruz é um ponto de exclamação no final da santidade de Deus.

Santidade revelada

A cruz foi a demonstração mais elucidativa da santidade do Pai na história da humanidade. Para entendê-la, precisamos refletir sobre o amor do Pai por seu Filho.

O amor do Pai por seu Filho é intenso: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17). Não é um amor comum. Ele é santo. Ele ama seu Filho com onipotência, o que significa todo o poder, com intensidade infinita. Ele também ama seu Filho com onisciência – todo o conhecimento. Sua visão penetra a infinita perfeição da divindade de seu Filho. Uma vez que a glória do Filho é infinita, apenas um intelecto infinito pode conhecê-lo e amá-lo plenamente. Ele conhece o Filho exhaustivamente e o que o Pai sabe e vê é a perfeição infinita da divindade do Filho.

Aqui está uma verdade impressionante: tal é a santidade do Pai que quando seu Filho carregou nosso pecado e nossas transgressões, *Deus se afastou dele*. “Deus meu, Deus meu, por que me

desamparaste?” (Mt 27.46). O que podemos dizer diante de uma verdade tão comovente? Como podemos imaginar tal santidade? A. W. Tozer destaca:

Não podemos captar o verdadeiro significado da santidade divina por meio do pensamento em alguém ou alguma coisa bastante pura e, então, elevando o conceito ao mais alto grau que sejamos capazes de imaginar. A santidade de Deus não é o melhor que conhecemos infinitamente melhorado. Não conhecemos nada como a santidade divina (...). Podemos temer o poder de Deus e admirar sua sabedoria, mas não podemos sequer imaginar a sua santidade. Apenas o espírito do Santo pode conceder ao espírito humano o conhecimento do santo.⁶

A cruz nos convence dessa verdade. Deus é santo. Ele sempre se separa do pecado e dos pecadores. Essa compreensão é crucial para a criação de filhos. *Os pais eficientes veem cada vez mais o pecado através dos olhos de Deus.* Eles o sentem cada vez mais com os sentimentos de Deus. Eles são claros em relação aos problemas. Se Deus odeia o pecado a ponto

de ter se separado até mesmo de seu único Filho quando ele levou sobre si o nosso pecado, mais ainda ele vai se distanciar de nossos filhos se estes não se reconciliarem com ele por meio do milagre do novo nascimento?

Mas o oposto também é verdadeiro. Se Deus ama com intensidade tanto a nós quanto a nossos filhos, a ponto de voluntariamente ter abandonado seu Filho unigênito com o objetivo de nos alcançar, então temos grande confiança. Se fizermos o nosso trabalho como pais, Deus será fiel a nós e aos nossos filhos. Também temos grande obrigação. Quão grande será a prestação de contas a Deus, que ama nossos filhos tão intensamente? Como vamos responder a ele se negligenciarmos nossa tarefa?

Caminhos santos revelados

Santidade também significa que os caminhos de Deus são diferentes dos nossos caminhos. “Assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus *caminhos* mais altos do que os vossos *caminhos*, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos” (Is 55.9). A cruz deixa claro a separação (santidade) dos caminhos de Deus.

“Qual foi a derradeira causa que provocou a vinda de Cristo à terra e sua morte por nossos pecados?”, pergunta Wayne Grudem. Ele responde: “O amor e a justiça de Deus”.⁷ Amor, nós entendemos; mas justiça? A maneira comum de lidar com uma ofensa é deixar as coisas para lá, perdoar e esquecer. Mas Deus é santo. Seus caminhos não são os nossos caminhos. Ele é justo, e sua justiça é santa. Não é como a justiça do mundo. Não pode ser suspensa, comprometida ou ignorada. Deve ser executada com perfeição. Deve ser satisfeita.

Em outras palavras, seria pecado Deus comprometer sua justiça.⁸

Uma vez que Deus é santo, ele não pode perdoar o pecado sem puni-lo. A cruz deu a Deus uma maneira de tanto perdoar quanto satisfazer a justiça divina ao mesmo tempo. Quando Deus perdoa um pecador culpado é porque sua justiça foi satisfeita. Deus aplicou a punição em seu Filho na cruz.

Vejam como isso aconteceu. Deus colocou os pecados de todos os crentes, do Antigo Testamento e do Novo, sobre seu Filho. Então, ele puniu aqueles pecados com os tormentos que eles mereciam. Dessa forma, Deus é capaz de perdoar o ofensor sem comprometer sua santa justiça. A cruz equipa Deus a ser, simultaneamente, “... o justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3.26).

A cruz nos lembra de que Deus é santo. Seus caminhos não são os nossos caminhos. Seus pensamentos não são os nossos pensamentos (Is 55.8). Da mesma forma, os “caminhos” dos pais cristãos eficientes são

santos. São diferentes do mundo em volta deles.
Retornaremos a esse tema mais adiante.

Ira santa

Deus não é alguém que inventamos ou construímos. Ele é objetivo. Ele nos disse (nas páginas das Escrituras) como ele é. Portanto, convém dar atenção. Falei isso em razão de o nosso próximo assunto, a ira de Deus, ser difícil. É um assunto que você será tentado a ignorar ou proibir. O que o evangelho nos fala sobre a ira não é agradável.

Como já vimos, a santidade de Deus o leva a *odiar* o mal e a amar apaixonadamente tudo o que é bom, virtuoso e verdadeiro. Isso é um problema para a mente moderna. *Ódio* tornou-se uma palavra proibida. A mídia denuncia a “linguagem de ódio”. O fato é que, para muitos, qualquer pessoa com convicções fortes é culpada de “ódio”.

A Bíblia, contudo, descreve com muita coerência o ódio de Deus, e para Deus, ele é sempre virtuoso. Deus nunca se desculpa por ele. Ele não se sente culpado por ele. “Aborreces a todos os que praticam a

iniquidade” (Sl 5.5). “Amas a justiça e odeias a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu [o Messias] com o óleo de alegria” (Sl 45.7). “Amei a Jacó, porém aborreci a Esaú” (Ml 1.2-3).

A ira é a forma assumida por esse “ódio” ao mal. É uma ira santa. Quando há uma colisão entre a bondade infinita e o mal, o resultado é a ira. “A ira de Deus surge a partir de seu ódio intenso e determinado por todo pecado”, observa Jerry Bridges. É “a expressão tangível de sua determinação inflexível de puni-lo. Podemos dizer que a ira de Deus é sua justiça em ação, pagando a todos o que é devido, o que, por causa do pecado, é sempre julgamento”.⁹

A maioria de nós reluta em enfrentar a ira de Deus. Que “Deus é amor” (1Jo4.16) todos nós temos certeza. Mas ira? Como posso adorar um Deus que se irrita? A ira não é pecado?

A Bíblia, no entanto, discute a ira de Deus com mais frequência do que o seu amor. “No Antigo Testamento, mais de vinte palavras são usadas para se referir à ira de Deus”, nota Leon

Morris. “O número total de referências à ira de Deus excede 580, de modo que não se pode dizer que esse é um tema ocasional. Na Bíblia, a ira de Deus é intensamente pessoal”.¹⁰ Penso que A. W. Pink estava certo: “Nossa prontidão ou relutância em meditar sobre a ira de Deus é um teste certo para descobrir como nosso coração é afligido [por Deus]”.¹¹

A ira humana normalmente é pecaminosa. A ira humana é raiva fora de controle. Ela é ímpia. A ira de Deus, contudo, nunca sai de controle. Pelo contrário, ela é calculada. Ela é deliberada. O mais importante é que Deus é “... longânimo [paciente] e grande em misericórdia e fidelidade” (Êx 34.6).

Isso significa que a ira de Deus é controlada. É mais semelhante à ira dos *ents* na obra *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien. Nessa história, os *ents* são poderosas árvores vivas que crescem na Terra Média. Elas dormiram por gerações e despertaram quando a Terra Média foi dominada pelo mal. Sua ira cresceu, mas bem lentamente. Elas não fazem nada

apressadamente. Mas, quando finalmente irrompe, sua ira coletiva provoca uma devastação sobre a cidade maligna vizinha. Esse é um bom retrato de como a ira de Deus funciona. A ira de Deus nunca é pecaminosa. Em vez disso, ela é uma expressão de sua santidade. É uma das perfeições morais de Deus. É um importante aspecto de sua glória.

A pergunta não é “como Deus pode ser amoroso e sentir ira ao mesmo tempo?”. Em vez disso, a “verdadeira” pergunta é: “Como Deus poderia ser bom – infinitamente bom, da maneira como a Bíblia o descreve – e *não* sentir intensa ira pelo pecado e pelo mal?”. O pecado destrói tudo o que toca. Ele destrói a glória de Deus. Distorce a felicidade individual. Corrompe as famílias. Divide igrejas. É como um veneno para ratos. Cheira bem e tem boa aparência, mas, ao final, mata sua vítima. Embora o pecado costumeiramente traga prazer em curto prazo, se não for expiado, ele termina em dor *infinita*.

Deus é santo. Como ele poderia ser ao mesmo tempo infinitamente bom e apático em relação

ao mal? A bondade infinita deve odiar tudo o que destrói a felicidade. Essa é melhor maneira de entender a perfeição da ira de Deus. Deus sente ódio pela fonte de todo sofrimento e dor – o pecado –, e somos gratos por ele ser assim.

Ira na cruz

Tudo isso significa que a ira do Pai é uma virtude. Quando Cristo levou sobre si nosso pecado na cruz, o Pai puniu seu Filho em nosso lugar. Ele derramou sua ira, tão profundamente merecida por nós, sobre seu Filho. A cruz foi um veículo para expressar a ira de Deus e Deus queria que ela fosse expressa. “O que a cruz nos diz é que Deus odeia o pecado”, destaca o Dr. Martyn Lloyd-Jones. “Deus é a antítese eterna do pecado. Deus abomina o pecado com toda a intensidade de sua natureza divina, perfeita e santa. E Deus não apenas odeia o pecado, como também não o tolera. Deus não pode se envolver com o pecado”.¹²

Quando Deus derramou sua ira sobre seu Filho, ela apareceu de muitas maneiras. Primeiro, o povo judeu rejeitou Jesus. Eles escolheram Barrabás, um criminoso comum, e rejeitaram a perfeição, clamando “Crucifica-o! Crucifica-o!” (Lc 23.21). Apareceu como dor. Os soldados romanos enfiaram uma coroa de

espinhos na cabeça de Cristo. Eles o torturaram com crueldade. A ira de Deus pareceu algo ridículo. Eles zombaram e caçoaram dele. A ira foi demonstrada como humilhação. Os soldados romanos arrancaram as roupas de Cristo e o crucificaram nessa condição. A ira foi demonstrada por meio de dor excruciante e tortura. Pregaram-no a uma cruz. Depois, se afastaram para, com desprezo, vê-lo sofrer uma morte lenta e sofrida.

A verdade maravilhosa é esta: esse foi um gesto de seu Pai. Deus Pai trabalhou através dos judeus e dos soldados romanos para garantir que a santa ira do próprio Deus fosse plenamente expressa. “Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar” (Is 53.10).

“Deus nunca manifestou de tal maneira seu ódio pelo pecado como na morte e no sofrimento de seu Filho unigênito”, escreveu Jonathan Edwards. “Por meio disso, ele se mostrou implacável contra o pecado e declarou que era impossível para Deus estar em paz com ele”.¹³

O Calvário pinta um retrato impopular. Através do megafone do sofrimento de seu Filho, Deus grita esta mensagem: “Eu odeio o mal em todas as suas formas. Ele merece a minha ira intensa. Minha ira deve ser derramada sobre o pecado antes de eu poder perdoar. Minha ira santa deve encontrar expressão”.

A cruz nos leva à seguinte conclusão: existem apenas dois tipos de pessoas. Existem aquelas que colocam sua fé em Jesus e deixam que ele carregue a ira de Deus no lugar delas. E existem aquelas que tentam ganhar a salvação de acordo com suas próprias condições. Elas vão suportar essa ira sozinhas, no inferno, por toda a eternidade.

Essas verdades são muito bem-vindas para os pais. Elas nos sensibilizam em relação ao pecado. Elas nos motivam a levar a sério o pecado existente no coração de nossos filhos. Elas nos motivam a levar a criação de filhos a sério. O sucesso ou o fracasso tem consequências sinistras.

Conclusão

O conteúdo deste capítulo deve afetar pais perceptivos.

Primeiro, o capítulo 3 sugeriu que o temor de Deus é a chave para a criação eficiente de filhos. O que a cruz nos ensina sobre a santidade de Deus leva os pais cristãos a temerem-no. Como vimos, a maior mostra da santidade de Deus não está no Antigo Testamento. Está no Novo Testamento. Está na cruz. O que se tornou público na cruz, quando corretamente entendido, é a razão para temer a Deus.

O temor de Deus é um importante resultado do evangelho. Lemos em Apocalipse 14.6: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo”. Aguardamos ouvir o anjo proclamar a morte e a ressurreição de Cristo. Em vez disso, o anjo proclama esta mensagem: “Temei a Deus e dai-lhe glória” (Ap 14.7). Ele

diz isso porque temer a Deus e dar-lhe glória são ambos efeitos do evangelho.

Segundo, a cruz motiva os pais cristãos a perseguir sua própria santidade pessoal. A cruz nos coloca à parte. Tal como Deus, nossos caminhos se tornam diferentes dos caminhos dos não cristãos. Fazemos as coisas de maneira diferente. A mídia secular e as escolas públicas não mais estabelecem os rumos de nossa maneira de criar filhos; a Bíblia o faz.

O conhecimento da santidade de Deus nos equipa para *sentirmos* cada vez mais as consequências eternas do pecado. Como veremos no capítulo 5, o amor de Deus pela virtude, especialmente sua humildade e servidão, é impossível de entender se separado de uma ampla familiaridade com a santidade de Deus. Tudo isso afeta profundamente nossa forma de encarar a criação de filhos.

A cruz motiva os pais a odiar o pecado, primeiro em si mesmos, depois em seus filhos. Aos pais apáticos e passivos em relação a seus próprios pecados – e, por extensão, aos de seus filhos – a cruz diz: “Deus leva isso muito a

sério. Você precisa pensar seriamente em mudar a si mesmo”. A cruz diz: “Deus não é como você. Ele odeia o pecado com todo o seu ser. Ele enxerga sua natureza destrutiva. Ele provoca sua ira. Ele não é passivo. O pecado não combatido terminará por destruir você e seus filhos. Deus nunca estará em paz com ele. O pecado será punido na cruz, em você ou em seu filho com tormento consciente eterno”.

Terceiro, a cruz nos dá uma perspectiva eterna. No segundo capítulo sugeri que os pais cristãos criem seus filhos tendo a eternidade em vista. As realidades da cruz nos sensibilizam em relação à pessoa diante da qual nós e nossos filhos nos colocaremos no dia do julgamento. Deus é santo. Por essa razão, ninguém pode vê-lo e continuar vivendo. Ele habita em luz inacessível (1Tm 6.16). Nosso trabalho é preparar nossos filhos para vê-lo face a face, e nos colocarmos perante ele, revestidos da justiça de Cristo, alegremente para sempre.

Quarto, a santidade de Deus, demonstrada na cruz, firma os pais. A cruz redefine o pensamento vago e confuso. O pensamento se

torna agudo e afiado. A cruz ensina os pais a nunca fazerem mal uso da graça de Deus. A cruz motiva o pai passivo a agir de maneira decisiva.

Quinto, a santidade de Deus, demonstrada na cruz, torna tanto pais quanto filhos necessitados. Ela nos convence de que a salvação não pode ser conquistada. Ela nos motiva a buscar alegremente nossa salvação somente em Cristo.

Em seu livro *How people change*, Lane e Tripp escrevem de maneira sábia:

Uma das razões pelas quais os adolescentes não ficam animados com o evangelho é que eles acham que não precisam dele. Muitos pais foram bem-sucedidos em criar pequenos fariseus cheios de autojustificação. Quando olham para si próprios, não veem um pecador em necessidade desesperada, de modo que não são gratos por um Salvador.¹⁴

Filhos criados por pais diligentes, imersos na santidade de Deus, não são aptos para compartilhar esse problema.

Esses cinco benefícios podem ser resumidos em uma frase: o temor de Deus. “O homem para

quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra” (Is 66.2). O temor de Deus nos apresenta a essas três virtudes. Ele nos humilha, motiva à contrição e ao tremor diante da Palavra de Deus. Deus olha para os pais com essas três virtudes e abençoa os esforços deles.

No capítulo 3 examinamos algumas das abundantes promessas aos pais que temem a Deus. A cruz nos convence de que Deus é santo. O temor de Deus é um subproduto de se viver ao pé da cruz. Bem-aventurado é o filho cujos pais têm temor de Deus.

Agora estamos prontos para mergulhar nas profundezas da infinita graça de Deus. O que torna a graça de Deus tão maravilhosa é que ela é uma graça santa. Se a graça de Deus não estiver firmemente plantada no temor de Deus, ela produzirá poucos frutos em nossa criação de filhos. A maravilhosa graça de Deus é o assunto do próximo capítulo.

Perguntas para estudo

1. Tente resumir o conteúdo deste capítulo com as suas palavras.
2. Este capítulo sugere que a teologia é mais importante do que a técnica. De que maneira a teologia discutida neste capítulo deve moldar o processo de criação de filhos?
3. Deus Pai é santo. Ele se separa do pecado. Seus caminhos são separados dos caminhos do mundo. Essa ideia causa impacto no processo de criação de filhos? Explique.
4. Em quais aspectos práticos o conhecimento da santidade de Deus motiva os cristãos a criar seus filhos de maneira diferente?
5. Costuma-se dizer que um pai nunca deve disciplinar um filho com ira. À luz deste capítulo, você acha que isso é verdadeiro? Por que sim ou por que não? (Dica: leia Efésios 4.26).
6. O conhecimento da santidade de Deus, seu ódio pelo mal e sua ira em relação ao

mal mudam a maneira como você encara a criação de filhos? Explique com suas palavras.

¹ GUINNESS, Os. *Fit Bodies, Fat Minds*. Grand Rapids: Baker, 1994, p. 10.

² STARK, Rodney. *The Victory of Reason*. Nova York: Random House, 2005.

³ RYKEN, Philip. *Exodus*. Wheaton, IL: Crossway, 2005, p. 82, grifos do autor.

⁴ CARSON, D. A. et al., orgs. *The New Bible Commentary*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994. Veja as notas de Levítico 11.1.

⁵ TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. Nova York: Harper and Row, 1961, p. 110.

⁶ Ibid., p. 111.

⁷ GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology*. Grand Rapids: Zondervan, 1994, p. 568.

⁸ Bart Campolo, “The Limits of God’s Grace”, *Journal of Student Ministries* (Set/Out 2006).

⁹ BRIDGES, Jerry. *The Gospel for Real Life*. Colorado Springs: NavPress, 2003, p. 52.

¹⁰ MORRIS, Leon. *The Atonement*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1983, p. 153, 155.

¹¹ PINK, A. W. *The Attributes of God*. Grand Rapids: Baker, 1975, p. 77.

¹² LLOYD-JONES, Martyn. *The Cross*. Wheaton, IL: Crossway, 1986, p. 76.

¹³ Jonathan Edwards, “The Wisdom of God Displayed in Salvation”, in *The Works of Jonathan Edwards*. Edinburgo:

Banner of Truth, 1995, 2.145.

¹⁴ LANE, Timothy e TRIPP, Paul David. *How People Change*. Greensboro, NC: New Growth Press, 2006, p. 5.

Capítulo 5

Um pai gracioso

No capítulo anterior discutimos a transcendência de Deus. Ele é diferente de nós. Deus é santo. Ele odeia o mal. Mas Deus não é apenas transcendente. Ele também é imanente. Ele está perto de seus filhos. Ele os ama. Ele busca ter um relacionamento com eles. “O SENHOR é misericordioso e compassivo”, escreveu Davi; “longânimo e assaz benigno” (Sl 103.8).

Deus nos adota em sua família pela graça por meio da fé. Não entramos por causa do nosso desempenho. A família de Deus, a paternidade de Deus, tudo gira em torno da graça. E o que torna a graça de Deus tão maravilhosa é o fato de ela ser uma graça *santa*.

A graça é o coração e a alma do cristianismo. Isso é o que torna o cristianismo diferente de todas as outras religiões. A salvação não pode ser conquistada. Ela é um presente. Todas as outras religiões trabalham pela salvação. Os

hindus devem passar por inúmeras reencarnações. Os judeus e os muçulmanos obedecem à lei. Espíritos malignos escravizam os animistas, que devem trabalhar constantemente para agradá-los. Mas a verdadeira salvação é o presente *gracioso* de um Deus infinitamente santo. Portanto, aqueles que entendem e exultam na graça penetram o coração e a alma do cristianismo. A graça é fundamental para a família de Deus. É o ar que seus filhos respiram. É fundamental para o processo de criação de filhos.

Aqueles que entendem o que sua adoção custou para Deus, à luz do que mereciam, ficam impressionados e surpresos pela graça de Deus. É uma graça santa. Não é comum.

Para a maioria dos norte-americanos, *graça* é sinônimo de bondade, charme ou bons modos. Quando eu costumava pensar em graça, o que me vinha à mente era a imagem de uma linda jovem com habilidades sociais impecáveis. Ela não ofendia. Ela era agradável. Ela era educada.

A graça é um favor imerecido e é absolutamente santa. Alguns definem graça

como as riquezas de Deus à custa de Cristo. Embora essa definição possa ser correta, ela não nos leva de fato ao coração e à alma da graça. Por quê? Ela não diz nada sobre o que nós merecemos. Apreciamos e valorizamos a graça até o ponto em que entendemos o que merecemos. Portanto, para que essa definição seja válida, devemos imaginar a feiúra de nosso pecado na equação. Se a definição fosse “as riquezas de Deus à custa de Cristo *estendidas a homens e mulheres que, por natureza, merecem a ira*”, teríamos uma definição completa de *graça*.

A ira nos apresenta à graça. A santidade de Deus, discutida no capítulo anterior, deve preceder este capítulo. John Frame fala da seguinte maneira: graça é “o favor soberano e imerecido de Deus, concedido àqueles que merecem sua ira”.¹ Em seu *Comentário do Novo Testamento*, William Hendriksen acrescenta: “A graça de Deus é seu favor ativo concedendo o maior presente àqueles que merecem a maior punição”.² “Graça é o favor

demonstrado a pessoas que não merecem qualquer favor que seja”, conclui Martyn Lloyd-Jones. “Não merecemos nada senão o inferno. Se você acha que merece o céu, acredite em mim, você não é cristão.”³

Até mesmo líderes cristãos bem conhecidos ficam confusos diante da graça. Uma amiga compareceu a uma conferência cristã de mulheres. Dez mil estavam presentes. Embora o tema fosse graça, ninguém a definiu. Assim, um moderador pediu a um painel de líderes da conferência que apresentasse uma definição pública. Houve uma longa pausa. “Graça é outorga de poder”, respondeu o orador principal.

A graça de fato inclui a outorga de poder (pelo Espírito Santo), mas esse não é o cerne dela. É algo muito mais rico. Uma vez que se trata de um tema que causa tamanha confusão, no restante deste capítulo vou tentar esmiuçá-la.

Deus é gracioso

Para que possamos ver a graça de Deus com clareza, precisamos desembrulhar a palavra *imerecido*. Podemos falar da seguinte maneira: a graça é um prêmio, ou favor, dado àqueles que *merecem julgamento*. Se um juiz considerar um estuprador em série culpado e, então, descer de seu posto, concordar em receber a pena capital no lugar do criminoso e enviar o estuprador para passar férias no Havaí por trinta anos com tudo pago, isso seria graça. A severidade dos crimes cometidos pelo criminoso seria a medida da graça do juiz. Da mesma forma, o conhecimento daquilo que merecemos e do que custa para Deus ser gracioso é a medida de sua graça paternal. No final de tudo, a cruz é a fita que mede o comprimento e a largura da graça de Deus. Tal como a ira de Deus, sua graça é santa. Ela transcende todas as concepções humanas.

A cruz proclama aquilo que merecemos. Foi uma troca. O juiz ofendido – o Pai – enviou seu Filho inocente para receber a nossa punição. Ele

foi nosso substituto na punição. Ele fez isso para nos dar a recompensa que Cristo merece. “Aquele que não conheceu pecado” escreveu Paulo, “ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.21).

Pense nisso. Isso significa que pecadores que merecem a crucificação, em vez disso, recebem o prêmio que a *perfeição* merece. Nós o recebemos *à custa* de Deus, e não há absolutamente nada que possamos fazer para retribuir essa troca. Isso deveria nos deixar abalados! Deveria nos surpreender! O mais importante é que deveria nos humilhar de maneira profunda e intensa.

Como pastor, descobri que muitos cristãos não compreendem claramente a graça. Nunca presumi que alguém entenda o evangelho da graça de Deus, por mais tempo de igreja que a pessoa tenha. Portanto, vamos fazer uma pausa para definir *graça* e explicá-la com cinco importantes proposições. Você precisará internalizá-las para ser um pai eficiente.

Deus é livre

Nossa primeira proposição é que Deus é livre. Isso significa que ele tem a liberdade de não ser gracioso. A única coisa que Deus nos deve é justiça! Ele não nos deve graça. Somos pecadores. Não temos direito à graça de Deus. Isso significa que se Deus não for gracioso, ninguém pode dizer “isso não é justo”. Por quê? Porque justiça implica obrigação, mas Deus não tem obrigação de ser gracioso.

Sabemos isso porque Deus reteve graça aos anjos caídos. Ele não a devia a eles. Ele deu-lhes o que mereciam: justiça. “Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo” (2Pe 2.4). Deus não poupou anjos. Ele poderia tê-los poupado, mas não o fez. Ele não lhes ofereceu perdão. Não lhes deu oportunidade de arrependimento e redenção. Não lhes deu graça, e isso não causou nenhuma mancha no caráter divino.

Se isso é verdade, então nenhum de nós pode exigir graça. A única coisa que Deus nos deve é justiça. Deus poderia nos ter tratado como fez com os anjos. Eles não tinham pecado antes de caírem. Até onde sabemos, eles cometeram um único pecado. Se Deus tivesse nos deixado em nossos pecados para que perecêssemos, nenhuma de suas perfeições morais teria sido manchada. J. I. Packer destaca:

A graça é livre no sentido de ser auto-originada e de proceder daquele que tinha liberdade de não ser gracioso. Somente quando se entende que o que decide o destino individual de cada um é o fato de que Deus resolve salvá-lo ou não de seus pecados, e que essa é uma decisão que Deus não está obrigado a tomar em nenhum caso, é que alguém pode começar a compreender a visão bíblica da graça.⁴

Em resumo, Deus nunca é obrigado a ser gracioso. Ele estende a graça porque ama os pecadores. Ele também ama a graça e se deleita em agir de acordo com ela. Ele é livre para concedê-la a uma pessoa e retê-la para outra.

Deus não tem necessidades

Segundo, Deus não tem necessidades. Isso significa que quando é gracioso ele não o faz para satisfazer uma necessidade que tenha em si próprio. “[Deus não] é servido por mãos humanas, como *se de alguma coisa precisasse*; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais” (At 17.25).

Deus não tem necessidades porque ele é completamente satisfeito em sua própria comunidade intertrinitária.⁵ Ele é infinitamente feliz. Ele é infinitamente tranquilo. Seu Espírito é “alegria indizível e cheia de glória” (1Pe 1.8). Ele tem todo conhecimento e poder. Se ele fosse infeliz, saberia imediatamente por que, e assim teria o poder de remediar a questão imediatamente. Ele não carece da experiência de ser amado ou aceito. Ele é totalmente suficiente em si mesmo.

Isso significa que Deus não nos criou porque carecia de companhia ou porque precisava de alguém para amar, ou ainda porque estava

insatisfeito com seus relacionamentos no conselho eterno da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). “Deus não está limitado por nenhuma deficiência interior ou infelicidade por fazer qualquer coisa que ele não quisesse fazer”, destaca John Piper. “Ele é completo e transbordante de satisfação desde a eternidade. Ele não precisa de educação. Ninguém pode oferecer nada a ele que já não tenha vindo dele próprio”.⁶

Isso acarreta um problema para nós, criaturas finitas e necessitadas que somos. Não conseguimos entender uma ação — especialmente uma ação infinitamente custosa —, que não seja motivada por uma necessidade. Fazemos tudo para satisfazer necessidades. Nós nos casamos porque precisamos de companhia. Trabalhamos porque precisamos de dinheiro. Temos filhos porque precisamos de uma posteridade. Até mesmo amamos e servimos a Deus porque precisamos de vida eterna. Somos vasos vazios que precisam ser cheios. Em

confronto, o vaso de Deus é superabundante, tanto que transborda.

A questão continua: se Deus não tem necessidade, por que ele criou e redimiu? A resposta é simples. Deus criou para glorificar sua bondade. Ele criou um contexto para demonstrar e exercer suas perfeições morais. Existimos para a glória de Deus. Existimos porque a bondade de Deus transborda constantemente e ele quer demonstrá-la e compartilhá-la.⁷

Em resumo, dissemos duas coisas. Deus não apenas é livre para não conceder graça, mas, quando ele é gracioso, isso nunca acontece para satisfazer uma necessidade própria. Isso significa que apenas bondade infinita, não qualquer forma de interesse egoísta, o motiva a nos adotar em sua família.

O pecado é infinitamente ofensivo

Nossa terceira proposição está relacionada ao nosso demérito. Deus é livre e não tem necessidades, mas a profundidade de nosso demérito torna impossível que compreendamos essa verdade. Deus é gracioso para com os inimigos, não para com os amigos (Rm 5.8). Se fôssemos amigos, o “favor” seria “merecido”, e não seria graça. Conforme já dissemos, quanto mais entendemos nossa inimizade para com Deus, assim como a inimizade de Deus para conosco, mais maravilhosa se torna a graça.

Discutimos a justiça de Deus no capítulo anterior. Devemos retornar a esse assunto para compreender nosso demérito. Deus é perfeitamente justo. “És rei poderoso que ama a justiça” (Sl 99.4). “O SENHOR é Deus de justiça” (Is 30.18). Ele nunca pune com dureza excessiva. Em vez disso, cada pecado recebe exatamente o que merece, e nada mais. Deus nunca afrouxa a justiça. Fazer isso seria pecar. Em vez disso, ele sempre executa a justiça. Com

esse fundamento em mente, aprendemos que duas verdades destacam a enormidade de nosso pecado: o inferno e a cruz.

Em primeiro lugar, o inferno dramatiza nosso demérito. Ele nos deixa ver o pecado através dos olhos de Deus. O inferno diz que nosso pecado é infinitamente hediondo aos olhos de Deus. Por quê? Aqui está a resposta: o inferno é tormento consciente e eterno. “O Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o *fogo eterno*, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41).⁸ Embora os pecadores não redimidos sofram para sempre, o pecado deles é tão sério que seu sofrimento nunca expia seu pecado. Por mais tempo que fique no inferno, a pessoa nunca sofrerá o suficiente para equilibrar os pratos da balança da justiça e abrir seu caminho de volta para o céu. Sendo assim, o que os tormentos do inferno dizem sobre nosso pecado? Uma vez que Deus é infinitamente justo, eles nos dizem que o pecado deve ser infinitamente ofensivo para Deus. Se não fosse

esse o caso, a existência de tormento consciente e eterno (inferno) seria injusta e Deus não seria um juiz justo. “Pecado infinitamente ofensivo” é uma declaração dura. É difícil de engolir. A maioria de vocês vai desejar mais provas. Nós as temos no evangelho, especificamente na cruz.

A cruz confirma tudo o que dissemos sobre a ofensa infinita do pecado. Ela diz que nenhum sacrifício finito pode expiar o pecado (Hb 10.4). Nada, senão um sacrifício de valor infinito, o próprio Deus, pode expiar nossas ofensas. Além disso, ninguém senão um Ser infinito é capaz de sofrer suficientemente para expiar ofensas infinitas contra um Deus infinitamente santo.

É por isso que Jesus tinha de ser Deus. Um sacrifício humano não poderia realizar esse trabalho. Se ele fosse puramente humano, você e eu ainda estaríamos mortos em nossos pecados. Um objeto de valor finito não pode expiar pecados infinitamente ofensivos. Somente um sacrifício de valor infinito pode ajustar os pratos da justiça divina e garantir nosso perdão. Bridges e Bevington concordam: “A expiação só poderia ser a obra de uma

pessoa divina, de valor e dignidade infinitos, uma vez que a ofensa de nossos pecados contra um Deus santo é uma atrocidade infinitamente aterradora”.⁹

Ao usar o termo “pecado” não estou me referindo a adultério, bebedice ou roubo de um banco. Estou pensando nos pecados secretos, interiores, espirituais – olhar lascivo, pensamento condescendente, orgulho, descrença, egoísmo, linguagem depreciativa ou fofoca. Lembre-se de que tudo o que Adão e Eva fizeram foi morder um fruto proibido. Eles não cometeram adultério nem cheiraram cocaína. Contudo, o resultado foi morte, sofrimento, alienação e rejeição para bilhões. Somos capazes de compreender plenamente o horror do pecado? É possível para nós até mesmo vê-lo sob a perspectiva de Deus?

Concluimos, portanto, que não podemos sequer entender como Deus odeia nosso pecado, como este nos aliena de Deus e quão ele traz sobre nós a ira de Deus.

Falei tudo isso para fazer esta afirmação: *Deus envia sua graça a inimigos*. Ele envia essa graça apesar do fato de que nada nos beneficiários de sua graça o motiva a ser gracioso, nem qualquer necessidade o impele. A graça de Deus é verdadeiramente santa. É totalmente sublime!

Somos incapazes

Nossa quarta proposição é que você e eu somos incapazes. Se o que eu disse até aqui for verdadeiro, então isso por si só deveria ser evidente. Contudo, a maioria das pessoas não tem conhecimento de sua incapacidade. De fato, a maioria das pessoas (até mesmo muitos cristãos professos) pensa que vai para o céu por ser boa.

Em um funeral recente, o viúvo veio até mim com lágrimas nos olhos e disse: “Minha esposa era uma pessoa excepcionalmente boa. Se existe alguém que possa ir para o céu, é ela”. Esse homem é um cristão confesso. Ele ia à igreja todos os domingos há oitenta anos. Mas ele não tinha a menor ideia de sua incapacidade. Ele não tinha compreensão de seu pecado, da santidade e da graça de Deus.

Costumo chocar minha congregação dizendo isto: “A virtude mantém mais pessoas fora do céu do que todos os seus pecados combinados”. Depois de meus ouvintes se recuperarem, eu

explico. “O que quero dizer é que a *confiança* em nossas virtudes deixa mais pessoas fora do céu do que todo adultério e bebedice combinados.” Não conseguimos ser suficientemente bons. Nunca satisfaremos os padrões de Deus. Para agradar a Deus, devemos confessar nossa falência. “Não há justo, nem um sequer (...) todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; *não há quem faça o bem, não há nem um sequer*” (Rm 3.10,12 citando Sl 14.1, 3). Não podemos ser suficientemente bons porque Deus requer perfeição. “Ninguém é perfeito” é uma expressão bastante comum. Este é o problema: precisamos ser perfeitos.

Muitos cristãos e não cristãos fazem boas obras. Muitos não cristãos cuidam de doentes e servem comida a moradores de rua. Audrey Hepburn passou os últimos dias de sua vida servindo crianças em países do Terceiro Mundo. Paulo não está dizendo que pessoas não fazem boas obras. Ele está dizendo que, se essas obras não forem feitas com fé em relação a Deus e para a glória de Deus, elas não terão mérito perante Deus. Não é suficiente fazer coisas

boas. As obras devem vir de motivos santos. É por isso que concluímos que ninguém pode conquistar o céu. Isso é totalmente impossível.

Se isso for verdade, esforçar-se um pouco mais é um desperdício de tempo. Se isso for verdade, todos os budistas altruístas, os muçulmanos e os mórmons estão em grande dificuldade. Se isso for verdade, as resoluções de Ano Novo são apenas fumaça.

O Filho de Deus veio à terra e sofreu dor infinita exatamente porque somos incapazes. Os cristãos são aqueles que confessam: “Nossa situação é desesperadora”. De fato, a confiança em nossas virtudes não é uma questão neutra. É um pecado profundo. Isso deixa Deus irado. Por quê? Tentativas de ser “suficientemente bom” rejeitam Cristo, sua cruz e sua obra expiatória. Como você se sentiria se enviasse seu filho para ser torturado até a morte em favor de amigos porque a situação destes era desesperadora e eles dissessem “obrigado, mas não queremos. Podemos resolver tudo sozinhos”? Você certamente não ficaria feliz.

Conversando com um amigo cristão que

acreditava que devia fazer alguma coisa para ser aceitável a Deus, eu disse: “Aqueles que buscam a aceitação de Deus por meio do desempenho rejeitam a cruz de Cristo, e sei que você não quer fazer isso”. Ele ficou muito chateado comigo. Ele estava convencido de que Deus estava feliz com suas tentativas de merecer a salvação. Ele ficou irado diante da sugestão de que suas tentativas de merecer o favor de Deus eram de fato uma rejeição à cruz. Mas ouçam esta linguagem forte: “Todos quantos, pois, são das obras da lei [ou seja, os que tentam se esforçar um pouco mais] estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las” (Gl 3.10 citando Dt 27.26); “De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes” (Gl 5.4). É assim que Paulo descreve aqueles que confiam em suas próprias virtudes: malditos e desligados de Cristo.

Em resumo, se você acredita em todas as verdades cristãs básicas, mas persiste em se

acertar com Deus tentando ser bom, você inadvertidamente rejeita o evangelho. A verdade é que somos incapazes. Nós nos apropriamos do poder do evangelho por meio da fé pela graça de Deus, não pelas obras. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9).

Fizemos quatro proposições: Deus é livre; Deus não tem necessidades; somos inimigos de Deus; e somos incapazes de mudar nossa situação difícil por meio do esforço humano.

O custo da graça para Deus

Nossa quinta e última proposição é esta: minha capacidade de entender a graça sempre está relacionada ao meu entendimento do quanto custou para Deus ser gracioso. Quando a salvação ocorre, o Pai nos adota em sua família. Ele nos torna seus filhos e filhas.

As adoções neste mundo são caras. Ouvi de um cristão que pagou trinta mil dólares para adotar uma criança da China. Contudo, isso é troco comparado àquilo que o Pai pagou para adotar você e eu. O custo foi infinito.

Imagine este cenário: um pai pobre pega seu filho de 10 anos de idade no colo. “É hora de lhe contar a verdade. Você não é meu filho natural. Nós adotamos você quando você tinha 6 semanas de vida. Houve uma época em que minhas propriedades valiam dez milhões de dólares, mas queríamos tanto ter você em nossa família que gastamos toda nossa fortuna para adotá-lo. Desde então, nós nos tornamos pobres, mas nunca nos arrependemos. Sua presença em

nossa família tem valido muito mais do que todo o dinheiro do mundo”.

Como você acha que aquela criança se sentiria? Sua primeira reação provavelmente seria de desapontamento: “Este não é o meu pai verdadeiro”. Mas sua segunda resposta seria de alegria, a profunda alegria de saber que é de fato amado, valorizado, talvez até mesmo mais estimado do que a maioria dos filhos naturais. Por que ele se sentiria dessa maneira? O conhecimento do custo de sua adoção seria a medida do amor de seu pai.

É dessa maneira que a graça de Deus deveria nos afetar. O custo de nossa adoção não foi de dez milhões de dólares. *Ele foi infinito*. Como já vimos, exigiu um sacrifício de valor *infinito* para expiar ofensas *infinitas* que eram *infinitamente* hediondas para um Deus *infinitamente* santo.

Foi isso o que aconteceu na cruz. Deus nos deu aquilo que ele amava infinitamente, seu maior tesouro, seu Filho, para garantir nossa adoção. Pense nisso no contexto de nossas quatro primeiras proposições. O Pai pagou esse

preço sem ter nenhuma obrigação para conosco, na inexistência de qualquer necessidade em si próprio, a despeito da inimizade infinita em relação a nós e a despeito de nossa total incapacidade. Ele fez isso porque nos ama. Fez isso para exercer sua graça. Fez isso para glorificar sua graça.

A graça de Deus é completamente fora do comum. Não é como a graça do mundo. Ela foi motivada pelo amor. Não é surpresa que Paulo tenha orado para que pudéssemos “... compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que *excede todo entendimento*, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (Ef 3.18-19).

Como conclusão, a graça não é apenas “favor imerecido”. Precisamos ir além. É recompensa dada àqueles que merecem punição. Passaremos o resto de nossa vida crescendo no conhecimento dessa graça (Ef 1.6). Será nossa maior alegria e nosso maior prazer.

Fruto da graça

Estamos defendendo a ideia de que a família de Deus tem tudo a ver com a graça. Isso tem implicações profundas para a criação de filhos. Os cristãos não trabalham para obter graça. Eles trabalham porque receberam graça. Os cristãos não conquistam o favor de Deus. Eles servem porque Deus já lhes demonstrou favor. Os cristãos não trabalham para merecer a salvação. Eles servem alegremente a Deus porque ele já lhes deu salvação.

Como já notamos, a graça é um dos maiores abismos entre o cristianismo e todas as outras religiões. A condição natural do coração humano é “seja bom o suficiente e Deus aceitará você”. Iain Murray nota que “a religião do homem natural é sempre uma religião de autojustificação”.¹⁰

O cristianismo reverte tudo isso. Ele diz: “Deus o aceita a despeito do fato de você tê-lo irritado com uma ofensa infinita. Deus o aceita muito embora você deva ser perfeito, mas não

seja capaz de sê-lo. Deus enviou seu Filho para fazer aquilo que você não consegue fazer. Ele viveu uma vida perfeita em seu lugar. Ele suportou a justa ira de Deus por seus pecados infinitamente hediondos. Ele fez isso apesar do fato de que teria sido completamente justo que ele deixasse você em seus pecados. Fez isso a despeito da inexistência de qualquer necessidade que ele pudesse ter. Sua única motivação foi amor absoluto, impressionante e incompreensível”.

Toda obediência e serviço cristãos (incluindo a criação de filhos) é uma resposta a essa graça maravilhosa. É uma resposta àquilo que Paulo chamou de “evangelho da graça de Deus” (At 20.24). Infelizmente, porém, existem outras motivações. O orgulho motiva muitos pais cristãos. Queremos parecer bons aos outros. Às vezes, bem lá no fundo, criamos os filhos para mostrar que somos semelhantes a Deus. Nada de dádivas gratuitas. Deus deve ser ressarcido. Em alguns momentos, a culpa motiva a maneira como criamos nossos filhos. “Se eu fizer isso e aquilo, ele me perdoará.” Em outros momentos,

a insegurança é o que motiva. “Comparado com _____, sou um desastre. Se eu fosse como _____, então Deus certamente me amaria.” Finalmente, o medo costuma ser uma motivação. “Certamente Deus me punirá se eu não tiver um bom desempenho, se eu não atender às suas expectativas.”

Comparativamente, aqueles que veem e sentem a graça de Deus respondem com alegria e gratidão. Procuram ser como Deus em santidade e piedade, não para conquistar seu favor, mas porque sua graça capturou o coração deles. Eles enxergam a beleza moral de Deus e querem ser como ele. Veem o que Deus fez por eles. Oferecem a vida em alegre gratidão. A graça nos motiva a amar a Deus. A graça nos torna cada vez mais humildes. A graça nos motiva a obedecer a Deus. A graça nos motiva a amar nossos irmãos e irmãs. Só ela produz as boas obras que Deus busca. A graça também nos motiva a realizar a criação de filhos eficientemente.

Conclusão

Este livro é sobre como o evangelho causa impacto na maneira como criamos nossos filhos. De que maneira a graça de Deus deve afetar os pais?

Primeiro, a graça deve nos convencer de que a pretensão de sermos perfeitos na criação de nossos filhos é inútil. Ela nos lembra todos os dias de que não podemos ser perfeitos. Não podemos disciplinar duramente. Não conseguimos ensinar suficientemente. Não amamos adequadamente. Mas a graça também nos encoraja. Ela nos lembra de que a graça de Deus se aperfeiçoa em nossa fraqueza (2Co 12.9-10).

Segundo, a graça de Deus torna os pais cada vez mais sinceros, graciosos e humildes. Quando disciplinamos de maneira imprópria ou damos um exemplo ruim, a graça e a bondade de Deus nos levam a confessar os erros que cometemos a nosso cônjuge e a nossos filhos. Quando disciplinamos de maneira imprópria, a

graça de Deus nos compele a pedir perdão a nossos filhos. Quando tratamos nosso cônjuge sem generosidade na frente de nossos filhos, a graça de Deus nos motiva a buscar o perdão de nossos filhos.

Os pais que veem a graça de Deus dessa maneira são graciosos com seus filhos. Isso não significa que eles se esquivam de sua responsabilidade de disciplinar. Em vez disso, eles administram a disciplina de Deus com a ternura e a compaixão daqueles que veem seus próprios pecados e erros crucificados, julgados e punidos em Cristo na cruz. Quando disciplinam, as palavras de Paulo estão sempre diante deles: “Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado” (Gl 6.1).

Terceiro, a graça de Deus nos motiva a amar nosso cônjuge e nossos filhos de maneira sacrificial. Esse é o assunto do capítulo 11. A graça leva mães a colocar sua família antes da carreira. Se a carreira de uma mãe está ferindo seus filhos e ela enxerga a graça de Deus que

lhe foi estendida a partir da cruz, ela será motivada a morrer para sua ambição egoísta visando o bem de seus filhos.

A graça motiva pais a colocar sua esposa e seus filhos antes da carreira e dos *hobbies*. O resumo é este: você não pode entender a graça de Deus estendida a você sem querer estendê-la a outros.

Resumo dos capítulos de 3 a 5

O capítulo 3 enfatizou a verdade que afirma que Deus abençoa o filho cujos pais temem a Deus. O capítulo 4 tratou da santidade do Pai, e o capítulo 5, de sua graça. Na cruz, aprendemos a temer a Deus de maneira sadia e vivificante. Ali Deus demonstra sua santidade, sua justiça, sua ira, seu amor e sua graça.

Aqueles que temem a Deus disciplinam seus filhos, os ensinam, estabelecem um exemplo piedoso para que sigam e os encham de amor. Os profetas prometeram que a Nova Aliança nos ensinaria esse temor. “Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos” (Jr 32.39). Aprendemos esse temor na cruz.

Bem-aventurados são os filhos cujos pais aprendem a temer esse Deus santo e maravilhoso. Só eles sabem o que Jerry Bridges chama de alegria de temer a Deus.¹¹

Os próximos seis capítulos vão tratar da cruz, do coração do evangelho e do consequente temor dos instrumentos para a criação de filhos: o exemplo do casamento dos pais, o papel do marido na criação dos filhos, a importância de discipliná-los, a necessidade de ensiná-los e a necessidade de oferecer-lhes abundante afeição.

Perguntas para estudo

1. Este capítulo mudou sua definição de graça? Por quê?
2. Por que o tema do capítulo 4 é crucial para o entendimento deste capítulo?
3. Para entender a graça de Deus é preciso entender a liberdade de Deus de não ser gracioso, sua falta de necessidade, a ofensa infinita de nosso pecado, nossa situação desesperadora e o custo de Deus ser gracioso para conosco. Qual dessas ideias era nova para você? Qual delas o afetou mais profundamente?
4. Existem muitas motivações para servir a Cristo – medo, culpa, insegurança, orgulho e graça. Qual dessas o motiva mais frequentemente? Como seria um cristão se ele fosse motivado unicamente pela graça de Deus? Como podemos motivar nossos filhos com a graça?
5. Este capítulo discutiu duas distorções da graça: a pressuposição e o legalismo. Para qual lado você está mais inclinado? Por quê?

6. O conteúdo deste capítulo vai alterar sua forma de criar os filhos? Por quê?

¹ FRAME, John. *The Doctrine of God*. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2002, p. 426.

² HENDRIKSEN, William. *Commentary on I and II Timothy and Titus*. Edinburgo: Banner of Truth, 1957, p. 370.

³ LLOYD-JONES, Martyn. *The Cross*. Wheaton, IL: Crossway, 1986, p. 75.

⁴ PACKER, J. I. *Knowing God*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973, p. 132. Para todos os que se mostrarem cétricos em relação ao conteúdo deste capítulo, o capítulo 13 de *Knowing God* trata da graça de Deus e é uma leitura maravilhosa.

⁵ PIPER, John. *Desiring God*. Sisters, OR: Multnomah, 2003. Para saber mais sobre a felicidade de Deus em si mesmo, leia o primeiro capítulo de *Desiring God*.

⁶ PIPER, John. *The Pleasures of God*. Portland: Multnomah, 1991, p. 48–49.

⁷ PIPER, John. *God's Passion for His Glory*. Wheaton, IL: Crossway, 1998. Esse livro é um excelente recurso para se aprofundar nessa importante pergunta e sua resposta. Ele contém o texto completo do trabalho seminal de Jonathan Edwards *Dissertation on the End for Which God Created the World*. Também inclui quatro capítulos introdutórios bastante úteis escritos por Piper. A obra de Edwards reorientou completamente meu pensamento e minha experiência cristãos.

⁸ Os textos que confirmam essa conclusão são muitos, e a maioria deles vem da boca do próprio Jesus. Ele se referiu ao inferno como uma fornalha com um fogo inextinguível (Mt

4.1; Mt 3.12; Lc 16.23-24; Jo15.6). O Novo Testamento descreve o inferno como uma fornalha ardente onde seus cidadãos choram constantemente e rangem seus dentes (Sl 21.8-9; Mt 13.42,50; 22.13-14; Mc 9.43-49; Lc 16.23-24; Ap 14.10; 19.20; 20.10-15; 21.8ss). Jesus descreveu o inferno como um fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos (Mt 25.41) e um lugar de tormento consciente (Mc 9.48; Lc 16.23-24). Paulo o descreveu como destruição eterna, separado da presença de Deus (2Ts 1.9), e Jesus o descreveu como punição eterna (Mt 25.45-46).

⁹ BRIDGES, Jerry e BEVINGTON, Bob. *The Great Exchange*. Wheaton, IL: Crossway, 2007, p. 118.

¹⁰ MURRAY, Iain. *The Old Evangelicalism*. Edinburgo: Banner of Truth, 2005, p. 76.

¹¹ BRIDGES, Jerry. *The Joy of Fearing God*. Colorado Springs: Waterbrook, 1997. Esse é um excelente estudo para aqueles que desejam explorar mais o temor de Deus. Outra recomendação valiosa é o maravilhoso estudo de Ed Welch intitulado *When People Are Big and God Is Small*. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 1997. O capítulo 6 define o temor de Deus. É a melhor definição que já encontrei até hoje.

Capítulo 6

O primeiro princípio da criação de filhos

Frank e Kim estão casados há 30 anos. Criaram quatro filhos lindos, mas o casamento deles foi um campo de batalha em termos espirituais.

Frank era duro com Kim. Ele não a valorizava. Não era afetuoso. Raramente se comunicava com ela. Costumava desprezá-la. A verdade é que, aos olhos dele, Kim nunca era suficientemente boa. No final, Kim rebelou-se. Ela parou de limpar a casa. Deixou de cozinhar. Afastou-se tanto no aspecto emocional quanto no relacional.

Frank e Kim tentaram compensar com seus filhos. Todos os dias, eles acordavam cedo para ensinar-lhes a Bíblia. A família ia à igreja todos os domingos. Ali, as crianças ouviam o evangelho com regularidade. O casal investiu milhares de dólares na melhor educação cristã

em escolas particulares. Protegiam meticulosamente seus filhos de influências negativas do mundo exterior. Tentavam tudo o que estava nos livros, exceto uma coisa que era de fato importante: seu casamento.

Agora, os filhos estão crescidos. Três deles deixaram de ir à igreja. Um frequenta a igreja, mas seu coração não está nela. O que deu errado? O casamento de Kim pregava um evangelho não atraente a seus filhos. Ele contradizia o evangelho pregado na igreja e na escola.

O casamento de Stephen e Melody foi diferente. Stephen era caloroso e amoroso. Ele fez o seu melhor para prover liderança espiritual para sua esposa e seus filhos. Melody tentava apoiar seu marido, ainda que de maneira imperfeita. Tal como qualquer casal, eles tinham desentendimentos, mas sempre se acertavam rapidamente e perdoavam um ao outro de coração. Stephen adotou a prática de pedir perdão a seus filhos, caso maltratasse sua esposa na frente deles. Ele entendia o poder do exemplo e o exercia de maneira eficiente.

Eles frequentavam a mesma igreja que Frank e Kim. Embora seus três filhos frequentassem escolas públicas, todos se casaram com cristãos dedicados e hoje servem a Deus alegremente.

A história desses casamentos faz uma declaração. Deus fala por meio de nosso exemplo. Existe um velho provérbio que diz: “Os filhos aprendem mais com os olhos do que com os ouvidos”. O exemplo mais importante que os pais podem dar é seu casamento. Nosso casamento prega. Ele prega uma mensagem que tanto atrai quanto repele nossos filhos.

Pais que alegremente buscam a Deus são contagiantes. O sacrifício alegre pelo evangelho é contagiante. Um evangelho que produz pais estáveis, sinceros, alegres, amorosos, afetuosos e humildes é contagiante. Os filhos desejarão um Deus que produz essas qualidades.

Por outro lado, pais que não têm verdadeiros sentimentos em relação à igreja, que estão escravizados às regras, que servem a Deus para ganhar sua aceitação, que toleram seus cônjuges ou, pior, envolvem-se em guerra aberta, terminam expulsando seus filhos para longe de

Deus e de sua igreja. Quando mamãe e papai pregam uma coisa, mas fazem o oposto, sem se arrepender perante seus filhos, o mundo se torna atraente, e o evangelho, irrelevante.

As crianças também internalizam as paixões de seus pais. Só elas veem o que ou quem você *realmente* ama, e não aquilo que você simplesmente finge amar. Talvez seu desejo seja subir na carreira. Talvez sua paixão seja o entretenimento (esportes, filmes, música). Para outros pode ser caça, compras, futebol.

Se você perguntar aos pais qual é a coisa mais importante que eles podem fazer para criar filhos que seguirão a Cristo, alguns mencionarão a disciplina adequada, outros a matrícula em uma escola cristã, outros ainda, a importância da leitura da Bíblia. Eles raramente mencionam o exemplo. Contudo, o exemplo é o primeiro princípio da criação de filhos. Isso não deveria surpreender-nos. Criar filhos tem relação com liderança, e o exemplo é o primeiro princípio da liderança bíblica. Quando os pais praticam aquilo que ensinam, Deus lhes dá

autoridade moral aos olhos de seus filhos. Todo ensinamento da Bíblia começa com exemplo.

O poder do exemplo

Jesus ensinou pelo exemplo. “Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou *a fazer e a ensinar*” (At 1.1). Perceba a sequência. Primeiro Jesus fez, depois ensinou. Todo pai eficiente faz a mesma coisa. Filhos raramente internalizam o ensinamento de hipócritas. Mas o ensinamento daqueles que vivem aquilo que pregam toca profundamente o coração de nossos filhos.

Jesus é a única pessoa que fez isso com perfeição. Ele disse a seus discípulos que tomassem sua cruz (Mt 16.24-25). Jesus disse a seus discípulos para que se humilhassem porque ele se humilhou (Fp2.5-8). Jesus disse a seus seguidores que obedecessem ao Pai porque ele obedeceu a seu Pai (Jo 8.29; Fp2.8). Havia uma perfeita correlação entre o que Jesus ensinava e o que ele fazia. Ele foi o único líder perfeito de Deus.¹

“As pessoas se tornarão aquilo que os líderes forem”, destaca John MacArthur. “A história

bíblica demonstra que as pessoas raramente atingem um nível espiritual mais elevado que o de sua liderança.”² Dave Harvey acrescenta: “A verdadeira liderança dá exemplo de sua mensagem (...). Um líder proclama com duas vozes: uma por meio de seus lábios, a outra por meio de sua vida (...). Juntas, essas mensagens convergem para criar uma plataforma sólida de credibilidade e estatura”.³

Aqui está o que quero destacar: criar filhos é a mais importante posição de liderança da igreja. E o exemplo também é o primeiro princípio da criação de filhos. Os pais lideram a família, a menor e mais importante célula da igreja local. O arcebispo Tillotson (1630–1694) disse: “Dar aos filhos uma boa instrução, mas maus exemplos é o mesmo que acenar com a cabeça para mostrar-lhes o caminho para o céu ao mesmo tempo em que os pega pela mãos e os leva para o caminho do inferno”.⁴

Falei tudo isso para chegarmos a este ponto: nosso casamento é o mais poderoso exemplo que possuímos. Na medida em que o evangelho

torna nosso casamento atraente, Deus vai nos capacitar para alcançar nossos filhos. Neste capítulo discutiremos dois exemplos importantes e intimamente relacionados. O primeiro é o exemplo do nosso casamento. O segundo é o exemplo de nossa humildade ou, pelo lado negativo, de nosso orgulho.

O casamento que prega as boas-novas

O capítulo 5 de Efésios é um projeto para o casamento. Nesses versículos Deus nos dá instruções bastante claras.

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja; porque somos membros do seu corpo. Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e

se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. *Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja.* Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido (Ef 5.22-33, citando Gn 2.24).

Tenho enfatizado a certeza de que o casamento prega o evangelho. O versículo 32 deixa esse princípio claro: “Grande é este mistério [o casamento], mas eu me refiro *a Cristo e à igreja*”. Aqui está o interesse de Paulo. Desde antes do início do tempo, Deus tinha o casamento em mente. Ele estava preparando uma noiva para seu Filho, com quem ele se casaria para sempre. Seria necessário a crucificação e a ressurreição do Noivo para que esse casamento acontecesse. Pense nisso. Deus criou o mais íntimo relacionamento humano, o casamento, para falar da intimidade de seu relacionamento com sua igreja.

Deus criou a instituição do casamento humano para refletir, ou espelhar, essa união eterna. Em outras palavras, o casamento

humano existe para indicar a homens e anjos o casamento eterno de Cristo e sua igreja. O evangelho tornou esse casamento divino possível. Esta é a questão: o casamento humano existe para pregar o evangelho. Ele existe para ilustrar o fruto que deve se seguir à pregação do evangelho na igreja.

Para quem nossos casamentos pregam? Naturalmente, a primeira audiência é Deus e seus anjos. Eles assistem e se regozijam ou, se nosso casamento for uma zona de guerra, eles lamentam.

Quem é a segunda audiência? A maioria de nós pensa primeiramente nos vizinhos não cristãos. Talvez eles percebam nossa tentativa de servir de modelo do evangelho e queiram conhecê-lo? Isso pode acontecer, e de fato esperamos que aconteça, mas eles são a terceira audiência.

A segunda audiência, normalmente desconsiderada pela maioria dos cristãos, é formada por nossos filhos. O que o seu casamento está dizendo sobre Cristo e sua noiva? Eles veem tudo. Eles ouvem nossas

brigas. Eles absorvem nossas atitudes. Eles sabem quem ou o que realmente se senta no trono de nossa vida. Eles veem como lidamos com o ressentimento. Eles ouvem a maneira como conversamos um com o outro. Eles sabem quando ouvimos o sermão de domingo e o aplicamos. Eles também sabem quando o ignoramos.

A mensagem que nosso casamento prega pode tanto repelir quanto atrair nossos filhos. Deus quer que nossos filhos assistam a nosso casamento e pensem: “Quero um casamento como esse, e quero o Deus que o produziu”. Ou: “Quando penso na beleza do evangelho, penso no casamento dos meus pais. Quero fazer parte de uma igreja que é amada por Deus da maneira como meu pai ama minha mãe. Quero ser parte de uma igreja que encontre sua alegria na submissão a Cristo da mesma maneira que minha mãe se submete alegremente a meu pai”.

O evangelho é a boa-nova que proclama que o Noivo ama sua noiva. Ele a amou tanto que humilhou a si mesmo, desceu uma distância infinita, tornou-se homem e sofreu pobreza e

abuso por 33 anos. Então, na maior demonstração de amor da história, ele se permitiu ser torturado até a morte na cruz no lugar de sua noiva. O Filho de Deus fez tudo para servir sua noiva, para gerar a paz onde a inimizade reinava. O que o motivou? O amor que ultrapassa o conhecimento! Ele ansiava unir-se a uma noiva indigna em amor irrevogável.

Mas o evangelho não trata apenas do amor do Noivo. Ele também provoca uma resposta da parte da noiva. Quando entendido com o coração, ele a motiva a humilhar-se, amar o Noivo com todo seu coração, respeitá-lo e servi-lo com entrega alegre. O evangelho convoca a noiva de Cristo a ceder à autoridade servil de seu Rei crucificado.

O que Paulo quer enfatizar é que o casamento cristão prega essa união. Ele deixa o evangelho atraente ou repulsivo. Quando um marido ama sua esposa como Cristo ama a igreja, lavando-a com a Palavra, perdendo-a, servindo-a e liderando-a de maneira terna, seu casamento diz: “Cristo ama sua igreja. Você pode confiar

no Noivo. Ele é infinitamente amoroso. Sirva a ele. Você não vai se desapontar”.

Quando um marido ama humildemente sua esposa na menopausa (ou na TPM), seu comportamento diz: “Cristo ama a igreja ainda que ela seja pecadora”. Seu comportamento diz aos filhos: “Cristo ama sua noiva mesmo quando ela não é atraente”. Diz que nada pode nos separar do amor de Cristo, nem mesmo nossos erros.

Mas, quando um marido é infiel para com sua esposa, quando a deprecia verbalmente, quando ama os filhos mais do que a ela, ou acha que ela só tem obrigações, seu casamento diz: “O amor de Cristo não é assim tão maravilhoso. Ele nos ama apenas quando temos um bom desempenho. Você não pode confiar nesse Salvador. Você não consegue satisfazer suas expectativas. Ele não cumpre suas promessas. Por que servir a um déspota inconstante?”. Essas atitudes dizem: “muitas coisas podem nos separar do amor de Cristo”.

As esposas também pregam. Mamãe faz uma declaração atraente quando se submete

alegremente a seu marido “como ao Senhor” (Ef5.22), reconhecendo que ele é seu cabeça, assim como Cristo é o Cabeça da igreja, e que ela é seu corpo, assim como a igreja é o corpo de Cristo. Quando faz isso por um marido indigno, não porque confia *nele*, mas porque confia que Cristo vai cuidar dela, ela aponta seus filhos para Cristo. O comportamento dela diz que “Cristo é digno de confiança”. Ela diz: “O Filho de Deus é infinitamente bom. Você pode confiar nele. Meu pai é bastante imperfeito, mas mamãe confia que Cristo vai cuidar dela. Se ela é capaz de confiar em Jesus dessa maneira, eu também sou”.

Contudo, quando uma esposa diz a seus filhos que devem obedecer a Cristo, mas não confia que ele seja capaz de cuidar do relacionamento dela com um marido imperfeito, procurando em vez disso controlá-lo, resistindo à sua autoridade, recusando-se a respeitá-lo e abrindo mão de servi-lo, suas ações falam bem alto. Elas dizem: “Não se pode confiar no Filho de Deus. Ele promete exaltar o humilde, mas não acredito que ele me exaltará. Ele diz que cuida daqueles

que se submetem à autoridade, mas não creio nisso. Se eu não cuidar de mim mesma, quem cuidará?”. Na maioria dos casos, os filhos vão interiorizar aquilo que a mãe faz, não aquilo que ela diz.

O que estou dizendo é que nosso casamento existe por algo muito maior do que nós mesmos, e nossos filhos o estão observando. O casamento de Cristo com sua igreja supera grandemente nossos casamentos humanos. Os nossos são temporários. Eles terminam com a morte. No novo céu e na nova terra as pessoas não se casarão nem se darão em casamento (Mt 22.29-30). Em comparação, o casamento de Cristo com sua igreja é eterno. Ele nunca acabará. Por fim, apenas um casamento permanece: o casamento de Cristo com sua noiva.

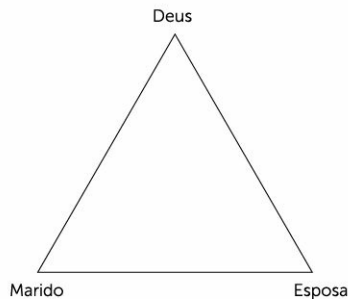
Esse princípio é especialmente importante para mães que educam seus filhos em tempo integral. Uma vez que ficam com seus filhos o dia inteiro, elas enfrentam uma grande tentação de centralizar a vida e as afeições delas em seus filhos. Convencidas de que aquilo que fazem ou

deixam de fazer com seus filhos será decisivo, elas transformam seus filhos no centro de sua vida e de seu afeto.

Sou favorável à ideia de que a maneira como elas amam o marido se mostrará decisiva. Em outras palavras, mães centradas no casamento, e não nos filhos, normalmente exercem maior influência sobre seus filhos em favor de Cristo e de seu reino. Isso significa que seus finais de semana em viagens com o marido, sozinhos, podem influenciar seus filhos mais do que todo o ensinamento e a disciplina combinados. Seus filhos estão vendo; o fato de ver seus pais amando um ao outro lhes dá grande alegria e segurança.

Em resumo, a maneira como conduzimos nosso casamento comunica aquilo que realmente pensamos sobre o casamento de Cristo com sua igreja, que é o fruto do evangelho.

Fig. 3. Deus em um casamento bem-sucedido



O que podemos fazer para ter casamentos como esse? Primeiro, aprofundar nosso relacionamento com Deus. Quanto mais perto mamãe e papai estiverem de Deus, mais próximos ficarão um do outro (veja a figura 3). Perceba que à medida que mamãe e papai se movem para o alto do triângulo na direção de Deus, mais perto eles vão chegando um do outro. Nunca vi uma exceção. Os pais que oram e estudam a Bíblia em segredo ficam cada vez mais próximos de Deus. O resultado é uma comunhão mais profunda um com o outro, e um exemplo mais forte para seus filhos.

Segundo, orem juntos como casal. Não me refiro à hora em que vocês estão caindo de sono na cama à noite. A oração precisa ser uma prioridade na vida do casal. Vocês oram juntos, só vocês dois, com regularidade? Casais que

oram juntos tornam seu casamento uma prioridade. Isso não passará despercebido pelos filhos. Sempre que um casal vem a mim em busca de aconselhamento conjugal, a primeira coisa que pergunto é: “Vocês oram juntos com regularidade?”. Nunca recebi uma resposta positiva de um casal em dificuldade. Existe um velho ditado que diz: “Casais que oram juntos permanecem juntos”. Casais que oram juntos enfrentam as dificuldades juntos.

O destruidor de exemplos

A hipocrisia prejudica nosso exemplo na criação dos filhos. A hipocrisia ocorre sempre que dizemos a nossos filhos para fazer uma coisa e, em seguida, nós mesmos fazemos o oposto. A hipocrisia é um dos pecados que provoca ira nos filhos: “... pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.4). Nesse texto, Paulo não nos diz o que provoca nossos filhos à ira, mas a hipocrisia precisa estar no topo da lista.

Por trás da hipocrisia, normalmente, esconde-se o orgulho. O orgulho é a cegueira às nossas faltas, nossos pecados e fracassos. O mais importante é que o orgulho não enxerga sua própria existência. Portanto, quanto mais orgulhoso você for, mais humilde se sentirá; e quanto mais humilde você for, mas orgulhoso se sentirá. Isso acontece porque a verdadeira humildade é a abertura dos olhos para nosso pecado pessoal, e uma das primeiras coisas das

quais uma pessoa humilde se torna consciente é de seu orgulho.

Aqui está o problema: nossos filhos veem os próprios pecados para os quais somos cegos. Eles estão sentados na primeira fila e assistem a tudo com atenção. O orgulho permite que digamos uma coisa a nossos filhos ao mesmo tempo em que, *sem perceber*, fazemos outra. O orgulho nos cega para as contradições dentro de nós mesmos, ou pior, nos incha de tal maneira que passamos a não nos importar com elas. O resultado é a hipocrisia e, mais do que qualquer outra coisa, a hipocrisia endurece nossos filhos para a mensagem que queremos que eles ouçam.

O orgulho tem muitos sintomas. Primeiro, pais orgulhosos veem os pecados de seus filhos, mas são incapazes de ver os próprios pecados. Nas palavras de Jesus, tentamos remover o argueiro do olho de nosso filho ao mesmo tempo em que temos uma trave no nosso próprio olho (Mt 7.1-5). Mandamos nossos filhos serem altruístas muito embora sejamos egoístas em relação ao nosso cônjuge. Exigimos que nossos filhos falem de maneira respeitosa

uns com os outros e, em seguida, eles nos ouvem dilacerar outra pessoa com a nossa língua. Dizemos a nossos filhos que eles devem respeitar sua mãe e fazemos pouco dela com palavras desrespeitosas. Exortamos nossos filhos a serem generosos muito embora não ofertemos na igreja. Os exemplos são infundáveis.

Segundo, o orgulho nos torna incorrigíveis. Minha esposa traz uma crítica válida e a primeira coisa que faço é levantar-me para apresentar a minha defesa. Faço isso porque me proteger é mais importante para mim do que descobrir a verdade sobre mim mesmo de modo que possa mudar um comportamento errado. Isso diz aos meus filhos que eu tenho pouco interesse na santidade pessoal. Pais orgulhosos também não conseguem ouvir a correção vinda de seus filhos. Eles são inacessíveis e seus filhos sabem disso. Pais assim nunca admitirão um erro porque o conceito que têm de si próprios é muito elevado. Ainda que se tornem conscientes de seus erros, são orgulhosos demais para confessá-los. Enquanto estamos ocupados,

preservando nosso autorrespeito, nós o estamos perdendo aos olhos de nossos filhos.

Quanto maior o orgulho, maior nossa capacidade de ensinar uma coisa e fazer o oposto, completamente inconscientes de nossa hipocrisia. Uma vez que nossos filhos também são orgulhosos, eles conseguirão ver nossos pecados sem que tenham consciência de que possuem o mesmo pecado dentro de si próprios. Pais orgulhosos estão mal equipados para ajudar seus filhos a fugir das garras do orgulho.

A questão é a seguinte: o orgulho, que se manifesta por meio da hipocrisia, provoca os filhos à ira. Ele os desanima. Ele fecha os ouvidos deles para a nossa instrução. Transforma o coração deles em terreno rochoso, onde o evangelho não consegue criar raízes (Mt 13.18-21). Quando mamãe investe egoisticamente em sua própria carreira, à custa de seus filhos, e depois espera altruísmo da parte deles, duas coisas acontecem. Primeiro, os filhos ignoram as suas palavras e seguem o exemplo que ela deixou. Segundo, eles se tornam impermeáveis aos valores de mamãe.

Quando um pai leva sua família à igreja todos os domingos, fingindo que Cristo é o primeiro em sua vida, quando na verdade são os passatempos que ocupam o primeiro lugar, seus filhos enxergam. Eles vão se tornar arredios à igreja e à religião.

Existem muitos exemplos. Malcolm X foi um dos negros norte-americanos mais influentes do século 20. Embora seu pai fosse pastor, Malcolm se rebelou e tornou-se líder da Nação do Islã. Por quê? O que deu errado?

Em seu livro *Missing in Action*, Weldon Hardenbrook diz:

Houve sérias razões pelas quais o jovem Malcolm não foi capaz de receber o ensinamento de seu pai. Seu pai, Earl, tinha tantas regras que era difícil para seus filhos se lembrarem de todas. De acordo com pessoas que o conheciam, ele próprio deixava de obedecê-las. O biógrafo Perry Bruce escreveu: “Além de ser rude com sua esposa e seus filhos, ele era infiel a Louise (sua esposa). “Alguém que adorava sair com prostitutas”, era o que seu amigo Chester Jones dizia sobre ele. Desde a infância, Malcolm tivera grandes dificuldades de decidir se seguiria o

caminho da virtude que seu pai pregava ou o caminho do erro que ele tão frequentemente praticava.⁵

Malcolm era um líder talentoso. Poderia (e deveria) ter servido a Cristo. Mas ele abandonou o cristianismo e aderiu a organizações nacionalistas negras ligadas ao Islã. A vida de seu pai pregou em volume tão alto que Malcolm não conseguiu ouvir as palavras que ele dizia. Seu coração endureceu-se completamente ao cristianismo e Malcolm voltou-se para Maomé. Desde a década de 1960, milhões de homens negros trocaram Cristo por Maomé por causa de Malcolm X.

Os verdadeiros crentes, contudo, têm uma esperança melhor. Ela está no evangelho. O evangelho nos humilha e essa humilhação atrai nossos filhos àquilo que lhes ensinamos.

Exemplo capacitador

O evangelho torna os pais humildes. Ele é o antídoto ao orgulho. Os capítulos 4 e 5 descreveram o evangelho. Vemos a nós mesmos de maneira mais perfeita ao pé da cruz. Jesus morreu em nosso lugar. Ele recebeu aquilo que nós merecíamos. O que nós merecemos? Somos traidores cósmicos que merecem ser lentamente torturados até a morte, despidos, enquanto uma multidão se posta ao nosso lado zombando, caçoando e rindo. Então, no clímax da cena, Deus Pai nos rejeita para sempre. Mas os cristãos nunca recebem o que merecem. Jesus assumiu a punição. Sempre recebemos algo melhor do que merecemos. Recebemos o que Cristo merece à custa dele. Essa é a clara verdade da cruz. Toda humildade começa com essa verdade.

O evangelho abre meus olhos para quem eu realmente sou: “... és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu” (Ap 3.17). “A humildade bíblica”, destaca G. A. Pritchard, “não é um

rebaixamento aplicado a si mesmo nem uma atitude servil. A humildade bíblica é ver a nós mesmos como de fato somos. A humildade é uma resposta ao se contemplar a santidade de Deus”.⁶

Além disso, a tentativa de viver Efésios 5 nos humilha profundamente. Cientes da importância do exemplo, pais sinceros se esforçam para ser modelo do evangelho – quanto mais se esforçam, porém, mais conscientes de seus defeitos eles se tornam. Um pai que realmente tenta amar sua esposa como Cristo amou a igreja descobre a profundidade de seu egoísmo. Uma mãe não entende a profundidade de sua rebelião e descrença até o momento em que tenta se submeter a seu marido “em tudo”.

Nossas tentativas de viver o evangelho expõem nossos fracassos, o que, por sua vez, intensifica nossa humildade, o que nos torna atraentes aos nossos filhos. O evangelho é a boa notícia de que nossos filhos não precisam de modelos perfeitos. Eles precisam de exemplos *humildes*.

A humildade causa impacto nos pais de diferentes maneiras. Primeiro, ela nos torna rápidos em admitir um delito. “Para a família funcionar como uma comunidade redentora”, escreve Paul David Tripp, “onde o evangelho é a cola que mantém a família unida, a chave são pais que confiam tanto em Cristo que estão prontos e dispostos a *confessar suas faltas a seus filhos*”.⁷ Quando pecam contra seus filhos, pais humildes confessam rapidamente. Confessam suas falhas parentais primeiramente a Deus, mas também não têm medo de fazê-lo na frente de seus filhos.

Do mesmo modo, a humildade crescente nos torna rápidos em confessar o pecado para nosso cônjuge. Nossos filhos estão vendo. A confissão prova nossa sinceridade. Ela os convence de que nós realmente queremos mudar. Ela diz que vale a pena mudar por Deus. Deus exalta o humilde. Deus concede autoridade espiritual a pais que se humilham.

Muitas vezes eu fui até meus filhos e pedi seu perdão pela forma dura e ímpia com que tratei a

mãe deles. Quando meus filhos me viam falar de maneira crítica com Judy ou desprezando-a, eu os reunia e os lembrava de que meu exemplo era crucial e que eu sentia muito por meu pecado; em seguida pedia que eles me perdoassem.

Eu estava atrás do coração deles. Meus erros, confessados de maneira humilde e sincera, provavelmente fizeram mais para ganhar meus filhos para Cristo do que todas as minhas poucas virtudes.

A confissão envia uma mensagem de enorme importância a nossos filhos. Ela os lembra de que, sim, seus pais são imperfeitos, mas eles são profundamente honestos quanto a seguir a Cristo, quanto a querer mudar e fazer as coisas da maneira de Deus. A falha em confessar nossas faltas envia a mensagem oposta. “Meus pais falam muito sobre Cristo, mas segui-lo não é realmente tão importante para eles. Eles não fazem aquilo que falam. Eles nos dizem para fazer uma coisa, mas fazem outra. *E, quando erram, seguem em frente como se aquilo não fosse importante*”.

Humildade crescente abre nossos olhos para nosso próprio pecado. Ela nos torna disciplinadores mais ternos e graciosos de nossos filhos.

Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. Porque, se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana (Gl 6.1-3).

Pais humildes disciplinam seus filhos “com espírito de brandura”. Eles se “guardam”, cientes de que podem cair – ou, provavelmente, já caíram – no mesmo pecado. Sua humildade crescente retarda o “engano” de pensar que são “alguma coisa, não sendo nada”.

A verdadeira humildade flui de um coração quebrado por pecados e falhas. Pais humildes atraem o favor de seus filhos. “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4.6 citando Pv 3.34). Uma das maneiras pelas quais ele concede graça a pais humildes é mudando o

coração de seus filhos por meio do milagre do novo nascimento.

Obtemos essa humildade ao pé da cruz. Em outras palavras, o evangelho nos torna humildes. Ali vemos o horror do pecado, não apenas os pecados do mundo, mas dos nossos próprios pecados. No capítulo 4 aprendemos que, por nosso pecado ser infinitamente hediondo para Deus, apenas um sacrifício de valor infinito pode expiá-lo. É assim que você vê seu pecado? Aqueles que meditam na mensagem da cruz se esforçam para alcançar a santidade. Seus esforços os tornam mais conscientes de suas falhas. Isso os leva a correr para a cruz em busca de perdão com mais frequência. Isso faz com que precisem da cruz de maneira mais desesperada. Tudo isso acontece porque eles sentem o peso de seus pecados mais biblicamente. Isso culmina na paz da humildade bíblica.

Resumo

Nenhum casamento humano atende o padrão de Deus. Nenhum marido ama sua esposa como Cristo amou a igreja. Isso é humanamente impossível. Nenhuma esposa se submete a seu marido como a igreja deve se submeter a Cristo, “em tudo” (Ef 5.24). Todos nós falhamos. Sem a ressurreição, não há casamento perfeito.

Nenhum de nós é suficientemente humilde. Todos nós somos pessoas humildes que tentam, pela graça de Deus, se tornar cada vez mais humildes. A hipocrisia está à espreita.

Sendo assim, o que devemos fazer?

Este capítulo enfatizou que nosso exemplo é importante, que nosso casamento prega o evangelho. Também indicou que o evangelho produz a humildade que atrai nossos filhos. O evangelho tem outra função crucial. Ele é o lugar aonde pais necessitados vão em busca de purificação e perdão. Quando sou impaciente com minha esposa, corro para a cruz em busca de perdão. Quando trato minha esposa de

maneira egoísta ou descuidada na frente de meus filhos, corro para a cruz em busca de perdão. Quando Judy falha, ela vai para lá também. Na cruz encontramos a graça para socorro em ocasião oportuna (Hb 4.16).

Também corremos para a cruz em busca de motivação. Quando preciso de um modelo de amor sacrificial, olho para a cruz. Ali vejo Cristo morrer por mim, seu inimigo. Quando minha esposa precisa de motivação para se submeter a um marido bastante imperfeito, em todos os aspectos igual a ela, ela olha para a cruz. Ali ela vê Cristo se submetendo a seu Pai, que era em tudo igual ao Filho. Jesus não reclama. Ele não exige uma oportunidade de liderar a Trindade. Ele não tenta controlar seu Pai. Ele não tenta manipulá-lo. Ele simplesmente vai à cruz disposto, em perfeita obediência, e morre.

A cruz é a nossa salvação da condenação do pecado. A cruz nos motiva a ser os pais que Deus quer que sejamos. A cruz nos motiva a pregar um exemplo tocante a nossos filhos. A cruz expõe nosso orgulho. Ela nos humilha. Ela

nos mostra quem realmente somos: pecadores salvos pela graça.

Pais centrados na cruz são imperfeitos, mas eles atraem seus filhos. E aquilo que os atrai é o evangelho.

Perguntas para estudo

1. O seu casamento é mais semelhante ao de quem: Frank e Kim ou Stephen e Melody? Por quê?
2. Lemos em Efésios 5.32: “Grande é este mistério [o casamento], mas eu me refiro a Cristo e à igreja”. Com base nesse versículo, explique por que Deus instituiu o casamento humano.
3. Leia Efésios 5.22-33 novamente. O que esse texto nos diz sobre o papel da esposa no casamento? O que ele nos ensina sobre o papel do marido? Em sua opinião, qual dos papéis é o mais difícil?
4. De que maneira o casamento prega o evangelho? O que Deus quer que o casamento diga sobre o evangelho? Quem está ouvindo essa pregação?
5. O que significa ser humilde? De que maneira a humildade em um pai atrai os filhos a esse pai e a seus valores?
6. O que significa ser orgulhoso? Por que o orgulho é uma consequência da

hipocrisia? Por que o orgulho e a hipocrisia dos pais afastam os filhos?

7. Em que aspectos seu casamento ensina o evangelho? De que maneira seu casamento contradiz o evangelho? À luz deste capítulo, o que é arrependimento?

¹ É por isso que “fazer”, não ensinar, é o primeiro requisito para um ancião ou diácono (“bispo” em 1Tm 3.2-5). A preocupação de Paulo é seu exemplo, não seus dons de oratória. O exemplo também é a principal prioridade para um pastor. “Tem cuidado *de ti mesmo* e da doutrina” (1Tm4.16). Mais uma vez, perceba a sequência. Primeiro, Paulo disse a Timóteo para cuidar de si mesmo e *depois* da doutrina. Do mesmo modo, Paulo advertiu os presbíteros em Éfeso: “Atendei *por vós* e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos” (At 20.28). Mais uma vez, a sequência é instrutiva. Primeiro, dê atenção a si próprio – sua santidade, piedade, amor, humildade e assim por diante – e depois dê atenção à santidade e à piedade da igreja. Por isso Pedro diz a seus presbíteros “pastoreai o rebanho de Deus (...) tornando-vos modelos do rebanho” (1Pe 5.2-3).

² STRAUCH, Alexander. *Biblical Eldership*. Littleton, CO: Lewis and Roth, 1995, p. 70.

³ HARVEY, Dave. *Am I Called?* Sovereign Grace Perspectives Series. Gaithersburg, MD: Sovereign Grace Ministries, 2005, p. 26–27.

⁴ RYLE, J. C. *The Duties of Parents* (1888; reimpr., Sand Springs, OK: Grace and Truth Books, 2002), 27–28.

⁵ HARDENBROOK, Weldon. *Missing in Action*. Ben Lomond, CA: Conciliar Press, 1996, p. 176.

⁶ PRITCHARD, G. A. *Willow Creek Seeker Services*. Grand Rapids: Baker, 1996, p. 290.

⁷ TRIPP, Paul David. *Age of Opportunity*. Phillipsburg, NJ:

P&R Publishing, 2001, p. 67, grifo do autor.

Capítulo 7

Pais do evangelho

O cristianismo é uma religião patriarcal. Isso significa que ele gira em torno do pai. Mas o patriarcado está numa espiral descendente íngreme. De acordo com relatórios recentes, para cada homem que frequenta uma igreja evangélica na América do Norte, existem duas mulheres. A proporção é de um para quatro nas igrejas afro-americanas.¹ Se essa tendência não for revertida, a igreja como a conhecemos não sobreviverá. Quando os homens abandonam a igreja e o lar, é um sinal de que as coisas vão muito mal. É assim porque os líderes servos masculinos energizam a igreja cristã e a família.

Mas a cosmovisão secular contemporânea é cada vez mais matriarcal, e o matriarcado invadiu a igreja. E está provocando muito prejuízo. Você sabia que as mulheres compram a maioria dos livros sobre criação de filhos? Sugeri um livro sobre paternidade a uma editora. Eles responderam: “Bill, livros sobre

como ser pai não vendem. Nossos estudos mostram que oitenta por cento dos livros sobre criação de filhos são comprados pelas mães. Elas leem os livros e os dão a seus maridos, mas estes raramente os leem. É difícil vender a paternidade para um público feminino”.

De acordo com George Gilder, quando as mulheres lideram a igreja e a família, os homens abdicam.² Minha esposa e eu comparecemos a uma igreja episcopal metodista africana de duzentos anos de idade. Havia muita alegria, canto e palmas (o ritmo era contagiante). A ministra era uma mulher alta, alegre, de meia-idade. À medida que o culto prosseguia, olhei para a audiência ao meu redor. Cerca de três quartos das pessoas presentes eram mulheres. Estava claro que não havia homens com idade entre 17 e 60 anos de idade.

Isso não deveria nos surpreender. Quando as mulheres lideram,³ os homens se afastam tanto da igreja quanto do lar. Mas quando os líderes servidores são abundantes, os homens jovens tornam-se voluntários prontos para servir. A

liderança vibrante, piedosa e masculina atrai homens. Ela incentiva o envolvimento destes. Ela os motiva a servir na igreja e no lar. Os homens se aproximam de homens que dão exemplo da masculinidade bíblica.

Falei tudo isso porque este livro trata da criação de filhos. Quando os homens abdicam, os filhos sofrem.⁴ Quando os homens assumem o seu papel, a criação de filhos viceja. A proposta deste capítulo é que entender e aplicar o evangelho, que motiva e treina os homens para serem pais eficientes.

Os homens são os pais principais de Deus

Por toda a Escritura, os homens são *os* pais, e as esposas são assistentes. A esposa é uma assistente fundamental de seu marido. Criar filhos é um esporte coletivo. É uma missão muito difícil de ser realizada sozinho. Mas numa família de dois pais, papai é o pai principal, aquele que é responsável por prestar contas a Deus por sua família. Mamãe está ali para ajudá-lo.

A cultura ocidental costumava presumir esse arranjo. Antes de 1830, praticamente todo manual sobre criação de filhos era endereçado aos homens.⁵ Nancy Gibbs, escrevendo na revista *Time*, destaca: “Desde a Reforma até a década de 1830, a maioria dos manuais sobre criação de filhos foi escrita para os homens. Antes disso, a sociedade presumia que as mães eram pais assistentes. Hoje se considera que os pais são mães assistentes”.⁶

Por que as gerações anteriores presumiam o papel de liderança do homem? Porque a cultura presumia que a Bíblia era o manual de instrução fundamental para os pais, e a Bíblia endereçou as instruções sobre criação de filhos não às mães, mas aos pais! A pressuposição subjacente na igreja evangélica moderna é o oposto: mamãe é o pai principal, e papai é seu assistente.

A Escritura gira em torno de pais (homens) e seus filhos. Gênesis conta a história de Noé e seus três filhos. Depois, ele nos fala sobre Abraão e seu filho Isaque, Isaque e seu filho Jacó, e Jacó e seus doze filhos. A mãe deles desempenha um papel de fundo. Por todo o Antigo Testamento, esse padrão permanece. Histórias sobre mães e seus filhos são raras exceções. O patriarcado foi a força de Israel. Essa é a explicação para a incrível persistência do judaísmo no decorrer dos séculos.

Além disso, Deus cobra responsabilidade dos pais. Eli, e não sua esposa, foi responsabilizado por não ter criado adequadamente seus filhos Hofni e Fineias. Israel pediu um rei porque

Samuel falhou na criação de seus filhos (1Sm 8.1-9). Salomão terminou sua vida como um mulherengo inveterado. Mas Davi, e não Bate-Seba, foi responsabilizado por isso.

O capítulo 2 destacou que a Bíblia contém poucas instruções diretas aos pais. Essas poucas que existem são direcionadas aos homens. Lemos, por exemplo, em Deuteronômio 6.4-7:

Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te.

Embora Deus considere os homens responsáveis por ensinar e treinar seus filhos, ele considera como obrigação dos filhos honrar *ambos* os pais, mas a ordem é sempre no contexto da autoridade superior do homem. “Honra a teu pai *e a tua mãe*, como o SENHOR, teu Deus, te ordenou, para que se prolonguem os teus dias e para que te vá bem na terra que o

SENHOR, teu Deus, te dá” (Dt 5.16). Salomão fez a mesma advertência: “... ouve o ensino de teu pai e não deixes a *instrução de tua mãe*” (Pv 1.8, veja também 6.20).

As mães também desempenham um papel decisivo. Os homens delegam a elas grande parte do trabalho prático, e pesado, de criar os filhos, especialmente nos primeiros anos. Assim, Salomão adverte: “O filho sábio alegra a seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe” (Pv 10.1); “O filho sábio alegra a seu pai, mas o homem insensato despreza a sua mãe” (Pv 15.20); “A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe” (Pv 29.15). A ideia latente nessas passagens é que mamãe é a assistente de papai. Se falhar na obediência dessa instrução, ela sofrerá os resultados em seus filhos.

Como já vimos anteriormente, existem apenas dois versículos instruindo os pais no Novo Testamento, e Paulo direciona ambos aos homens: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na

admoestação do Senhor” (Ef 6.4); “Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não fiquem desanimados” (Cl 3.21).

Esses textos não negam o papel decisivo das mães. Em vez disso, Deus planejou esses textos para encorajar os pais a assumir a responsabilidade que lhes foi dada por Deus.

Um exemplo prático

Deus considera os homens responsáveis pela criação dos filhos porque lhes deu enorme influência sobre seus filhos. De acordo com a linguagem dos puritanos, a Bíblia presume que os homens são um espelho para o qual seus filhos olham para colocar suas vestes espirituais.

A edição de junho de 2003 da revista *Touchstone* publicou as conclusões de um estudo suíço que confirma essa proposição. Esse estudo examinou a ligação entre a frequência regular à igreja do pai e a probabilidade futura de que seus filhos viessem a frequentá-la também. Qual foi a conclusão? O exemplo espiritual do pai foi a ferramenta principal que moldou o desejo de seus filhos de abraçar sua religião. O compromisso espiritual da mãe foi menos decisivo.⁷

Nesse estudo, quando tanto o pai quanto a mãe frequentavam a igreja regularmente, 33% de seus filhos se tornaram frequentadores regulares da igreja. Mas, quando o pai não era

praticante e a mãe era frequentadora regular, apenas 2% de seus filhos se tornaram adoradores regulares. Se o pai era um frequentador regular mas a mãe era frequentadora irregular ou não frequentava a igreja, extraordinariamente, o percentual de filhos que se tornaram frequentadores adultos da igreja *subiu* de 33% para 38% (com a mãe irregular) e 44% (com a mãe não praticante). Foi como se a lealdade ao compromisso do pai crescesse de maneira proporcional à negligência, indiferença ou hostilidade da mãe à religião de seu marido.

Fig. 4. Influência do comparecimento dos pais à igreja sobre seus filhos

Comparecimento do Pai	Comparecimento da Mãe	Comparecimento dos Filhos
Regular	Regular	33%
Não praticante	Regular	2%
Regular	Irregular	38%
Regular	Não praticante	44%
Irregular	Não praticante	25%

Quando um pai frequentava a igreja de maneira irregular e sua esposa era não praticante, 25% de seus filhos ainda se tornaram frequentadores regulares da igreja. O estudo ainda destacou que essa tendência era *doze vezes* maior quando os papéis eram invertidos.

“Em resumo”, concluiu o estudo,

... se o pai não vai à igreja, sem importar o quão fiel seja sua esposa na dedicação à igreja, apenas um filho em cinquenta (2%) tinha possibilidade de se tornar um adorador regular adulto. Se o pai vai regularmente, seja qual for a prática da mãe, entre dois terços e três quartos de seus filhos vão se tornar frequentadores da igreja (com frequência regular ou irregular). Se um pai vai de maneira irregular à igreja, independentemente do compromisso de sua esposa, entre metade e dois terços de sua prole irá à igreja regularmente ou pelo menos ocasionalmente.

A Touchstone continua:

Os resultados são chocantes, mas não devem causar surpresa. São quase tão politicamente incorretos quanto poderiam ser; mas eles simplesmente confirmam o que psicólogos, criminalistas, educadores e cristãos tradicionais

já sabem. Você não pode negar a biologia da ordem criada. A influência do pai, da determinação do sexo da criança por meio de sua semente até os rituais funerários em torno de seu passamento, está fora de proporção de seu papel designado e tantas vezes diminuído na sociedade ocidental liberal.

Em termos de intimidade, cuidado e provimento – funções determinantes –, o papel da mãe é fundamental. Mas é igualmente verdadeiro que, quando uma criança começa a se encaminhar para aquele período de diferenciação do lar e envolvimento com o mundo “lá fora”, ela procura cada vez mais o pai em busca de orientação. Se o pai for apático, ou apenas distante, essa tarefa de diferenciação e envolvimento será muito mais difícil. Quando veem que a igreja é uma “coisa de mulher e de crianças”, os filhos reagem. Eles não vão à igreja ou simplesmente a frequentam com um coração que não está nela.⁸

O resumo é este: vimos que não é possível feminilizar a igreja e preservar os homens, e não é possível manter as crianças se você não

mantiver os homens. Aqui está a fórmula: quando o pai é ausente ou passivo, a família murcha e a habilidade de passar o bastão da fé para a próxima geração é grandemente enfraquecida. Isso não significa que a criação de filhos por parte de pais solteiros seja impossível. Deus é pai para o órfão.⁹ Timóteo foi criado por sua mãe e sua avó e ainda assim foi um grande líder da igreja primitiva. Em vez disso, significa que as famílias centradas no pai são a norma. Significa que ganhar e manter os homens é essencial para a igreja cristã local. Significa que a paternidade é vital para a criação de filhos e, portanto, para a salvação de nossos filhos.

As estatísticas sociais confirmam claramente essa conclusão. De acordo com o Dr. Urie Bronfenbrenner, da Universidade Cornell (EUA),

Crianças que crescem em lares onde o pai está ausente correm grande risco de experimentar uma variedade de problemas comportamentais e educacionais, incluindo extremos de hiperatividade e distanciamento, falta de atenção na sala de aula, dificuldade em adiar um prazer,

desempenho acadêmico deficiente, mau comportamento escolar, absenteísmo, envolvimento em grupos de amigos alienados da sociedade e a chamada “síndrome adolescente” de comportamentos que tendem a caminhar juntos – fumar, beber, iniciar a vida sexual precoce e constantemente e, em casos mais extremos, uso de drogas, suicídio, vandalismo, violência e atos criminosos.¹⁰

Baseando-se nessas estatísticas, a *Fatherhood Initiative* destaca:

Os adolescentes de lares sem pai têm 5 vezes mais possibilidade de cometer suicídio, 32 vezes mais possibilidade de fugir, 20 vezes mais possibilidade de apresentar problemas de comportamento, 14 vezes mais possibilidade de cometer estupro, 9 vezes mais possibilidade de abandonar o ensino médio, 10 vezes mais possibilidade de abusar de substâncias químicas, 9 vezes mais possibilidade de ir para uma casa de recuperação e 20 vezes mais possibilidade acabar na prisão.¹¹

O capítulo 2 destacou que os cristãos criam os filhos tendo a eternidade em vista! Aqui está a tragédia: as estatísticas supracitadas falam

apenas dos males temporais que decorrem da ausência ou passividade de um pai. As dimensões espirituais são muito mais alarmantes. Como acabamos de ver no estudo suíço, as implicações costumam ser eternas.

Também é interessante notar que, na eventualidade da morte do pai, essas estatísticas não se confirmam.¹² Muito embora a criança cresça sem o pai, ela parece entender que a ausência do pai estava fora do controle dele, e os filhos a compensam emocionalmente.

Como tudo isso acontece? De acordo com o Dr. David Lyle Jeffrey, da Universidade Baylor (situada no Estado do Texas, EUA), é uma rebelião contra a autoridade patriarcal:

O rebaixamento da paternidade não é apenas um produto de um punhado de comédias medíocres; é um padrão cultural significativo que pode ser ligado, muitos anos atrás, à literatura séria (...). Vemos os pais como símbolos de responsabilidade e autoridade – algo bem parecido com a maneira como vemos Deus. A rebelião contra a paternidade é parte de uma rebelião geral contra a autoridade e contra Deus,

e um passo a mais na direção do narcisismo.¹³

Nos tempos modernos, essa jornada começou com a rebelião contra a autoridade na década de 1960. Nossos filhos estão colhendo os frutos amargos daquela rebelião.

Em resumo, Deus é patriarca. A Bíblia é um livro patriarcal. Deus procura replicar a si mesmo nos líderes servos masculinos. A proclamação do evangelho é a chave para o desenvolvimento de líderes servos masculinos.

Atraindo homens

O que podemos fazer para atrair homens às nossas igrejas, para animar os homens em relação à paternidade? Podemos fazer três coisas. Primeiro, podemos enfatizar a verdade objetiva. Os homens são os mais aptos a responder aos pontos mais difíceis do evangelho discutidos nos capítulos 3 e 4. Segundo, precisamos desenvolver exemplos masculinos. Os homens aprendem a masculinidade com outros homens. Terceiro, devemos encorajar as mulheres a promover a masculinidade bíblica.

Fig. 5. Mente masculina *versus* mente feminina

Mente masculina	Mente feminina
Verdade / razão	Sentimento / emoção
Risco	Cautela
Competição	Cooperação
Agressiva	Passiva

Os homens respondem à verdade objetiva

Em seu livro *The Feminization of American Culture* (A feminilização da cultura Americana), Ann Douglas destaca que a teologia de Jonathan Edwards (1703–1758) foi a mais elevada marca do patriarcado na cultura norte-americana. Ela aponta que o cerne é a expiação substitutiva pregada por Edwards e seu discípulo Joseph Bellamy (1719–1790).¹⁴ Douglas prefere o modelo feminino “mais suave” que emergiu dos Unitaristas da Nova Inglaterra depois da morte de Edwards. O unitarismo eliminou os rigores objetivos da expiação substitutiva (que é o evangelho bíblico). Os unitaristas o substituíram por um novo evangelho.¹⁵ H. Richard Niebuhr o descreveu da seguinte maneira: “Um Deus sem ira trouxe homens sem pecado a um reino sem julgamento por meio da ministração de um Cristo sem uma Cruz”.¹⁶

O historiador Stephen Nichols concorda. Ele destaca como William Ellery Channing (1780–1842), angustiado com a doutrina puritana e seu Salvador transcendente, que parecia santo e inalcançável, ensinou um salvador estritamente humano que era íntimo, próximo, afetuoso e de fácil aproximação.¹⁷ Channing foi a ponta de lança da transformação da teologia da Nova Inglaterra de Edwards no unitarismo do século 19. Douglas viu a mudança de Channing como o início da feminilização da cultura norte-americana.

Douglas está bem informada. Os homens respondem melhor à verdade objetiva. Por outro lado, sentimentos e emoções têm mais possibilidade de apelarem à natureza feminina.¹⁸ Um artigo recente do *New York Times*, de autoria de John Tierney, confirma essas diferenças.

Quando homens e mulheres fazem testes de personalidade, os velhos estereótipos de Marte e Vênus reaparecem. Na média, as mulheres são mais cooperativas, cuidadoras, cautelosas e emocionalmente responsivas. Os homens tendem

a ser mais competitivos, assertivos, impulsivos e emocionalmente inertes. Diferenças claras aparecem na primeira infância e nunca desaparecem.¹⁹

Tragicamente, o artigo prossegue e sugere que essas diferenças são um problema a ser corrigido em vez de diferenças a serem comemoradas.

O evangelho bíblico trata da verdade objetiva, promovida por Edwards e os puritanos, com seus cantos pontiagudos e suas arestas afiadas. Ele foi descrito nos capítulos 4 e 5, e a mente masculina se identifica com isso. As igrejas que não estão centradas nesse evangelho – seja porque o medo do homem as controla ou porque não conseguem conviver com ideias conflitantes – costumam perder seus membros masculinos.

Um artigo recente relatou tendências perturbadoras nas denominações cristãs liberais e nas organizações cuja mensagem apela cada vez mais à mente feminina destacada por Douglas:

O número de clérigos ordenados na (...) Igreja

Evangélica Luterana da América caiu de 13.841 em 1990 para 10.493 em 2007. O número de membros caiu de 5,24 milhões para 4,77 milhões durante o mesmo período. Na Igreja Presbiteriana (EUA), o número de clérigos ordenados pastores caiu de 10.308 em 1990 para 8.705 em 2006. A quantidade de membros da denominação declinou de 2,85 milhões para 2,26 milhões durante o mesmo período. O número de padres católicos nos Estados Unidos caiu de 35.925 para 27.971 entre 1965 e 2007. Isso ocorreu a despeito do fato de que, durante o mesmo período, o número de católicos norte-americanos tenha saído de 45,6 milhões para 64,4 milhões.²⁰

Embora os números do catolicismo tenham aumentado cerca de 50%, seu clero masculino diminuiu cerca de 25%.

Compareci há pouco tempo a uma conferência de pastores chamada *Together for the Gospel* (Juntos pelo evangelho). Foram mostrados dados contrastantes. A conferência enfatizou os fatos objetivos apresentados por Edwards e seus colegas – a expiação penal substitutiva, a santidade de Deus, a realidade da

ira de Deus, a impossibilidade de perdão sem expiação, a exclusividade do cristianismo e a pecaminosidade do homem. Cinco mil homens compareceram, a maioria deles jovens. Cerca de 75% tinham menos de 40 anos.

Qual foi a lição? Uma maneira importante de atrair homens é pregar a verdade objetiva do evangelho (se você for um pastor). Se você não for pastor, leve sua família a uma igreja que pregue essa mensagem.

Os homens aprendem o que é masculinidade com outros homens

Se você quer atrair e construir homens, você deve encontrar, atrair e construir modelos masculinos. Em seu livro *Why men hate going to Church* (Por que os homens odeiam ir à igreja), David Murrow destaca:

Você não pode ter uma igreja próspera sem um núcleo de homens que sejam seguidores de Cristo. Se os homens estiverem mortos, a igreja está morta (...) Se quisermos mudar o mundo, devemos nos concentrar nos homens (...) Quando os homens estão ausentes e anêmicos, o corpo murcha (...) A igreja e o Titanic têm uma coisa em comum: mulheres e crianças primeiro. A grande maioria do ministério nas igrejas protestantes se concentra nas crianças, depois nas mulheres (...) Os homens não seguem programas; eles seguem homens. Uma mulher pode escolher uma igreja em razão do programa que ela oferece, mas um homem está à procura de outro homem a quem possa seguir.²¹

Murrow está certo. Os homens não seguem programas; eles seguem homens. Não estamos

falando do comportamento do “machão”. O machismo é uma perversão da masculinidade bíblica. De fato, ele normalmente ocorre porque os homens se sentem inseguros em relação à sua masculinidade.

Os homens não nascem masculinos. Trata-se de um comportamento que é aprendido. Os homens nascem machos. Isso significa que eles entram no mundo com as partes do corpo de um homem. Você pode ser masculino ou feminino. Você pode ser uma mulher e ser masculina. A verdadeira masculinidade se expressa como um desejo de servir mulheres e crianças por meio de liderança, proteção e provimento a elas. A verdadeira masculinidade tem tudo a ver com a atitude altruísta de servo. Não tem nada a ver com o tamanho dos músculos ou a habilidade atlética.

Por último, os homens aprendem a verdadeira masculinidade com Deus. Deus não é masculino. Ele não tem corpo. Mas Deus é masculinidade pura e sem adulteração. Em última análise, ele é o modelo de pai cristão.

Sua masculinidade se expressa por meio de sua disposição de tomar a iniciativa.

Um amigo homossexual budista perguntou-me certa vez por que eu sempre me referia a Deus como *ele*. Citando C. S. Lewis, respondi com cautela: “Deus é tão masculino que, em contrapartida, tudo o que ele criou é feminino”.²² Lewis sugeriu que a disposição de iniciar está no coração e na alma da masculinidade de Deus. Deus nos serve ao tomar a iniciativa. Ele iniciou a criação. Ele iniciou nossa redenção. Ele veio a nós na encarnação. Nós não fomos a ele. Essa disposição é muito provavelmente o que Deus quis dizer quando referiu a si mesmo por meio de pronomes masculinos. Embora Deus não tenha um corpo feminino, ele é o derradeiro iniciador. Ele é o derradeiro líder servo. Nesse sentido, Deus Pai é masculinidade absoluta.

Em confronto, a feminilidade responde à iniciativa masculina. Por essa razão Deus chama a igreja, tanto homens quanto mulheres, de noiva de Cristo. Deus deu início à nossa criação

e ele deu início à nossa redenção. E foi ele quem iniciou o relacionamento que você e eu temos com ele. Em nosso relacionamento com Deus, todos nós apenas respondemos. Em comparação com Deus, somos todos femininos.

Aqui está a questão: os homens aprendem sua masculinidade com Deus. A presença do Deus vivo torna os homens mais masculinos e as mulheres mais femininas.

Jesus Cristo serve de modelo da masculinidade bíblica. O evangelho trata daquilo a que ele deu início. Primeiro, ele tomou a iniciativa de nossa salvação ao custo de sua vida. Ele veio e nos buscou. Então, voltou para o céu e enviou seu Espírito Santo para nos levar ao Pai. Segundo, ele foi um líder servo de primeira ordem. Ele lidera a igreja ao nos servir, e ele nos serve por meio de sua liderança. Terceiro, ele provê nossas necessidades materiais diárias. Quarto, ele protege sua igreja ao custo de sua vida. “Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a

Escritura” (Jo 17.12). Quanto mais profundo for o relacionamento de um homem com o Filho de Deus, mais potente vai se tornar a sua masculinidade.

A masculinidade não para por aí. Os homens a aprendem com outros homens que foram impactados por Cristo. O menino aprende a masculinidade com seu pai. “Os pesquisadores determinaram”, escreve Jim Dobson na revista *Time*, “que os meninos não nascem com uma compreensão da ‘virilidade’. Cada menino precisa aprender o que é isso, de preferência com seu pai”.²³ De fato, numerosos estudos têm mostrado que tanto meninas quanto meninos obtêm sua identidade sexual por meio de uma interação com seu pai, não com sua mãe.²⁴

David Wegener destaca,

Os homens devem treinar seus filhos a serem masculinos e suas filhas a serem femininas. Eles devem inculcar a coragem e a iniciativa, o amor sacrificial em seus filhos por meio do ensino, do exemplo e da prática. Os homens devem treinar suas filhas a serem alimentadoras e a responderem à iniciativa de amor de um homem

forte e digno. Os homens podem fazer isso por meio de encorajamento e direção e por seu próprio relacionamento com sua filha.²⁵

O que estou dizendo é que, primeiro, os contornos objetivos do evangelho atraem os homens e, depois, sua substância os nutre, estimulando a masculinidade bíblica. Conforme os homens contemplam a Cristo, são transformados em sua imagem (2Co 3.18). Para os homens, é a “imagem” e a “semelhança” da masculinidade piedosa (Gn 1.26). Homens cristãos veem Jesus morrer por sua igreja e querem morrer por sua esposa e seus filhos. Eles veem Jesus liderando como servo e querem servir suas famílias por meio da liderança. Tudo isso está no coração do evangelho, discutido nos capítulos 4 e 5.

A paternidade está na lista de espécies ameaçadas de extinção. O evangelho está lentamente desaparecendo da igreja, e a paternidade juntamente com ele. Famílias sem pai são cada vez mais a norma. “Nos Estados Unidos, em 1960 havia 10 milhões de lares sem

pai”, relatou o Dr. Wade Horn. “Em 2003, esse número subiu para 25 milhões. Uma em cada três famílias hoje não tem pai”.²⁶ As implicações desse fato para o futuro são catastróficas para a igreja e a família. O evangelho é a solução!

A feminilidade bíblica encoraja a masculinidade bíblica

Assim como grandes músculos e habilidade atlética não evidenciam a masculinidade bíblica, do mesmo modo a fraqueza, a passividade e o medo não evidenciam a feminilidade bíblica. Ambos são caricaturas. “A masculinidade (...) é uma questão de mente”, destaca Stuart Scott. “Um homem pode ir à academia malhar e até mesmo conquistar o físico de Charles Atlas ou Arnold Schwarzenegger, mas isso não fará com que ele seja mais masculino (...). No fim das contas, o que importa não é o que aparece por fora do homem, mas o que está lá dentro”.²⁷

Da mesma maneira, a feminilidade bíblica é uma constelação de qualidades do coração. Uma mulher com feminilidade bíblica é forte, segura e inabalável. A fé é seu fundamento. “A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações” (Pv 31.25). Assim como os homens se tornam mais masculinos ao redor de homens que são líderes

servos humildes, assim eles se tornam mais masculinos na presença da feminilidade bíblica.

As mulheres têm grande poder sobre os homens. Os homens precisam desesperadamente delas. A mulher sábia se vale desse poder para encorajar a masculinidade bíblica. A maneira pela qual ela pode fazer isso é direcionar seus filhos para o pai deles. Quando nossos filhos iam a Judy com perguntas, sendo bastante competente, ela normalmente sabia como responder, mas, querendo me envolver, ela costumava dizer: “Vamos perguntar ao seu pai”. Isso contribuía com duas coisas. Primeiro, o comportamento dela me honrava aos olhos de nossos filhos (a despeito do fato de eu frequentemente não merecer isso). Também honrava o ofício da paternidade. Segundo, isso me forçava a me envolver e assumir as responsabilidades que me haviam sido dadas por Deus.

Uma mulher também pode encorajar a masculinidade ao respeitar seu marido, especialmente na frente de seus filhos. Na grande passagem sobre o casamento (Efésios 5),

as esposas recebem instrução para fazer duas coisas: submeterem-se a seu marido e respeitá-lo. Paulo sabia que os homens se sentem amados quando são respeitados. Minha esposa me respeitava na frente de nossos filhos, mesmo quando eu não havia conquistado tal respeito ou não o merecia. Ela fazia isso por amor a nossos filhos. Sua fé sempre me humilhava. Ela me fazia retribuir seu respeito, ciente de que ela me dera respeito por causa de sua confiança no desejo de Deus de trabalhar por meio do pai dos filhos dela.

As mulheres também podem encorajar a masculinidade bíblica orando. Peça a Deus que torne os homens da sua vida masculinos conforme a definição apresentada pelo exemplo de Cristo.

Finalmente, a feminilidade bíblica encoraja os maridos a liderar. As mães eficientes não aborrecem seu marido; elas o encorajam. Existe uma grande diferença. Elas encorajam homens ao chamar atenção para as evidências da graça em seu marido, não ao depreciá-los.

A feminilidade bíblica trabalha no sentido de

fazer com que os homens se sintam necessários. Em seu livro clássico intitulado *Men and Marriage*, George Gilder destaca que os homens fazem apenas três contribuições para o casamento: liderança, provisão financeira e proteção.²⁸ Quando as mulheres assumem esses papéis, os homens ficam sem nada para contribuir, sentem-se desnecessários e então abdicam. As mulheres que passam essas responsabilidades a seu marido enchem o coração deles com propósito e, de maneira geral, os maridos respondem positivamente. Ao entregar essas responsabilidades, as mulheres encorajam a masculinidade bíblica.

Resumo

Neste capítulo sugerimos que na economia de Deus o homem ocupa um papel principal. A esposa é sua assistente. A Bíblia direciona todos os seus versículos sobre criação de filhos para os homens. Isso acontece porque Deus concedeu a cada homem um poder desmedido sobre o coração de seus filhos e, em última análise, seu destino espiritual. O princípio geral afirma: assim como estiver o pai, assim estará a família, e assim estará a criação dos filhos.

Embora os homens nasçam machos, a masculinidade bíblica é aprendida. Vivemos em uma era confusa. Tanto a masculinidade quanto a feminilidade bíblicas são escassas. Por amor a nossos filhos, e para a glória de Deus, é essencial que possamos reconstruí-las. Como podemos fazer isso?

Enfatize a verdade objetiva do evangelho. A mente masculina responde a ela. O evangelho tem outra vantagem: ele serve de modelo da masculinidade bíblica para os homens. Ele

apresenta o Filho de Deus, o único homem verdadeiramente masculino, para que o imitemos. O evangelho apresenta a poderosa masculinidade de seu Pai.

Os homens também aprendem a masculinidade com outros homens que tenham sido impactados pelo evangelho. Os meninos a absorvem inconscientemente de seu pai. As mulheres se tornam cada vez mais femininas quando estão cercadas da masculinidade bíblica, e a feminilidade bíblica completa o círculo encorajando o comportamento masculino.

O evangelho atrai os homens. O evangelho ensina aos homens o que significa ser masculino. Isso não funciona se o evangelho for apenas “Jesus ama você”. Igrejas centradas no evangelho são fábricas de masculinidade bíblica, e a criação de filhos bíblica prospera nesse ambiente.

Perguntas para estudo

1. Faça uma lista com o maior número possível de textos bíblicos endereçados às mães que você puder encontrar.
2. Este capítulo sugeriu que a fé e o envolvimento espiritual do homem afetam os filhos mais do que essas qualidades da mãe. Você acha que isso é verdadeiro? Por que sim ou por que não?
3. Em sua opinião, por que as mães comprem mais livros sobre criação de filhos do que os pais?
4. Na sua família qual dos pais é o principal e qual é o assistente?
5. Este capítulo sugeriu três coisas que podemos fazer para atrair homens e encorajar a masculinidade bíblica. Qual delas é a mais importante para você? Por quê?
6. O que os líderes da igreja podem fazer para encorajar a masculinidade bíblica?
7. O que as esposas e mães podem fazer para encorajar a verdadeira masculinidade bíblica em seu marido e em seus filhos?

¹ *Albert Mohler Program*, 14 de julho de 2008.

² GILDER, George. *Men and Marriage*. Gretna, LA: Pelican, 1986, inicialmente publicado como *Sexual Suicide*. Nova York: Quadrangle, 1973. Na década de 1970, Gilder argumentou de modo persuasivo que se as esposas/mães assumissem o papel de provedora, líder e pai, os homens responderiam abandonando cada vez mais o lar e a família. Infelizmente, ele foi um profeta, pois é exatamente isso o que tem acontecido nos últimos trinta anos.

³ Ibid.

⁴ A literatura que apoia essa declaração é extensa. Por exemplo, um estudo recente em Phillip Longman, “Why Men Rule—And Conservatives Will Inherit the Earth”, *Foreign Policy* (março-abril 2006), destaca que o declínio da população no Ocidente pode ser relacionado diretamente ao colapso da paternidade na cultura ocidental. Quando uma cultura não honra a paternidade, os homens abandonam o navio, deixam de se casar e deixam de procriar. Longman prossegue e destaca que os segmentos da sociedade que não honram a paternidade não estão reproduzindo.

⁵ Nancy Gibbs, “Father”, *Time*, 28 de junho de 1993, p. 53.

⁶ Ibid.

⁷ Robbie Low, “The Truth about Men & Church”, *Touchstone*, junho de 2003, <http://touchstonemag.com/archives/print.php?id=16-05-024-v>.

⁸ Ibid.

⁹ Veja Sl 10.14; 68.5; 146.9; Jr 49.11. Um dos grandes

pecados contra a justiça social foi a opressão dos órfãos (Is 1.17, 23; 10.2; Jr 5.28; 22.3; Zc 7.10). Deus promete julgá-lo (Ml 3.5).

¹⁰ Declaração do D. Urie Bronfenbrenner, da Universidade Cornell, citado em Dr. Wade Horn, “Lunacy 101: Questioning the Need for Fathers”, citando o Dr. Urie Bronfenbrenner, *The Jewish World Review*, 7 de julho de 1999, <http://www.jewishworldreview.com/cols/horn.html>.

¹¹ Stuart Birks, “Effects of Fatherlessness (US data)”, *Fatherhood Initiative*, 24 de janeiro de 1996, <http://www.massey.ac.nz/~kbirks/gender/econ/nodad.htm>.

¹² POPENOE, David. *Life without Father*. Nova York: The Free Press, 1996, p. 151–152, cita estudos que mostram que filhos que carecem de um pai devido à morte deste ficam apenas um pouco diferentes dos filhos que crescem no mesmo lar com seu pai biológico. As estatísticas são radicalmente diferentes, porém, quando os filhos são privados de seu pai por meio do divórcio ou pela impossibilidade de sua mãe se casar com o pai.

¹³ Chuck Colson, “Rebuilding the Foundations of Fatherhood”, <http://www.crosswalk.com/1350449/>.

¹⁴ O biógrafo de Edwards destaca: “No centro do panorama de Edwards está uma visão rigorosamente não sentimental do amor. Essa atitude é especialmente difícil de apreciar por parte daqueles cujas sensibilidades foram moldadas pela sentimentalidade das décadas que se sucederam”. Veja MARSDEN, George. *Jonathan Edwards: A Life*. New Haven: Yale University Press, 2003, p. 137.

¹⁵ DOUGLAS, Ann. *The Feminization of American Culture*. 1977; reimpr., Londres: Papermac, 1996. Veja especialmente o

capítulo 4, “The Loss of Theology: From Dogma to Fiction”.

¹⁶ NIEBUHR, H. Richard. *The Kingdom of God in America*. Chicago: Willet, Clark & Company, 1937, p. 193. Citado em *ibid.*, p. 18.

¹⁷ NICHOLS, Stephen J. *Jesus Made in America*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2008.

¹⁸ Ann Douglas, “The Loss of Theology”, em *The Feminization of American Culture*. 1977; reimpr., Londres: Papermac, 1996.

¹⁹ John Tierney, “As Barriers Disappear, Some Gender Gaps Widen”, *New York Times*, 8 de setembro de 2008, <http://www.nytimes.com/2008/09/09/science/09tier.html?scp=1&sq=johntierneymarsvenusstereotypes&st=cse>.

²⁰ Steve Maynard, “In God They Trust, Despite It All”, *Tacoma News Tribune*, 23 de março de 2008.

²¹ MURROW, David. *Why Men Hate Going to Church*. Nashville: Thomas Nelson, 2005, pp. 8, 41, 43, 59.

²² Atribui-se esta declaração a C. S. Lewis.

²³ James Dobson, “Two Mommies Is One Too Many”, *Time*, 21 de dezembro de 2006, <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1568485,00.html>

²⁴ Veja ROBISON, James. *In Search of a Father*. Carol Stream, IL: Tyndale, 1979, p. 159. Veja também WYDEN, Peter e WYDEN, Barbara. *Growing Up Straight*. Lanham, MD: Stein and Day, 1968, p. 60–61; CAMPBELL, Ross. *How to Really Love Your Child*. Wheaton, IL: Victor, 1985, p. 80–81.

²⁵ David Wegener, resenha de *Fatherless America*, de David Blakenhorn, *Journal for Biblical Manhood and Womanhood* 3

(outono de 1998):13.

²⁶ Alan Barron, “Fatherless Families”, *Manhood*, <http://manhood.com.au/manhood.nsf/f5d5a3b4a7ee9a474a256a77> (acessado em 22 de maio de 2008).

²⁷ SCOTT, Stuart. *Think Biblically*, org. John MacArthur. Wheaton, IL: Crossway, 2003, p. 161. Essa é uma excelente discussão sobre a masculinidade e a feminilidade bíblicas.

²⁸ Gilder, *Men and Marriage*.

Capítulo 8

Fundamentos da disciplina

O capítulo anterior abordou a importância do patriarcado. A Bíblia endereça seus mandamentos sobre a criação de filhos aos pais, não às mães. “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.4). Este capítulo trata da disciplina do Senhor.

A disciplina bíblica sempre expressa o amor de Deus. “... O Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe” (Hb 12.6, citando Pv 3.12). Uma vez que isso é verdadeiro, os pais cristãos devem disciplinar. Devem imitar Deus Pai, mas, assim como Deus Pai, sua motivação deve ser sempre o amor. De fato, a Bíblia alia tão fortemente a disciplina com o amor que sugere que aqueles que se recusam a disciplinar seus filhos realmente os odeiam: “O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina” (Pv 13.24).

O evangelho deve estar no centro de todas as tentativas de disciplinar os filhos. O evangelho afeta a disciplina de duas maneiras. Primeiro, ele motiva nossa disciplina. Segundo, a comunicação do evangelho se torna o *fim* da disciplina cristã.

A disciplina eficiente exige grande resolução e perseverança. Nenhum pai é igual nessa tarefa. Algumas crianças exigem cinco palmadas durante toda a vida, enquanto outras precisam de cinco a cada manhã.

Quando tinha cerca de 5 anos de idade, David, meu filho mais velho, ficou fascinado por meu barbeador elétrico. Para Dave, o termo *obstinado* era inadequado. Quando ele queria algo, sua tenacidade era simplesmente impressionante. Seus desejos eram a única coisa que importava. Ele pesava a dor de uma palmada tendo em mente o que ele queria. Se o que queria valesse a pena, ele desobedeceria.

Naquele dia em particular, o barbeador valia a pena. Ele o pegou, colocou na tomada e ligou-o. Ele sabia que aquilo ia contra as regras. Na primeira vez que o peguei fazendo isso, dei-lhe

uma palmada. Alguns minutos depois, ele ligou o barbeador novamente. Fiquei surpreso. Minhas palmadas doíam. Ainda hoje meus filhos crescidos lembram-se delas e torcem o nariz. Assim, bati nele mais uma vez. Numa tarde de domingo, repetimos essa rotina sete vezes. Eu o coloquei na cama exausto, frustrado e desanimado, mas, para o bem de David, eu estava determinado a vencer a batalha. E que verdadeira batalha foi aquilo tudo.

Alguns teriam resolvido o problema de David colocando o barbeador fora de seu alcance. Acreditem, eu pensei seriamente nisso. Teria sido a saída mais fácil, mas esconder o barbeador não tratava do problema da vontade dele. Simplesmente desviava o conflito para outro dia. Assim, como a maioria dos generais de campo eficientes, escolhi o lugar e a hora da batalha. Eu não tinha plena consciência da determinação de David. Em pelo menos duas ocasiões cheguei a um ponto em que não conseguia controlá-lo com palmadas. Em desespero, fui até os diáconos da minha igreja e

pedi oração. Em ambas as vezes ele melhorou imediatamente.

Força de vontade é um dom vindo de Deus. Quanto mais a criança a tiver, mais difícil será vencê-la. Mas anime-se. Não desista. Tão logo sua obstinação seja vencida, a criança terá mais condições de resistir à pressão dos amigos, de liderar outros e de praticar as disciplinas espirituais. Você precisará de encorajamento. A criança teimosa exige enormes doses de perseverança e determinação. Hoje, David é profundamente dedicado a Cristo. Ele é líder de homens. De fato, ele é pastor. Pela graça de Deus eu venci a batalha e fico feliz por ter ganhado.

O fato de entender o evangelho e suas implicações para a disciplina de nossos filhos fortaleceu a mim e Judy. Em meio a tantas provações, fomos ajudados em vários aspectos:

- O evangelho nos convenceu de que o pecado do coração era o problema dos nossos filhos.

- O evangelho nos convenceu de que a autoridade é a questão fundamental na criação dos filhos.
- O evangelho nos ensinou a buscar o coração de nossos filhos em vez de seu comportamento.
- O evangelho nos motivou a usar a disciplina para pregar o evangelho a nossos filhos.
- O evangelho nos motivou a temer a Deus.
- O evangelho ajudou a mim e a Judy a crescer em humildade e sinceridade.

- O pecado do coração

Antes de podermos aplicar uma solução adequada, devemos primeiramente identificar o problema. Se meu carro não dá partida porque o tanque de combustível está vazio, ir ao posto é a solução. Mas, se o motor de arranque está defeituoso, preciso levar o carro ao mecânico. Do mesmo modo, o tratamento dos problemas com nossos filhos começa com um diagnóstico correto.

Sendo assim, qual é o problema básico do seu filho? Ele mente, trapaceia ou rouba? Ele morde a irmã? Seu filho é inquieto, egoísta ou mal-humorado? Ele responde aos seus pais? Se o problema for uma doença, e se ele estiver doente, um medicamento é a resposta. Ele não é moralmente responsável. Se o problema é o ambiente em que a criança está, uma mudança de ares é a resposta. Mas, se o problema for a natureza caída (o pecado do coração), então a disciplina e a instrução são as únicas soluções eficientes.

A maioria dos diagnósticos seculares é falha porque eles presumem que a criança é basicamente boa. Minha filha mais velha tem bacharelado em desenvolvimento infantil. O único ponto que seus professores enfatizavam constantemente era a convicção de que as crianças são boas por natureza. Se essa for a sua pressuposição, a raiz do mau comportamento de seu filho deve ser uma doença ou um ambiente problemático. É por isso que muitas crianças rebeldes e obstinadas são agora diagnosticadas com TOD, ou Transtorno de Oposição e Desafio [ou ODD, Oppositional Defiant Disorder, em inglês]. O site americano WebMD traz uma lista de alguns de seus sintomas: ter ataques de choro e gritos, discutir com adultos, desobedecer a regras, culpar os outros pelos próprios erros, ter explosões de raiva e assim por diante. O WebMD defende que a causa pode ser biológica, genética ou ambiental. (O pecado nem sequer é mencionado.) Um pediatra me disse que alguns pais pagam para fazer um exame de ressonância magnética no cérebro de seus filhos para tentar encontrar sintomas do

TOD. Uma vez que o problema é físico, não moral, a solução não é disciplina ou instrução. É psicoterapia ou medicação.

Outros culpam o ambiente onde a criança está. O professor não apoia. Seus colegas de classe não são amigáveis. Os amigos da vizinhança são maus exemplos. Ela assiste à televisão por tempo demais. Tudo seria melhor se ela não passasse oito horas por dia jogando no computador. Se o diagnóstico é um ambiente ruim, então uma mudança de ambiente é a solução.

A Bíblia apresenta um diagnóstico diferente. O comportamento do seu filho é um sintoma daquilo que as Escrituras chamam de carne – ou seja, o pecado do coração se manifestando por meio de orgulho e egoísmo.

Se o problema é espiritual ou moral, então a solução é disciplina e instrução do Senhor. Embora os cristãos reconheçam que seus filhos possam ter problemas físicos, como hiperatividade, e que o ambiente de seus filhos possa também os afetar, o diagnóstico fundamental é mais simples e direto. Ataques de

choro e gritos, discussão e falha em aceitar a correção são resultado do mais puro e conhecido pecado. “Os cristãos devem ser cautelosos em ‘medicar’ problemas que a Bíblia chama de pecado”, destaca o Dr. Timothy Sisemore.¹

Como um pai fiel sempre me recorda, “o coração do problema é um problema do coração”. Eles agem de maneira ruim porque são ruins. Nossos filhos são problemáticos no nível mais profundo e mais básico. “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17.9). Deus vê seu filho desta maneira: “Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus” (Rm 3.10-11, citando Sl 14.1, 3). Portanto, eles são “... por natureza, filhos da ira, como também os demais” (Ef 2.3). Aquilo que a comunidade terapêutica frequentemente chama de TOD a Bíblia simplesmente rotula de “obras da carne”: “Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras,

discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas” (Gl 5.19-21).

Se a corrupção do coração é o diagnóstico, uma pílula ou a mudança de ambiente não resolverá o problema. Coisas assim podem suprimir os sintomas temporariamente, mas não tratarão da questão subjacente. A solução em curto prazo é a disciplina e a admoestação do Senhor (cf. Ef 6.4). “A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a afastará dela” (Pv 22.15).

A solução em longo prazo é mais radical. É o transplante de coração que ocorre no novo nascimento. “Dar-vos-ei *coração novo* e porei dentro de vós espírito novo”, promete o Senhor por meio de Ezequiel. “Tirarei de vós o coração de pedra *e vos darei coração de carne*. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis” (Ez 36.26-27).

Em tudo isso, é crucial que haja uma clara compreensão do evangelho. O evangelho nos convence de que nossos filhos têm um problema

de coração. Ele nos convence de que o problema é sistemático. Isso significa que ele está entretecido na trama de nossa natureza. Você não pode amputar um membro ruim e livrar-se dele. O problema penetra todos os aspectos de nosso ser. Seu filho herdou o problema de vocês, os pais dele.

O evangelho nos permite ver o pecado deles através dos olhos de Deus. Ele nos confronta. Vemos quão sério o problema do coração realmente é. Ainda que seu filho não tivesse feito nada de errado, Cristo ainda assim teria tido de morrer por aquela criança. Isso acontece porque o problema dela é sua *natureza*. A palavra singular *pecado* é o termo que Paulo usa para se referir à nossa natureza caída. Jesus teve de expiar nossa natureza (pecado, quem nós somos) antes que pudesse expiar nossos pecados (aquilo que fazemos). Perceba a linguagem usada em Romanos 8.3. Deus enviou “... o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao *pecado*; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o *pecado*”. Isso significa que a *natureza* do seu filho é tão

seriamente corrupta que exigiu uma lenta morte substitutiva, por meio de tortura excruciante, para que fosse expiada. Repito que isso teria sido necessário mesmo que seu filho nunca tivesse realizado qualquer coisa errada.

A maioria dos pais evangélicos não compartilha dessa convicção, e essa ruptura é responsável por muitos dos fracassos na criação de filhos. Um amigo comentou com seu pai, um evangélico fiel por mais de 35 anos, que seus filhos precisavam de palmadas regulares porque o coração deles era inclinado para o mal. Chocado, seu pai respondeu: “Eles não são pecadores. As crianças são inocentes. Elas não são responsáveis diante de Deus até a idade da responsabilidade. Seu pessimismo me preocupa”.

Essa resposta tem por base uma antiga heresia chamada *pelagianismo*. O pelagianismo é a ideia segundo a qual nascemos inocentes, que nossa natureza é essencialmente boa, que Deus não nos considera pecadores até que façamos algo errado. Como R. C. Sproul observa, a aceitação dessa crença é ampla.

Em uma pesquisa de George Barna, mais de 70% dos “cristãos evangélicos professos” nos Estados Unidos expressaram a crença segundo a qual o homem é basicamente bom. E mais de 80% professaram a visão segundo a qual Deus ajuda aqueles que se ajudam. Essas posições (...) são ambas pelagianas. Dizer que somos basicamente bons é uma visão pelagiana (...). Somos inundados por isso. Estamos cercados disso. Estamos imersos nisso. Ouvimos isso todo dia. Ouvimos isso todo dia na cultura secular. E não apenas ouvimos isso todo dia na cultura secular, como também ouvimos isso todo dia na televisão cristã e nas rádios cristãs.²

Mas nossos filhos não são basicamente bons, e a prova de que o coração do problema é um problema do coração deveria ser óbvia a qualquer pai observador, mesmo para aqueles que não acreditam na Bíblia. Um exemplo é que você não precisa ensinar seu filho a ser mau. O mau comportamento surge naturalmente. Paul Tripp escreve:

Lembro-me do dia em que isso ocorreu, anos atrás, quando eu era professor do jardim de infância. Nunca precisei ensinar meus filhos a

bater uns nos outros, a ter ciúme, a falar de maneira áspera, a querer ser o primeiro da fila, a anunciar que seu lanche era melhor do que o do vizinho, a vangloriar-se de suas realizações e a transformar tudo numa competição.³

O mundo real é o oposto. Você precisa ensinar seus filhos a serem bons – e, se você não o fizer, eles não serão. Se o bom comportamento nascesse naturalmente, e tivéssemos de ensinar nossos filhos a serem maus, então poderíamos aceitar o pelagianismo. Mas não é assim que as coisas funcionam. As crianças aprendem o bom comportamento apenas por meio da forte persistência de seus pais. Qualquer pai que tenha se colocado entre uma criança de dois anos de idade e um pote de biscoitos sabe disso. A primeira palavra que seu filho aprende não é *sim* (“Sim, mamãe. Como posso ser útil?”). É *não*. Seu filho de dois anos não precisa ser ensinado a dar as costas e seguir na outra direção quando for chamado. A linguagem desrespeitosa e a zanga – bem como os ataques de choro – são naturais.

Por essas razões, o pelagianismo está por trás de grande parte do fracasso na criação dos filhos. Se não tiver diagnosticado corretamente esse problema, você não aplicará a solução adequada. Deus fez o diagnóstico. A partir do nascimento, nossos filhos são inclinados na direção do mal, do coração para fora. Ele nos deu a solução para a maioria dos problemas comportamentais dos nossos filhos: “Não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara, não morrerá” (Pv 23.13); “A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe” (Pv 29.15).

O evangelho não apenas nos convence de que o pecado é o problema como também coloca sobre nós um senso de urgência. A cruz proclama a infinita paixão de Deus pela justiça. Ela nos relembra de que algum dia nossos filhos receberão justiça perfeita. Não haverá exceções. Isso significa que nossos filhos entram no mundo carregando um problema, e essa é a razão de Jesus ter tomado o lugar deles na cruz. Ele morreu para satisfazer as exigências da

perfeita justiça de Deus no lugar deles. A implicação é clara. Ou nossos filhos satisfarão a justiça de Deus ao sofrerem algo parecido com a crucificação no inferno por toda a eternidade (é isso o que nossos pecados merecem), ou eles crerão e deixarão Jesus satisfazer a justiça de Deus no lugar deles. Um desses destinos aguarda cada um de nossos filhos. Os pais que acreditam nisso possuem um tremendo senso de urgência. Os riscos são elevados.

O evangelho também nos dá uma amostra de como Deus se sente em relação ao pecado. Ele o odeia. O pecado provoca sua ira. Vemos na cruz como Deus se sente em relação a coisas como reclamação, rebelião, birra, egoísmo e descontrole de nossos filhos. A cruz diz: “Deus odeia essas atitudes do coração. Elas merecem a crucificação”. Essa é uma ideia impopular. Contudo, se for verdadeira, como podemos ficar passivos em relação aos pecados do coração de nossos filhos e ainda dizer que os amamos?

Por essa razão, aqueles que têm a clareza do evangelho praticam a disciplina corporal – castigos físicos apropriados, em idade

apropriada. O mundo diz: “Punição corporal é abuso infantil”. Mas a Bíblia responde: “*Deixar de disciplinar é abuso infantil*”.

O abuso físico de crianças de fato acontece, e os cristãos o abominam. Mas ele normalmente ocorre quando existe uma desconexão entre punição corporal e famílias amorosas, estáveis, com pai e mãe. Estudos sociais⁴ mostram que, por trás da maior parte da oposição à punição física, está a experiência vivida por um assistente social junto a um padrasto abusivo e irado ou a um namorado que mora com a mãe da criança. Onde não existem elos naturais de amor e afeição, abundam as tentações ao abuso. Isso não é disciplina bíblica.

Em resumo, o evangelho convence tanto pai quanto filho de que o pecado – a deformação profunda e sistêmica do coração – é o problema fundamental de nosso filho. Por isso Jesus morreu. Ele também morreu pelos pecados que esses corações produzem. A cruz nos apresenta uma visão do ódio de Deus pelo mal e o que espera o filho não conduzido à fé salvadora por

meio da disciplina amorosa e da instrução de seus pais. A solução do evangelho é a punição corporal aplicada por pais amorosos e comprometidos. A cruz motiva a disciplina consistente e piedosa.

Creia na autoridade

Para que possam disciplinar com eficiência, os pais cristãos devem entender o pecado e ter uma convicção profunda sobre a bondade e a conveniência da autoridade. “Para muitos em nossa cultura”, destaca Steve Farrar, “e especialmente na academia, qualquer coisa ‘cheia de autoridade’ é ruim.”⁵ Farrar está certo. Autoridade não é um conceito popular. Não é preciso ser um gênio para notar a repulsa à autoridade que existe na cultura ocidental.

Depois de amplas pesquisas junto a pais cristãos, George Barna destaca que “muitos pais sugerem que ser do tipo ‘comando e controle’ é desnecessário e até mesmo contraproducente. Eles descrevem tal comportamento com termos e expressões como ‘superior’, ‘dominador’, ‘insensível’, ‘compensação por fraqueza pessoal’ e ‘não amoroso’”.⁶ Contudo, Barna (falando por muitos outros) prossegue e demonstra que autoridade forte, casada com afeição, é o estilo de criação de filhos mais

eficiente. A Bíblia leva a autoridade a sério e a vê de forma positiva.

Pais eficientes veem a autoridade com olhos bíblicos. Deus ama a autoridade e odeia a rebelião.

Então, [Eliseu] subiu dali a Betel; e, indo ele pelo caminho, uns rapazinhos saíram da cidade, e zombavam dele, e diziam-lhe: Sobe, calvo! Sobe, calvo! Virando-se ele para trás, viu-os e os amaldiçoou em nome do SENHOR; então, duas ursos saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois deles (2Rs 2.23-24).

Esse é um texto forte. A resposta de Deus à rebelião contra seu profeta demonstra como ele se sente em relação a zombar de uma autoridade. Toda autoridade vem de Deus (Rm 13). Portanto, rebelar-se contra a autoridade legal é rebelião contra o próprio Deus. Zombar de Eliseu foi zombar de Deus. Se isso parece extremo, é porque provavelmente eu e você vemos a autoridade de maneira diferente, através dos olhos da cultura contemporânea.

Outros textos bíblicos que descrevem os sentimentos de Deus sobre a rebelião de um

filho são similares. “Os olhos de quem zomba do pai ou de quem despreza a obediência à sua mãe, corvos no ribeiro os arrancarão e pelos pintãos da águia serão comidos” (Pv 30.17). Isso não significa que corvos darão rasantes todas as vezes que seu filho se rebelar. Em vez disso, esse texto revela como Deus *se sente* em relação à essa rebelião. Ele nos fala o que a atitude de seu filho merece.

A autoridade parental é muito importante. A despeito de suas imperfeições, e por amor aos filhos que você tem, Deus lhe concedeu autoridade. Paulo exorta:

Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores. Porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação (Rm 13.1-2).

Você é a autoridade “instituída” por Deus na vida de seu filho. Pais que toleram a rebelião do filho zombam da autoridade de Deus e expõem seus pequeninos à “condenação” de Deus. Se os

ama, você os ensinará a se submeterem à sua autoridade.

Pais bíblicos não exercem somente autoridade. Eles exercem a autoridade servil. Os pais são pastores do menor rebanho bíblico. Portanto, a exortação de Paulo a Timóteo se aplica também aos pais. (De fato, pastores aprendem como aplicar este texto à igreja primeiramente aprendendo a aplicá-lo a seus filhos.) “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2Tm 4.1-2).

Pregar a palavra a seus filhos? A pregação presume autoridade. Criar filhos envolve correção, repreensão e exortação “com toda a longanimidade e doutrina”.

A exortação de Paulo a Timóteo presume outras verdades também. Presume um diagnóstico claro do problema do seu filho: o pecado. Presume o temor de Deus, fundamentado em uma clara compreensão das

realidades eternas (ver capítulo 3). Presume a consciência do julgamento que virá. Paulo relembra a Timóteo que leia aquelas palavras na presença de Deus, “que há de julgar vivos e mortos”. Isso significa que devemos disciplinar nossos filhos na consciência da verdade segundo a qual algum dia Deus julgará tanto a nós quanto a nossos filhos. Essa verdade é real para você? Dependendo do quão real isso é para você, você será bem-sucedido, ou não, como disciplinador.

Onde obtemos a perspectiva de Deus sobre autoridade? Nós a obtemos no evangelho. O evangelho nos convence de que a autoridade é importante. O evangelho nos relembra de que Deus entremeou a autoridade no tecido do universo – a Trindade, a derradeira realidade que existe desde antes do início do tempo.

A Trindade é a comunhão original. Tem sido sempre assim e sempre será. Deus criou a humanidade para glorificar a beleza moral dessa Sociedade primordial. Aqui está a questão: *a Trindade possui autoridade autorizada e hierarquia inerentes*. Portanto, se a cultura

cristã, incluindo as famílias, deve imitar a Deus, ela também deve ter hierarquia. As crianças aprendem a usufruir e a se submeter à autoridade servil em suas famílias. O Dr. Bruce Ware nos lembra de que

Vivemos em uma cultura que despreza a autoridade em todos os níveis (...). Achamos difícil pensar sobre autoridade por uma simples razão: somos pecadores que querem estar no controle de nossa própria vida (...). Uma das lições da Trindade é que Deus ama aquilo que desprezamos, a saber, Deus ama, usufrui e abraça os relacionamentos onde há autoridade e submissão em equilíbrio. Deus ama essa estrutura de autoridade e submissão porque Deus incorpora essa própria estrutura nas relações trinitárias das Pessoas.⁷

Vemos a autoridade trinitária trabalhada no evangelho. Embora os membros da Trindade sejam iguais em valor, eles se relacionam uns com os outros em uma hierarquia ordenada e se deleitam em que isso seja assim.

O Pai exerce autoridade servil. Sua autoridade não é egoísta. É a autoridade do servo

derradeiro. O Filho nunca manda no Pai. Em vez disso, ele se submete ao Pai. O Pai ordena ao Filho. O Espírito Santo nunca ordena ao Pai e ao Filho. Em vez disso, ele se submete ao Pai e ao Filho. O Filho e o Espírito não se ressentem da submissão. Em vez disso, ela é a alegria de ambos. Eles amam se submeter. Isso acontece porque a submissão à autoridade de Deus é inerentemente boa, virtuosa e bela. O Pai não se sente superior por exercer autoridade. Ele é um servo. Ele dirige seu Filho com amor infinito. Aqui está a aparência da submissão do Filho:

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz (Fp 2.5-8).

Jesus não se apegou aos seus direitos. Em vez disso, ele “a si mesmo se esvaziou”, tornou-se um servo, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz. Jesus

submeteu-se. Ele obedeceu à autoridade de seu Pai. Submissão à autoridade expressa humildade, e Deus sempre exalta o humilde. Assim, o Pai elevou Jesus à sua mão direita e deu-lhe todo poder e autoridade.

Deus chama a igreja das trevas para essa maravilhosa luz para internalizar em nós e demonstrar através de nós a beleza da autoridade divina. Ele ordena aos pais que exerçam a autoridade servil da mesma maneira que Deus Pai o faz. Ele ordena aos filhos que se submetam alegremente à autoridade de seus pais.⁸ Não é pouca coisa. Em última análise, a vida gira em torno da autoridade. No julgamento final, a maneira como tivermos respondido à autoridade de Deus determinará nosso destino final.

Testemunhei recentemente a seguinte situação: uma mãe pediu à sua filha, estudante do ensino fundamental, que a ajudasse a arrumar a mesa. “Por que tenho de arrumar a mesa?”, perguntou a filha, cheia de ressentimento. “Estou cansada de fazer o seu

trabalho. Arrume a mesa você. Nenhuma das minhas amigas precisa arrumar a mesa. Por que eu devo ser diferente?”

Como o amor deveria responder? Eu pediria à essa mãe que disciplinasse sua filha em amor. Por quê? As consequências eternas e temporais dessa rebelião são profundamente perturbadoras. Um dia, “... ao nome de Jesus se [dobrará] todo joelho (...) e toda língua [confessará] que Jesus Cristo é Senhor” (Fp 2.10-11). Chegará o dia em que sairemos e veremos “... os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim [Deus]; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a carne” (Is 66.24). É impossível acreditar nisso, amar seus filhos e não discipliná-los.

Resumo

Clareza sobre pecado e autoridade são as bases da disciplina parental. Nossa cultura rejeita veementemente a ambos.

Portanto, devemos ser claros em relação ao pecado. Antes de aplicar a solução apropriada, devemos diagnosticar o problema. Tanto nós quanto nossos filhos sofremos por causa de nossa natureza caída. Nosso coração é corrompido no nível mais fundamental. Os problemas comportamentais de nossos filhos têm como origem essa realidade moral e espiritual básica. Mas existe esperança. Disciplina corporal apropriada e compassiva é a solução divina repleta de graça. Quando aplicada com amor e afeição, ela gera frutos maravilhosos.

Também devemos ter clareza em relação à autoridade. Deus coloca pais na vida dos filhos para exercer autoridade amorosa e repleta de graça. Quando os filhos se rebelam, a resposta dos pais deve ser imediata, decisiva, apropriada

à idade, determinada, amorosa, graciosa e repetida até que tenham vencido a batalha. “O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina” (Pv 13.24). “Castiga a teu filho, enquanto há esperança, mas não te excedas a ponto de matá-lo” (Pv 19.18). Tal como Paulo, insisto com você, “perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino” (2Tm 4.1), a exercer a autoridade servil na vida de seus filhos.

Perguntas para estudo

1. Explique, com suas próprias palavras, o que este capítulo está tentando dizer.
2. Leia as seguintes passagens bíblicas: Pv 3.11-12; 13.24; 19.18,25; 20.30; 22.15; 23.13-14; 29.15, 19; Ef 6.4. De que maneira o evangelho descrito nos capítulos 4 e 5 muda a sua visão sobre essas passagens?
3. O que este capítulo quis dizer ao usar o termo pecado do coração? Você é capaz de definir o que significa ser pelagiano? Em que aspectos isso difere da convicção de que nossos filhos nasceram com pecado no coração? De que maneira o pelagianismo afeta a maneira como um pai ou uma mãe enxerga a criação de filhos?
4. Por que o correto entendimento da autoridade é crucial para exercer uma disciplina eficiente? O que o relacionamento entre o Pai e o Filho nos ensina sobre exercer autoridade e submeter-se a ela?

5. Quais passagens das Escrituras nos permitem perceber como Deus se sente em relação à rebelião contra a autoridade constituída? (Dica: leia 1Sm 2.27-35; 2Rs 2.23-25; Pv 30.17.)

¹ SISEMORE, Timothy. *World-Proof Your Kids*. Fearn, UK: Christian Focus, 2007, p. 6.

² R.C. Sproul, “The Pelagian Captivity of the Church”, *Modern Reformation* 10, no. 3 (maio/junho de 2001): 22–29.

³ TRIPP, Paul David. *Age of Opportunity*. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 1997, p. 45.

⁴ Leslie Margolin, “Child Abuse by Mothers’ Boyfriends: Why the Overrepresentation?” *Child Abuse and Neglect* 16 (1992): 541–551. Em um estudo britânico, a incidência de abuso infantil era vinte vezes maior entre crianças que viviam com pais não casados morando na mesma casa e trinta e três vezes maior entre crianças que viviam com sua mãe e o namorado dela em comparação com crianças que viviam com seus pais biológicos casados. Veja *Broken Homes and Battered Children: A Study of the Relationship between Child Abuse and Family Type* (Londres: Family Education Trust, 1993).

⁵ FARRAR, Steve. *King Me*. Chicago: Moody, 2005, p. 36.

⁶ BARNA, George. *Revolutionary Parenting*. Carol Stream, IL: Tyndale, 2007, p. 83.

⁷ WARE, Bruce. *Father, Son, and Holy Spirit*. Wheaton, IL: Crossway, 2005, p. 137.

⁸ Os textos do Novo Testamento que nos exortam sobre a submissão à autoridade são numerosos e extensos. Por quê? Porque esse assunto é muito importante para Deus (Rm 13.1-7; Ef 5.22–6.9; Cl 3.18–4.1; 1Pe 2.13–3.7).

Capítulo 9

A disciplina que prega

Até aqui, dissemos que disciplinadores eficientes entendem claramente as questões sobre pecado e autoridade. Agora, precisamos discutir o alvo dessa autoridade. O capítulo 1 sugeriu que o coração é o alvo. O objetivo não é apenas moralidade. É o novo nascimento. Não obtemos o novo nascimento sendo morais; em vez disso, o novo nascimento produz a moralidade bíblica. Portanto, pais sábios direcionam sua disciplina para o *coração*. Fundamentalmente, os pais cristãos disciplinam atitudes do coração, não comportamentos.

Busque o coração

Para disciplinar de tal maneira, devemos ver o coração de nosso filho da maneira como Deus o vê. Paul David Tripp diz:

Se o meu coração é a fonte do meu problema de pecado, então uma mudança duradoura deve sempre viajar pelo caminho do meu coração. Não é suficiente alterar meu comportamento ou mudar minhas circunstâncias. Cristo transforma as pessoas ao mudar radicalmente o coração delas. Se o coração não mudar, as palavras e o comportamento da pessoa podem mudar temporariamente em razão de uma pressão externa ou de um incentivo [a dor da disciplina]. Mas, quando se remover a pressão ou o incentivo, as mudanças vão desaparecer.¹

Em outras palavras, se a ameaça da dor ou a promessa de recompensa for a única motivação, meu filho terá um bom desempenho apenas na presença da ameaça ou da promessa. Mas o coração capturado por Deus fará cada vez mais o bem, mesmo quando a perspectiva for a dor.

O coração é o centro de nossa personalidade. Falamos o que está em nosso coração: “Porque a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12.34). Grito, mentira, fofoca, rudeza, crítica, reclamação e linguagem desrespeitosa originam-se no coração de nosso filho: “Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem” (Mt 15.18). Desejamos com o nosso coração: “Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (Mt 5.28). Adoramos ídolos com nosso coração (Mt 6.21). De fato, todo pecado procede do coração: “Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias” (Mt 15.19).

Isso significa que a questão não é mudar o comportamento externo. Devemos atacar ao cerne da questão e, como já dissemos, o coração do problema de nosso filho é um problema de coração. Se alcançarmos o coração, o comportamento desejado se seguirá de maneira permanente e volitiva.

Quando tinha cerca de 5 anos de idade, meu

filho Joseph derramou seu leite três vezes em uma única refeição. Eu estava irritado e frustrado; queria discipliná-lo, mas não o fiz. Seu coração estava no lugar certo. Ele estava tentando nos agradar. Ele derramava o leite por ser imaturo e um pouco desajeitado.

Mais tarde, naquela mesma noite, porém, pedi a ele que se arrumasse para dormir. Ele choramingou, escondeu-se e ficou se arrastando pela casa. Ali estava uma questão do coração. Seu comportamento dizia: “Estou bravo por ter de ir para a cama. Mereço coisa melhor”. Desta vez, bati nele e o segurei até que ele parasse de chorar. Depois que ele pediu a Deus que o perdoasse, fui atrás do coração dele.

“Joseph, o que você realmente merece? Você merece ficar acordado até mais tarde?”, perguntei. Ele olhou para baixo, envergonhado, e não respondeu. “O evangelho nos lembra de que todos nós merecemos a crucificação. Isso inclui mamãe, papai e você. Aqui está a verdade maravilhosa: uma vez que Deus ama você, você não será crucificado. Jesus foi crucificado no seu lugar. Em vez disso, nesta noite você

recebeu um jantar quente e nutritivo e agora você vai dormir em uma cama limpa e confortável. Acima de tudo isso, Deus lhe deu pais que o amam. Você concorda que o que Deus lhe deu é muito melhor do que aquilo que você merece? Você não é grato por isso?”

Discutimos esse assunto por algum tempo. Quando o coloquei para dormir, ele estava feliz, satisfeito e muito agradecido pela bondade de Deus, que lhe fora expressa pelo evangelho.

Aqui está o ponto a destacar: direcione sua disciplina ao coração de seu filho. Usei esse exemplo de disciplina para relembrar o evangelho a Joseph. A Bíblia diz que fomos “regenerados (...) mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1Pe 1.23). O evangelho é a Palavra de Deus. Ele é vivo e permanente. Ele tem grande poder para mudar seu filho. Quando o faz, o que se segue é o comportamento piedoso.

Se eu tivesse simplesmente dado uma palmada em Joseph e saído da sala, poderia ter adiado reclamações futuras por meio do medo, mas não teria influenciado seu coração. O

evangelho impactou seu coração e levou-o a uma mudança. Por fim, o comportamento desejado se seguiu. Hoje em dia, Joseph é um adulto cristão agradecido e bem ajustado.

Essa abordagem é ainda mais importante nos anos da adolescência. (Leia o livro *The Age of Opportunity*, de Paul David Tripp, nele se encontra excelente instrução sobre como cuidar de filhos adolescentes.)

Usar a disciplina para ensinar o evangelho

Vimos que a cruz nos fala sobre o pecado do coração. Ela nos motiva a nos tornar figuras de autoridade e nos ensina a olhar para o coração de nossos filhos. Também nos motiva a transformar cada evento de disciplina numa ocasião de ensinar, de explicar novamente e de reforçar o evangelho. Pais centrados no evangelho usam a disciplina para ajudar seus filhos a ver o pecado através dos olhos de Deus, a perceber que o pecado do coração é o verdadeiro problema, que o pecado tem consequências, que Deus nos perdoa com base na cruz de seu Filho, não em nosso desempenho, e que Deus nos disciplina *porque* nos ama.²

Darei uma sugestão para fazer isso. Ela não está explicitamente apresentada nas Escrituras, mas os princípios podem ser encontrados na Bíblia, portanto, seja cuidadoso para não transformá-los em legalismo.

Vamos supor que você peça à sua filha de 6 anos de idade que venha jantar. Ela está assistindo seu desenho preferido na televisão. Quando você pede pela segunda vez, ela diz “não”. Como você deveria responder? Você deveria se alegrar. Essa é uma ótima oportunidade para que ela compreenda o evangelho.

O primeiro passo é o mais difícil. É a coerência, a firmeza. Pat Fabrizio nos lembra de que você está treinando seu filho toda vez que ele se rebelar e você o ignorar. Se ele se jogar no chão e você disser “Se você não parar em três minutos, vou castigar você”, você o está ensinando que não há problema em ter um ataque de choro de três minutos. Ao dizer “Vou contar até cinco, se você não responder, vou castigá-lo”, você está treinando seu filho a desobedecer até contar cinco.

Estamos sempre treinando. Não existe neutralidade. Quando seu filho sabe que a linguagem desrespeitosa é contra as regras e você diz “Se você fizer isso de novo, vou lhe

dar uma palmada”, você o está ensinando que as regras não são importantes. Ele pode sair livre do primeiro ato de rebelião. Você também está dizendo a ele que a rebelião contra a autoridade não é algo tão importante.³ É muito melhor parar e dar uma palmada sem nenhuma outra ordem. Quando seu filho souber quais são as regras e que as quebrou, não é necessário dizer mais nada.

Deus espera que obedeçamos tão logo recebamos a ordem. Essa é a maneira como expressamos amor por ele. “Se me amais”, disse Jesus, “guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15). É nossa tarefa treinar nossos filhos para expressarem amor a Deus por meio da obediência. É por isso que é um grande desserviço ensinar seu filho a obedecer na terceira ou na quarta exigência. Treine seus filhos a responder na primeira ordem.

Segundo, sempre coloque sua disciplina no contexto do amor. Diga algo mais ou menos assim: “A Bíblia nos diz que Deus nos disciplina porque ele nos ama. É por isso que

disciplino você. Eu amo você. Sua linguagem desrespeitosa, a maneira como você ignorou a autoridade da sua mãe, se não for tratada, vai causar grande dor a você. O mais importante é que, se eu não disciplinar você, Deus o fará. Porque temo a Deus, e porque amo você, vou lhe dar umas palmadas”.

Terceiro, quando for apropriado, faça referência às Escrituras. Nesse caso, você poderia ler Tiago 3.8-9: “a língua (...) é mal incontido, carregado de veneno mortífero. Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus”. Reserve um momento para mostrar a seu filho como a Bíblia fala sobre o pecado dele. Relembre-o de que o problema é seu coração. A linguagem rebelde revela um coração rebelde. A linguagem não mudará até que o coração mude. Isso convence a criança de que você está debaixo da autoridade de Deus, que você é responsável por uma lei maior e que ela também deveria estar.

Quarto, certifique-se de que a disciplina doa. É preciso domar a vontade própria da criança.

Quando isso ocorre, a criança não mais ficará irada com você, terá assumido a responsabilidade por seus atos, terá confessado sinceramente seu erro e se arrependerá. Fazer doer é difícil para muitos pais, mas filhos precisam ser controlados. Se um pai não controlar com palmadas, a única alternativa possível é o abuso verbal, a manipulação pela culpa ou acusação. Isso é infinitamente mais danoso para uma criança do que uma palmada amorosa e cuidadosa que doa.

Isso deve ser suficiente para alcançar o temor e o respeito da criança. Lembro-me de uma ocasião na qual minha mãe bateu em mim. Não machucou. Eu tinha cerca de 12 anos. Mas fingi que havia doído para que ela não me machucasse de fato. Isso não é o ideal. Em vez disso, melhor é disciplinar com a determinação de John Wesley (1703–1791), que escreveu: “Custe a dor que custar, vença a teimosia deles; dobre a vontade deles, *se não deseja condená-los*. Conjuro você a não negligenciar, a não retardar isso!”.⁴

Quinto, segure a criança até que ela pare de chorar. Isso comunica amor e afeição. Faz uma ligação entre a dor da disciplina e a afeição física. Isso será muito importante quando, mais tarde na vida, Deus assumir a sua disciplina na vida de seu filho.

Sexto, como já sugeri, use a disciplina para treinar no evangelho. Seus filhos não conseguem ouvi-lo com muita frequência. Você não quer que eles estejam entre os 70% que frequentam os grupos cristãos, mencionados no capítulo 1, que abandonam a fé quando chegam aos vinte e poucos anos. Seus filhos são orgulhosos. Eles serão tentados a rejeitar o evangelho. Eles desejarão ser suficientemente bons. Eles não vão querer admitir que Deus é santo ou que eles são pecadores e estão em dificuldade.

Sétimo, peça a eles para confessar verbalmente o pecado pelo qual eles estão sendo disciplinados. “Você está pronto para pedir a Deus que o perdoe pelo pecado da rebeldia?” Se a criança responder “não”, então sua disciplina

não foi bem-sucedida. Talvez você precise começar novamente.

Se o seu tesouro responder “sim”, faça com que ele peça perdão a Deus. Por fim, lembre a criança da graça fornecida pelo evangelho. “Deus é santo. Por esse único pecado você poderia ter ido para o inferno. Mas Deus ama você. Ele também é infinitamente gracioso. Ele não nos dá aquilo que nossos pecados merecem. O Filho dele foi punido na cruz em seu lugar. Porque você crê, Deus agora vê você revestido do respeito de Jesus pela autoridade. Ele perdoa e aceita você com base apenas na fé”.

Esses momentos de ensino causam grande impacto nos filhos. Lembro-me de explicar para minha filha Anne, então com 8 anos, como Jesus nos substituiu na cruz. No dia seguinte, o irmão dela teve um problema. Anne veio a mim e disse: “Quero ser como Jesus. Posso receber a punição de David no lugar dele?”.

Expliquei que as coisas não funcionavam daquela maneira, mas fiquei animado por ver que ela havia entendido corretamente e internalizado o coração do evangelho.

Finalmente, faça com que seu filho realize a restituição. Se a criança prejudicou alguém, ela precisa acertar as contas. Quando descobri que meu filho David, então na terceira série, havia roubado um chocolate em uma loja, passamos por todos os passos supramencionados. Na manhã seguinte levei-o à loja. David colocou um dólar no balcão e, em lágrimas, confessou: “Eu roubei uma barra de chocolate, senhor Jones, e aqui está o dinheiro para pagar por isso”.

O dono pegou o dinheiro, olhou para David e também começou a chorar. Então olhou para mim como se fosse dizer “Como você pôde fazer isso com seu filho?”. Para dizer o mínimo, senti-me estranho. Mas fiz isso com David porque o amava. David saiu dali com uma clara compreensão da justiça e do perdão de Deus e também do preço do pecado.

Em resumo, Deus Pai é nosso modelo. Como ele cria filhos? Primeiro, ele nos cria de maneira sacrificial. Ele enviou seu Filho para morrer de modo que pudesse adotar milhões de filhos em sua família. A cruz é a medida de todo amor

parental. Ela ainda precisa atingir você, se o seu desejo for imitar Deus Pai.

Segundo, Deus nos cria de maneira intencional. Seu objetivo final é nossa santidade. Filhos santos são filhos felizes. As Escrituras dizem que Deus “... nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade” (Hb 12.10). Você também deveria criar os filhos com uma ideia clara de qual deve ser a aparência do produto final.

Terceiro, ele nos disciplina – de maneira dolorosa, se necessário. Ele faz doer. “Toda disciplina [de Deus], com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça” (Hb 12.11). Deus faz isso porque nos ama. Ele tem em vista nossa felicidade temporal e eterna. Esse mesmo motivo deveria ser o combustível de nossas tentativas de disciplinar nossos filhos.

O temor de Deus

O capítulo 3 defendeu a ideia de que Deus abençoa os pais que o temem. O temor de Deus é crucial. Ele nos conecta à derradeira realidade. O temor de Deus nos torna dispostos a disciplinar. O temor de Deus nos motiva a persistir na disciplina.

O temor de Deus nos lembra de que falhas ao disciplinar tem consequências. Se não disciplinarmos nossos filhos, Deus o fará. Ou usamos a vara em nossos filhos, como Deus ordena, ou algum dia Deus poderá usar as misérias de nossos filhos (divórcio, falência, incapacidade de se manter num emprego), como uma vara para disciplinar a eles *e até mesmo a nós* por termos falhado em levar Deus a sério. Ele prefere que disciplinemos nossos filhos. Quando chegar o momento em que for necessário que Deus faça o nosso trabalho, o dia das pequenas dores será passado. A disciplina de Deus pode fazer com que as surras mais dolorosas sejam, em termos comparativos, um

carinho. Eli não disciplinou seus filhos. Isso custou a vida dele, de seus filhos e a perda do sacerdócio (veja 1Sm 2). Os pais que temem a Deus acreditam que Deus se importa com a maneira como criamos nossos filhos, e isso os motiva.

Sandy é uma jovem mãe que teme a Deus. Ela pediu à sua filha pequena que viesse até ela. A criança olhou para ela, deu-lhe as costas e seguiu andando na direção oposta. Sandy sabia que sua filha havia entendido, de modo que pegou-a no colo, bateu nela e a segurou até que parasse de chorar. Depois, colocou-a de volta no meio da sala, afastou-se e tentou de novo. Então disse: “Cathy, por favor, venha aqui”. Dessa vez, a filha obedeceu-a. “Isso foi impressionante”, respondi e em seguida perguntei, “o que a motivou a fazer isso?”. “O temor de Deus”, ela começou, “olhei para a cruz e vi o veredicto de Deus sobre a rebelião de minha filha. Para a maioria, esse pecado é uma coisa pequena, mas sei que Deus não o vê dessa forma. A vontade da minha filha provocou a crucificação de Cristo. Lembrei o preço que

Jesus pagou e então pensei o preço que minha filha preciosa pagaria se eu não lhe ensinasse a humildade que produz obediência, por isso, bati nela”.

Esse é um exemplo de como o temor de Deus causa impacto na criação de filhos. Paulo nos lembra de que a santidade é aperfeiçoada no temor de Deus (2Co 7.1). Tememos a Deus de acordo com nosso entendimento da cruz. E assim, levamos a sério a ideia de criar os filhos do jeito de Deus.

O temor de Deus tem um segundo benefício. Ele ajuda os pais a superar o medo de seus filhos. Tim, um amigo de longa data, confessou que não disciplinou seu filho de 3 anos por medo. Ele temia que seu filho o rejeitasse, que se ressentisse dele ou que lhe respondesse com uma ira incontrollável.

O temor de Deus mune os pais a superar o medo que eles têm de seus filhos. Eles podem desapontar seus filhos, mas não ousam desapontar a Deus. Por quê? Eles acreditam que Deus é soberano sobre o coração de seus filhos. Deus segura todos os cordões. Ele está no

controle. Aqueles que *realmente* acreditam nisso estão livres para agradar a Deus em vez de temer o próprio filho. Os pais que carecem dessa confiança costumam ser escravos da aprovação de seus filhos. Os pais que temem a Deus têm apenas um observador: Deus. Se o agradarem, eles terão confiança de que ele produzirá os resultados que buscam em seus filhos.

Resumo

Neste capítulo e no anterior, vimos que nossa convicção sobre o pecado molda a maneira como encaramos a criação dos nossos filhos. O evangelho descrito nos capítulos 4 e 5 causa impacto e molda nossa visão do pecado. O evangelho nos convence de que nossos filhos são pecadores.

O evangelho fala conosco sobre autoridade. Deus exerce autoridade servil e ordena que nos submetamos a ela com alegria. Ele odeia rebelião. Ele entreteceu sua autoridade na própria natureza da realidade. A Trindade, o arquétipo da comunhão, é hierárquica e repleta de autoridade. O evangelho expressa essa realidade. A maneira como criamos nossos filhos também deveria ser assim.

O evangelho nos convence de que o coração do problema de nossos filhos é um problema de coração. Portanto, devemos mirar nossa disciplina nas atitudes do coração, não no comportamento deles.

Vimos que cada ação de disciplina é uma oportunidade de enfatizar novamente e de ensinar o evangelho. Sugerimos sete passos de disciplina que reforçarão constantemente o evangelho.

Finalmente, vimos como tudo isso culmina no temor de Deus. Um pai que teme a Deus disciplinará seus filhos. O evangelho nos ensina o temor de Deus.

Lemos em Efésios 6.4: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”. Discutimos a “disciplina do Senhor”. O assunto do próximo capítulo é a “admoestação do Senhor”.

Perguntas para estudo

1. Se alguém lhe perguntasse como os pais podem disciplinar tendo em mente o coração de seus filhos, como você responderia? Qual é a diferença entre disciplinar a ação e disciplinar o coração?
2. Descreva os passos sugeridos neste capítulo para transformar o exercício da disciplina em oportunidade de ensinar o evangelho a seu filho. Na prática, no mundo real, o que o impede de fazer isso?
3. Os pais devem ter em mente o temor de Deus na hora de disciplinar seus filhos? Explique com suas palavras.

¹ TRIPP, Paul David. *Instruments in the Redeemer's Hands*. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2002, p. 62.

² Está se tornando cada vez mais difícil disciplinar nossos filhos, mais ainda fazer disso um momento de ensino. Até mesmo na igreja, a punição corporal está sob ataque. Uma mulher cristã de Massachusetts, perturbada com o uso de varas de náilon flexíveis para a disciplina, lançou um *site* na internet chamado “Criando filhos nas pegadas de Jesus”. Ela defende que Jesus jamais bateria numa criança. Seu *site* demonstra ou ignorância bíblica, ou rebelião contra Deus –, ou ambas. Não é possível criar filhos seguindo as pegadas de Jesus a não ser que se use a punição corporal. Jesus é a Palavra de Deus. Isso significa que toda palavra na Bíblia é ele. Aqui está o que Jesus ordena: “Os vergões das feridas purificam do mal, e os açoites, o mais íntimo do corpo” (Pv 20.30). Será necessário ter cada vez mais fé e determinação para persistir na punição física. Há indícios de que isso logo será ilegal. Já é ilegal na Europa e o Canadá está se tornando cada vez mais hostil à punição corporal.

³ FABRIZIO, Pat. *Under Loving Command*. Cupertino, CA: DIME Publishers, 1969. Esse livreto teve um enorme impacto sobre mim e Judy quando nossos filhos eram pequenos. Se for lido com uma atitude de graça, é altamente recomendado!

⁴ *The Works of John Wesley*, vol. 7, sermão n. 95. Albany, OR: Ages Software, 1997.

Capítulo 10

Alimento para o faminto

Lemos em Efésios 6.4: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”. Os capítulos 8 e 9 discutiram a “disciplina do Senhor”. Este capítulo aborda a segunda metade dessa advertência, a “admoestação do Senhor”.

Um dos ditos mais populares é “Você é o que você come”. Minhas filhas adultas são mães conscientes. Elas fazem questão de comprar comida orgânica para seus filhos. Se os filhos vão se tornar aquilo que comem, elas pelo menos querem que eles sejam “orgânicos”, não sintéticos.

Mas se você for como eu, o dito se mostrou verdadeiro. Você começou a ter a aparência da sua comida favorita: batata frita, salgadinhos e *ketchup*. Um amigo meu adotou a prática de comer diariamente um dos quatro grupos alimentares básicos: sal, açúcar, gordura e cafeína. Eu tenho seguido o exemplo dele.

O mesmo acontece no reino espiritual. Nós nos tornamos aquilo que comemos. Jesus disse: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6.35). Proteína, carboidratos e vegetais sustentam a vida física. Se formos afortunados, viveremos de 60 a 80 anos. Mas a comida que sustenta nossos filhos para a *eternidade* é infinitamente mais importante, e a criação de filhos cristã tem tudo a ver com essa comida.

Por essa razão, Deus leva muito a sério a responsabilidade de alimentar nossos filhos. Paulo escreve: “Se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e *é pior do que o descrente*” (1Tm 5.8). Nessa passagem, a preocupação de Paulo é a comida material. O pai preguiçoso, aquele que não trabalha para ganhar o pão para seus filhos, é “pior do que o descrente”. Linguagem forte! Esse homem falhou em uma responsabilidade crucial, e suas ações negam a fé que ele professa.

Se Paulo é capaz de escrever de maneira tão dura sobre o fracasso em prover alimento material, que nutre nosso corpo por apenas

alguns poucos anos, o que ele diria ao pai que deixa de colocar o Pão da Vida diante de seus filhos? O evangelho é o Pão da Vida. O fracasso do pai em fornecer alimento material será fatal para seus filhos, mas, se esse pai alimentou seus filhos com o Pão da Vida, ainda que eles morram fisicamente, eles ainda assim viverão para sempre. O fracasso em alimentar nossos filhos com o Pão da Vida tem consequências eternas e catastróficas. É um fracasso infinitamente mais sério do que não prover as necessidades materiais.

Seus filhos se tornarão aquilo que comerem, tanto física quanto espiritualmente. Por isso é muito importante que os pais coloquem o Pão da Vida diante de seus filhos. Com que você está alimentando seus filhos?

Quatro crenças ou atitudes estão atrapalhando nossa disposição de alimentar nossos filhos. Primeira, achamos que podemos delegar o trabalho a outros em vez de nós mesmos o fazermos. Segunda, carecemos de confiança na força do Pão da Vida: o evangelho. Terceira, não temos confiança de que possamos aplicar o

evangelho a nossos filhos. Quarta, não nos sentimos competentes para ensinar nossos filhos. O propósito deste capítulo é ajudá-lo a ultrapassar essas ideias falsas.

Quem é o professor?

Os pais cristãos discutem onde devem educar seus filhos: escola pública, escola particular ou, quando possível, o ensino em casa. De que maneira a Bíblia aborda essa questão? Ela guarda silêncio sobre qual escola a criança deve frequentar, mas não é silenciosa sobre quem deve educar. “Vós, *pais*, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na *admoestação* do Senhor” (Ef 6.4). Voddie Baucham destaca que “Deus planejou a sua família – não o grupo de jovens, não o ministério infantil, não a escola cristã, mas a sua família – como o principal agente disciplinador na vida de seus filhos”.¹

A maioria dos pais não entende o poder que Deus lhes deu sobre o coração de seus filhos. George Barna pesquisou mais de mil casais que haviam criado filhos que, quando chegaram à fase adulta, tinham uma fé robusta e eram comprometidos com as igrejas locais. Qual era o segredo deles? Embora Barna tenha destacado

que menos de 10% das famílias liam a Bíblia *em conjunto* pelo menos uma vez por semana, os pais bem-sucedidos haviam conduzido rotineiramente momentos devocionais na família, discutido como aplicar a Bíblia a problemas da vida e tinham momentos de adoração e estudo bíblico. O estudo bíblico foi o ponto fundamental de seu sucesso!²

Não estou sugerindo que devemos ser como a família da série de TV *Os pioneiros* (*Little House on the Prairie*). Nem queremos que os homens abandonem o emprego para serem professores de seus filhos em casa. Nossas expectativas sobre quem deve ser o principal professor vêm da Bíblia. Aos homens, Moisés ordena:

Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas (Dt 6.6-9).³

Perceba a prioridade. Primeiro, os mandamentos de Deus estarão no coração *do pai*. Conhecer o evangelho, contudo, não é suficiente. Ele precisa ter convicção em relação a ele. Quando o pai deve ensinar seus filhos? “Falarás assentado em tua casa [formalmente], e andando pelo caminho [informalmente]”.

Já ouvi muitos pais dizerem “Eu ensino, mas meu ensino é informal. Ensino quando estamos pescando. Ensino quando estamos no carro ou no jogo de futebol”. O ensinamento bíblico deve ser informal, mas não devemos usá-lo como desculpa para ignorar o ensino formal. Alguns temem o ensino formal e estruturado. “Se eu fizer com que meus filhos se sentem para receber instrução formal e rígida, eles vão rejeitar a fé.”

Nós não aprendemos aritmética de maneira informal. Não aprendemos português ou química de maneira informal. Por quê? Porque não funciona. Não, comparecemos rigorosamente às aulas e, depois, chegamos em casa e estudamos. A Bíblia é muito mais importante do que química. A eternidade está

em jogo. Na morte o conhecimento científico terminará, “... mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente” (Is 40.8).

Os filhos não rejeitam nossa fé por causa de um ensino bíblico *formal*. Eles a rejeitam porque não a praticamos. Eles a rejeitam porque a praticamos mas não lhe damos valor suficiente a ponto de ensiná-la a eles. Ou a rejeitam porque nunca recebem o novo nascimento. Conhecimento em demasia não é o problema. Normalmente o problema é a falta de conhecimento.

A mente de nossos filhos é como um jardim espiritual, destaca William Gurnall (1617–1679), um dos grandes pregadores puritanos do século 17:

Esta é a diferença entre religião e ateísmo: a religião não cresce sem plantação, mas ainda assim morrerá se, ainda que plantada, não for regada. O ateísmo, a irreligião e a profanação são ervas daninhas que crescerão sem que seja necessário cuidar delas, mas não morrerão sem que sejam arrancadas.

Gurnall está certo. Nenhum jardim é um vácuo. Alguma coisa cresce. Terrenos não cuidados – mentes não ensinadas – gerarão ervas daninhas. Mas queremos frutos, não mato, e o fruto só cresce por meio persistência na plantação, na limpeza e na fertilização. Se não quiser ervas daninhas, então você deve ensinar seus filhos regularmente e de maneira intencional.

Talvez você esteja pensando: “É por isso que envio meus filhos para escolas cristãs. A escola ensinará a Bíblia aos meus filhos”. As escolas cristãs podem ajudar, mas elas não podem substituir papai (ou quem for o único adulto numa casa de pais solteiros). Elas podem ajudar muito um pai que já esteja ensinando seus filhos, mas elas raramente o substituirão. Embora muitos pais pensem que os colegas tenham maior influência sobre seus filhos adolescentes, a pesquisa social indica o contrário. “Um estudo amplo, realizado com 272.400 adolescentes e conduzido pela *USA Today Weekend Magazine*, descobriu que 70%

dos adolescentes identificaram seus pais como a influência mais importante de sua vida”.⁴

Um amigo falou recentemente a um grupo de estudantes em uma escola cristã de ensino médio. Ele saiu de lá desanimado. Apesar do corpo docente de primeira linha, dedicado a ensinar com base em uma cosmovisão cristã, ele não conseguiu ver muita diferença espiritual entre aqueles jovens e os que frequentavam a escola pública das proximidades. Por quê? Na maioria dos casos, os pais haviam delegado à escola fazer o trabalho que Deus ordena que eles façam, e Deus não estava abençoando a decisão deles.

Homens, eu e você somos os jardineiros. Não podemos ser substituídos. Não podemos contratar uma escola ou uma igreja para nos substituir. Podemos, e provavelmente devemos, contratar uma escola para *nos ajudar*. A mente de nossos filhos é como um jardim. Se quisermos uma fé forte, nutrida por uma cosmovisão bíblica, devemos suar e trabalhar nesse jardim. Arranquemos as ervas daninhas

com a disciplina, plantemos a semente da Palavra de Deus e fertilizemos com exemplos.

“Se você se negar a instruí-los [os filhos] no caminho da santidade”, conclui John Flavel (1627–1691), “será que o diabo vai se negar a instruí-los no caminho da impiedade? Não. Se você não ensiná-los a orar, eles aprenderão a praguejar, xingar e mentir; se o terreno não for cuidado, o mato se espalhará”.⁵

Escolas dominicais e grupos de jovens também não podem substituir os homens. No primeiro capítulo, notamos que 88% dos adolescentes em igrejas evangélicas vão se afastar do cristianismo. Cerca de 70% dos que participam de grupos de jovens na igreja (classe de adolescentes na escola dominical) farão o mesmo. A desistência dos pais não está funcionando. Deus não a está abençoando. Em seu livro *Rethink* (Repense), Steve Wright fornece uma avalanche de dados para apoiar essa posição. Por exemplo: “88% das crianças criadas em lares cristãos não continuam a seguir ao Senhor depois de se formarem no ensino

médio”.⁶ Wright prossegue e explica a razão disso. Os pais abriram mão de seu papel de principais educadores. As escolas dominicais e os grupos de jovens não conseguem compensar essa falta.

A Bíblia é clara ao dizer que os homens são os principais mestres espirituais para seus filhos. O capítulo 4 descreveu a santidade de Deus. O capítulo 5 explorou sua graça. Elas estão no cerne do evangelho. O temor de Deus, ensinado por seu evangelho, desperta nossa responsabilidade. O céu e o inferno estão em jogo. O temor de Deus também é a fonte de sabedoria e do conhecimento que ensinamos: “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria” (Pv 9.10); “O temor do SENHOR é o princípio do saber” (Pv1.7). Seus filhos precisam dessas virtudes, e elas são encontradas nas palavras de pais que temem a Deus. Em última análise, os pais obtêm essas virtudes na cruz. A cruz revela a razão de temer a Deus. Em seguida, a cruz nos mostra a encarnação da sabedoria de Deus: Cristo, “... em quem todos os tesouros da

sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (Cl 2.3).

Onde está a sua confiança?

A segunda razão pela qual não ensinamos nossos filhos é que não temos muita confiança na mensagem – o evangelho. Quanto mais confiança os pais tiverem na mensagem, com mais persistência eles ensinarão. Todo mundo se apoia em alguém ou em alguma coisa. É a nossa vanglória. É a nossa confiança quando as coisas ficam difíceis. Alguns pais confiam em determinada escola. Outros confiam na habilidade do líder de jovens. Alguns pais confiam na moralidade. Colocam seus filhos na frente de um vídeo cristão sadio e acreditam que surgirão cristãos a partir dali. Para a maioria de nós é mais básico: confiamos em nós mesmos – nossa sinceridade, nossa sabedoria, a maneira como nossos pais nos criaram, nossas tradições familiares ou nossa astúcia.

Pais centrados no evangelho, porém, confiam no evangelho. Ele é sua confiança, sua esperança. O evangelho “... é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”

(Rm1.16). Eles sabem que a Palavra de Deus é viva e ativa. Ela é penetrante (Hb 4.12). Ela provoca o novo nascimento: “fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1Pe 1.23). O evangelho é a dinamite de Deus.

Isso é importante. Você não pode mudar o coração de seu filho. Você precisa de poder externo a si mesmo. No segundo capítulo, destacamos que o novo nascimento é um transplante de coração espiritual. Quando ele acontece, a guerra termina. O restante de sua labuta na criação de filhos é simplesmente cuidar da manutenção. O capítulo 6 explorou o poder de nosso exemplo; o capítulo 7, a influência do homem sobre o coração de seus filhos; e os capítulos 8 e 9, como usar a disciplina para influenciar o coração de nossos filhos. Agora estamos no ponto essencial da questão. O evangelho é o mais importante elemento transformador do coração. Muitos dos que estão lendo estas palavras não cresceram em famílias cristãs e é possível que, ainda que

tenham crescido, seus pais não aplicaram princípios bíblicos. Ainda assim, eles ouviram o evangelho, o poder de Deus gerou um impacto sobre eles e eles responderam. O mesmo acontece com nossos filhos.

A conversão é um evento sobrenatural. Na conversão, as pessoas alegremente abraçam uma mensagem repugnante ao orgulho humano. A Bíblia nos diz que o evangelho é loucura para a sabedoria humana (1Co 1.18). É ofensivo para a dignidade humana (Gl 5.11). É uma pedra de tropeço para o que confia em si mesmo (Rm 9.32). A mensagem da cruz é a causa da maior parte das perseguições (Gl 6.12). Do mesmo modo, cada filho entra no mundo em guerra contra o evangelho. Os pais enfrentam uma grande tentação de suavizar a mensagem de modo que seus filhos venham a aceitá-la. Mas não há modo de suavizar essa mensagem sem que ela perca seu poder. Não há maneira de torná-la palatável. O poder está em sua ofensa.

Uma vez que isso é verdadeiro, os pais pregam repetitivamente essa mensagem porque sua confiança está em Deus e no poder de sua

Palavra. Eles sabem que Deus prometeu abençoar o evangelho. Eles sabem que, a não ser que Deus abra de modo sobrenatural o coração de seus filhos a essa mensagem, estes permanecerão nas trevas. Eles acreditam de todo o coração que Deus amaciará o coração de seus filhos por meio desse evangelho. Em outras palavras, os pais vão a seus filhos com a mesma dependência no evangelho com a qual o apóstolo Paulo chegou a Corinto.

Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus (1Co 2.1-5).

A confiança nessas verdades cria pais centrados no evangelho. Eles ensinam seus

filhos, mas todo seu ensinamento se reduz ao evangelho. Por quê? Porque o evangelho é o poder de Deus, e eles precisam desse poder para alcançar seus filhos.

Os pais não estão no controle do processo. Somente Deus está no controle de ser conhecido. Os trinta e três centímetros que separam a cabeça do coração de seu filho é a mais longa distância do mundo. É por isso que John Piper escreve que Deus “não é como a tabuada ou a tabela periódica de elementos; somente ele é conhecível como o único no controle de ser conhecido”.⁷

Os pais que confiam no poder do evangelho o ensinam a seus filhos. Eles fazem uma conexão entre ele e a conversa à mesa do jantar. Eles o ensinam por meio da disciplina que aplicam. Eles frequentam igrejas que pregam o evangelho claramente e de maneira decisiva. Eles centralizam os momentos devocionais familiares nele. Em outras palavras, eles ensinam constantemente os temas dos capítulos 4 e 5 deste livro, a santidade e a graça de Deus.

Eles relacionam tudo na vida aos aspectos da vida de Cristo, sua encarnação, vida, morte, ressurreição e ascensão. Eles leem e ensinam toda a Bíblia a seus filhos, mas eles sempre relacionam suas partes ao seu ponto central, ao evangelho.

Finalmente, eles nunca presumem que seus filhos entendem o evangelho. Destacamos no capítulo 1 que os pais fazem isso por sua própria conta e risco. Um jovem começou a frequentar nossa igreja. Ele vinha de um lar cristão. Frequentou uma igreja evangélica todos os domingos por 20 anos. Contudo, numa entrevista para tornar-se membro da igreja, quando lhe pedimos para expressar o que era o evangelho, ele disse: “São os dez mandamentos”.

Quando disse isso a seus pais, eles ficaram surpresos. Eles achavam que seu filho entendia o evangelho. Mas a condição padrão de nossa carne é “conquiste”. Entramos no mundo apaixonados pelo legalismo. Estamos convencidos de que podemos merecer o favor de Deus. Amamos o moralismo, mas resistimos

ao evangelho. Os pais que entendem isso nunca param de pregar o evangelho a si próprios e a seus filhos.

Aplique o evangelho

Ensinar o evangelho a nossos filhos não é suficiente. Devemos também ajudar nossos filhos a aplicá-lo. Em outras palavras, a ética de nossos filhos precisa fluir a partir do evangelho. O ensinamento moral do evangelho tem um alcance abrangente. Ele nos mostra como viver a lei do amor que Jesus disse que resumia “a Lei e os Profetas” (Mt 22.37-40). O evangelho nos mostra como superar a amargura, crescer em amor e vencer o egoísmo. Inicialmente, o evangelho gira em torno de nosso pecado e da misericórdia de Deus. Depois, ele se torna uma enciclopédia que responde a maioria das questões éticas.

Sempre que seus filhos brigarem, aplique o evangelho ao comportamento deles. O evangelho é o argumento. Você pode dizer: “Jesus entregou sua vida por você. Muito embora a única coisa que você merecia fosse julgamento e condenação, ele foi torturado até a morte em seu lugar. Uma vez que Jesus fez isso

por você, você deve servir a seus irmãos e a suas irmãs”.

Quando sua adolescente pegar a saia nova da irmã sem pedir e a estragar, você precisará mediar a situação com o evangelho. É o argumento para o perdão. “Você era inimiga de Jesus quando ele morreu para perdoar o seu pecado. Em comparação, o pecado de sua irmã contra você é banal. Se Deus perdoou você, certamente ele perdoará sua irmã.”

Quando seu filho que está na sétima série não estiver disposto a falar de Jesus a seus amigos não cristãos, relembre a ele como Jesus desceu dos reinos eternos de glória, entrou em nosso mundo e morreu por nós. Do mesmo modo, ele precisa deixar a zona de conforto em que está em favor dos não cristãos que moram na vizinhança.

Quando seus filhos trouxerem um boletim com notas baixas, não transforme a questão toda na necessidade de conseguir nota 10 em todas as disciplinas. Busque o coração de seu filho. Lembre-o de que os cristãos fazem tudo para a glória de Deus (1Co 10.31). Isso inclui ter boas

notas. Por quê? Jesus morreu na cruz para a glória de Deus. Por essa razão, você deve ser um excelente aluno na escola.

Quando o seu atleta for mandado para o time reserva e quiser desistir, lembre-o de que os cristãos buscam o sucesso do time em detrimento do individualismo. Por quê? Foi isso o que Jesus fez. Ele procurou o lugar mais baixo para que pudesse nos erguer ao lugar mais elevado. Ele morreu para que pudéssemos viver. Ele deixou-se humilhar para que pudéssemos ser exaltados. Seu atleta precisa morrer pelo sucesso do time ainda que isso signifique ter de esquentar o banco.

O evangelho – a encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus – é o nosso tutorial. O evangelho nos ensina tudo de que precisamos saber sobre Deus, pessoas, ética, casamento, humildade, submissão à autoridade, excelência, ambição, céu, inferno, esperança, verdade, amor e muito mais. As aplicações são quase infinitas. Sou cristão há muitos anos e, a cada semana, encontro novas aplicações para o evangelho.

Sugestões de ensino

A última razão pela qual nos esquivamos de nossas responsabilidades no ensino é a falta de confiança em nossa habilidade. Muitos de vocês são como eu. Você não é um educador treinado. Você não é bom em ensinar. Você não sabe como ensinar. Na prática, portanto, como podemos instruir nossos filhos? Aqui está a boa notícia. Podemos não ter todo o treinamento de um educador profissional, mas ainda assim podemos ser extremamente eficientes com os nossos filhos. Como isso se dará na prática vai depender da idade dos seus filhos.

Com crianças com menos de 5 anos de idade você aplicará pouco ensinamento *formal*. Naturalmente, cada criança é diferente. Uma criança excepcionalmente brilhante pode responder ao ensinamento formal bem cedo, mas essa situação é incomum. Durante a primeira infância, pais preparados controlam seu filho com disciplina e afeto. O autocontrole é um pré-requisito para desenvolver a

habilidade de aprendizado da criança. Durante esse período, os pais leem livros bíblicos com imagens para seu filho. À medida que a criança amadurece, os pais podem controlar menos e ensinar mais.

Em outras palavras, a disciplina eficiente torna o ensino formal possível. Uma criança indisciplinada será difícil de ser ensinada. Use os primeiros 5 anos para despertar a capacidade da criança de ter autocontrole.

Assisti uma mãe se relacionando com seu filho pequeno no corredor de um supermercado. A criança agarrava tudo o que estava à vista e, quando a mãe tentava detê-la, ela respondia de maneira grosseira. O pequeno estava fora de controle. Sua mãe o ameaçou e repreendeu, mas não adiantou nada. A criança ignorou sua mãe, o que, por sua vez, aumentou a vergonha e a raiva da mãe.

Será difícil ensinar uma criança nessa condição. Crianças disciplinadas, por sua vez, podem ficar sentadas por tempo suficiente para serem ensinadas. Tudo isso implica transferir

nosso autocontrole para nossos filhos por meio de disciplina amorosa.

Crianças em idade pré-escolar gostam de figuras. Livros de histórias bíblicas, com imagens grandes e coloridas, ajudam bastante. Seus filhos desejarão ver as mesmas figuras muitas e muitas vezes. Não lhes dê informações que estejam acima de seu alcance. Aqui está material que considero útil: *Série Já Sei Ler*, de Mary Manz Simon, da Cultura Cristã.

Quando forem mais velhos, entre 5 e 8 anos de idade, você poderá apresentar a criança a bíblias ilustradas que contenham mais narrativas. Conforme seu filho amadurecer, a norma é menos palmadas e mais instrução. Na pré-adolescência, a punição corporal deve se tornar coisa do passado.

Entre os 9 e 10 anos, você pode começar a ensinar seus filhos usando uma Bíblia de adultos. Cada criança é diferente. Essas idades são apenas sugestões. Seja criativo. Faça com que o ensino seja divertido. Faça com que seja valorizado. O importante é respeitar e honrar a

Palavra de Deus lendo-a para seus filhos. Doug Wilson destaca:

Deveria ser óbvio, mas a primeira tarefa de pais cristãos é que seus filhos tenham contato com fados bíblicos. Isso é feito por meio da leitura da Bíblia, leitura de histórias bíblicas, audição de CDs e DVDs bíblicos, etc. Em segundo lugar, isso é feito por meio da leitura de livros piedosos e instrutivos. Isso inclui livros como *As crônicas de Nárnia*, biografias de missionários, etc.⁸

Nos últimos anos da escola fundamental, você pode se envolver em discussões mais profundas com seus filhos, e questões mais adultas. Aplique a Bíblia ao noticiário diário. O que o evangelho nos ensina sobre aborto, inflação, dignidade do homem, racismo, relacionamentos entre sexos e o meio ambiente? A Bíblia diz alguma coisa sobre o papel do governo, economia, mercado de ações ou engenharia genética? O que a Bíblia ensina sobre escolher um parceiro, namorar e casar?

Como família, leiam biografias de grandes santos ou obras clássicas de ficção. Nós gostávamos de ler juntos como família livros

como *Where the Red Fern Grows*, *The Yearling*, *The Bronze Bow* e *O Peregrino*. Depois de ler esses livros, nós sempre retornávamos ao principal, à Bíblia.

O melhor momento e lugar para reunir a família para instrução é na refeição familiar. A refeição e o ensinamento devem ser habituais. O ensinamento não precisa ser longo. Quinze minutos é um tempo adequado. A refeição em família é o momento em que todos estão reunidos. Wilson acrescenta

Em nossa casa, o melhor lugar para a instrução na piedade tem sido, sem dúvida, a discussão à mesa do jantar. Essa é uma aplicação bastante prática da instrução de Deuteronômio 6. Os pais podem ensinar vocabulário e doutrina ao mesmo tempo. Eles podem se valer das perguntas. Podem correlacionar a Palavra de Deus com aquilo que está acontecendo ao redor deles ou no mundo lá fora.⁹

Seja flexível. Jonathan Edwards comia separado de seus filhos para que pudesse estudar. Depois da refeição, porém, a família se reunia na sala e Edwards ensinava com ternura

suas pequenas orientações. O mais importante é reservar um tempo diário e de qualidade juntos como família. Para a maioria de nós, a refeição em família é o tempo ideal.

O individualismo pode ser o inimigo dos momentos devocionais em família. O individualismo é crescente em nossa cultura. Ele torna a refeição em família quase impossível, especialmente quando os filhos chegam à adolescência. Você não conseguirá ter momentos devocionais familiares regulares a não ser que cada membro da família esteja disposto a subordinar seus desejos pessoais ao bem maior da família. O individualismo egoísta é a falta de disposição de sacrificar meus desejos pelo bem da unidade social maior, neste caso, a família. É importante ensinar a seus filhos que a família é mais importante que suas buscas pessoais. Alguns terão de abrir mão de aulas de tênis, de balé, de jogos de computador, do seu programa de TV favorito ou de tempo com os amigos para estarem juntos como família. Dizer “não” aos nossos desejos em favor do sucesso de uma unidade social maior é

uma lição difícil que todos os cristãos devem aprender.

O resumo é este: você não pode ensinar a Palavra de Deus à sua família se vocês não se reunirem regularmente. Dra. Madeline Levine destaca:

Talvez o ritual mais importante que uma família possa observar é jantarem todos juntos. As famílias que se reúnem cinco ou mais vezes por semana para fazer as refeições têm filhos menos susceptíveis a usar tabaco, álcool ou maconha, a ter notas baixas, a apresentar sintomas de depressão e a tentar suicídio do que famílias que comem juntas duas ou menos vezes por semana.¹⁰

Uma vez que tão poucas famílias compartilham regularmente uma refeição, o ensinamento formal praticamente desapareceu. Um amigo visitou uma família cristã durante a hora do jantar. Os filhos adolescentes vaguearam pela cozinha, pegaram um pedaço de pizza e voltaram cada um para o seu quarto para comer e se dedicar a seus interesses pessoais. Não houve uma refeição familiar, nenhuma

discussão e nenhuma interação social. O mais doloroso é que aquela noite não foi uma exceção. Era a rotina da família. O ensinamento formal da parte dos pais será raro naquele ambiente.

Conheço um pai que construiu uma mesa de jantar especial com uma pequena prateleira sob o tampo para colocar a Bíblia de cada filho. Depois de a louça ser retirada, as bíblias entravam em cena, para leitura, discussão e oração. Hoje, aqueles filhos são crescidos. Muitos são missionários, pastores ou esposas de pastores. O momento devocional familiar é importante. Os pais que dão ensinamento formal a seus filhos obtêm resultados. “A prática [os momentos devocionais em família] é certamente uma aberração”, destaca George Barna. “Menos de 10% das famílias nascidas de novo leem a Bíblia juntas ou oram juntas durante a semana”.¹¹

Você pode estar pensando: “Quer dizer que preciso preparar uma palestra diária para meus filhos?”. Não, não é isso o que eu quis dizer.

Aliás, essa é a pior coisa que você poderia fazer. Em vez disso, ensine fazendo perguntas. Isso forçará seus filhos a pensar e interagir com a Bíblia. As crianças respondem a esses métodos. Peça a uma ou a várias crianças que leiam uma porção da Bíblia em voz alta. Depois, faça perguntas. Do que trata essa passagem? Por que ela é importante? Há alguma coisa nessa passagem que surpreendeu você? De que maneira essa passagem se relaciona com o evangelho? O que ela nos fala sobre Deus? O que ela ensina sobre a sua vida?

Pais, discutam aquilo que vocês leram no seu momento devocional matutino. Isso não exige preparação e os conduz a uma discussão espontânea. Se você não fez seu devocional matutino, discutam o sermão do domingo ou leiam um livro da Bíblia juntos. As possibilidades são infinitas. A questão é esta: você não precisa ser um especialista em Bíblia ou um professor para ensinar a seus filhos. O que você precisa é de diligência, consistência, perseverança e confiança que a exposição

repetida do evangelho terminará mudando a vida de seus filhos.

Não desanime. Muitas vezes eu fazia perguntas e recebia pouca ou nenhuma resposta.

— Sobre o que falou o sermão desta semana?

— Deus.

— Vocês poderiam dar mais detalhes?

Olhares distantes...

A tentação para desanimar é enorme. Você enfrentará essa tentação. Os pais que acreditam que Deus abençoará o que ele prometeu são os que vão perseverar. Estes dão a seus filhos uma exposição repetida do evangelho.

Resumo

Seus filhos precisam do Pão da Vida. Você está na vida deles para alimentá-los. Escolas e igrejas podem ajudar, mas elas não conseguem substituí-lo. Se você não estiver ensinando, a escola e a igreja podem ser, na melhor das hipóteses, irrelevantes ou perda de tempo, ou dinheiro.

Coloque sua confiança no evangelho, a Palavra de Deus, o Pão da Vida. Ele é o poder de Deus para a salvação. Demonstre essa confiança ao ensiná-lo regularmente a seus filhos. Confirme a relevância do evangelho sendo modelo dele.

Neste sermão sobre o governo da família, o grande pregador escocês Robert Murray M'Cheyne (1813–1843) exortou sua congregação:

Se você não adorar a Deus em sua família, você estará vivendo claramente em pecado; esteja bastante certo de que não se importa com as almas da sua família. Se você não entregasse uma refeição a seus filhos para que comessem,

não diriam que você não se importa com o corpo deles? E se você não levasse seus filhos e seus servos às verdes pastagens da Palavra de Deus e não buscasse a água viva, não claro ficaria que você não se importa com a alma deles? *Faça isso regularmente*, de manhã e de tarde. É mais necessário que a comida diária – mais necessário que seu trabalho.¹²

“Faça isso regularmente”, escreve M’Cheyne. Como isso é difícil. A maioria de nós começa bem, mas termina muito mal. Os pais centrados no evangelho, contudo, perseveram a despeito de seus fracassos. A fé os motiva. Quando falham, levantam-se, pedem a Deus que os perdoe, voltam à trilha e retomam a tarefa. O temor do Senhor os motiva a perseverar. Eles aprendem o temor de Deus na cruz.

Confrontados por sua inconsistência, muitos pais desistem. Eles leem um livro como este. Ficam animados. Decidem ensinar seus filhos. As coisas vão bem por dez dias. Então, eles se desviam do assunto. Uma semana depois, reconhecem a distração e recomeçam. Depois de

duas ou três paradas e recomeços, ficam desanimados e desistem completamente.

O problema costuma ser o orgulho. O pai não conhecia a si próprio. “Sem mim nada podeis fazer”, disse Jesus (Jo 15.5). O problema é que esse pai achava que conseguiria ter um bom desempenho sem Deus. Quando não atingiu suas expectativas pessoais, desanimou e desistiu.

Comece com ideias realistas. Espere cair do cavalo repetidas vezes, mas firme o compromisso de subir de volta. Não espere que conseguirá ensinar a Bíblia todos os dias sem falhar. No mundo real, isso é difícil. Se você ensinar a seus filhos quatro dias por semana, saiba que estará se saindo bem.

No meio de tudo isso, corra para o evangelho. Tal como seus filhos, você é um pecador. Foi por essa razão que Jesus morreu. Você precisa de um Salvador. Corra até ele em busca de motivação. Quando falhar, corra a ele em busca de perdão. O Senhor é “... compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade” (Êx 34.6).

Em meio aos seus fracassos, mostre a seus
filhos como é viver à sombra da cruz.

Perguntas para estudo

1. Leia as passagens a seguir: Gn 18.19; Dt 4.9-10; 11.18; Sl 78.5-6; Pv 24.3-4; Ef 6.4. Quem é responsável por ensinar os filhos?
2. Para os pais, o que significa colocar sua confiança no evangelho? (Dica: leia Mt 11.27; Rm 1.16-17; 2Co 4.6). Em quais alternativas você confia?
3. O que significa ensinar a seus filhos a ética do evangelho? Como você aplicaria a ética do evangelho a uma criança de 5 anos de idade que mordeu o irmão? E a um jovem de 17 anos que namora uma descrente?
4. Para os pais, o que significa ser um modelo daquilo que ensinam? Como é isso na prática? O que os pais deveriam fazer ao falhar na frente dos filhos?
5. Qual das desculpas comuns para não ensinar foi mais relevante para você? Por quê?

¹ BAUCHAM JR., Voddie. *Family Driven Faith*. Wheaton: Crossway, 2007, p. 118.

² BARNA, George. *Revolutionary Parenting*. Carol Stream, IL: Tyndale, 2007, p. 30–32.

³ Os textos que ordenam os pais (homens) a ensinar seus filhos são significativos: “Porque eu o escolhi [Abraão] para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR e pratiquem a justiça e o juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito” (Gn 18.19). “Tão somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e as farás saber a teus filhos e aos filhos de teus filhos. Não te esqueças do dia em que estiveste perante o SENHOR, teu Deus, em Horebe, quando o SENHOR me disse: Reúne este povo, e os farei ouvir as minhas palavras, a fim de que aprenda a temer-me todos os dias que na terra viver e as ensinará a seus filhos” (Dt 4.9-10). “Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma (...). Ensinaí-as a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos, e levantando-vos” (Dt 11.18-19); “Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes” (Sl 78.5-6); “Com a sabedoria edifica-se a casa, e com a inteligência ela se firma; pelo conhecimento se encherão as câmaras de toda sorte de bens, preciosos e deleitáveis” (Pv 24.3-4); “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.4).

⁴ WRIGHT, Steve. *reThink*. Wake Forest, NC: InQuest Ministries, 2007, p. 83.

⁵ FLAVEL, John. *The Mystery of Providence*. 1678; reimpr., Edinburgo: Banner of Truth, 1995, p. 57.

⁶ CLARK, Jeramy e CLARK, Jerusha. *After You Drop Them Off*. Colorado Springs: Waterbrook Press, 2005, p. 192, citado em Wright, *rethink*, p. 20.

⁷ PIPER, John. *The Pleasures of God*. Sisters, OR: Multnomah, 2000, p. 289.

⁸ WILSON, Douglas. *Standing on the Promises*. Moscow, ID: Canon Press, 1997, p.81.

⁹ Ibid.

¹⁰ LEVINE, Madeline. *The Price of Privilege*. Nova York: Harper-Collins, 2006, p. 33.

¹¹ Barna, *Revolutionary Parenting*, p. 31.

¹² M'CHEYNE, Robert M. *The Sermons of Robert M. M'Cheyne*. Edinburgo:Banner of Truth, 1961, p. 29.

Capítulo 11

O amor do evangelho

Judy, minha esposa, estava dirigindo pela cidade escutando uma música sobre a cruz. Quando ouviu as palavras “e em meu lugar foi erguido para morrer”, repentinamente ela experimentou uma sensação vívida de ela própria ser forçada sobre a cruz por pessoas iradas e hostis. Empurravam seu corpo para baixo e se preparavam para cravar os pregos em suas mãos. Em seguida, sentiu a cruz ser erguida. “Senti-me sozinha e indefesa”, disse ela. “Senti a hostilidade da multidão caindo sobre mim.” Depois dessa experiência, ela sentiu uma profunda gratidão pelo fato de que, embora merecesse a crucificação, aquilo nunca aconteceria com ela. Ela se regozijou por Jesus ter morrido em seu lugar, por ter suportado a ira do Pai no lugar dela.

Alguns dias depois, ela teve uma segunda experiência. Dessa vez, porém, ela estava no meio da multidão hostil empurrando Cristo

sobre a cruz. Ela estava ajudando a multidão a erguer a cruz para garantir sua morte lenta e torturante. Ficou bastante claro que “foi Judy, o pecado dela, sua hostilidade em relação a Cristo, que levou à morte dele”. Ela ficou mais uma vez maravilhada diante da ideia de que Jesus morreria por alguém como ela.

Aquelas experiências trouxeram renovação a Judy diante da maravilha da expiação substitutiva. Levou a verdade do amor de Deus de sua mente para seu coração. Ela viu e sentiu a aflição do Pai de uma maneira completamente nova. A cruz a convenceu, assim como convence a todos nós, de que o amor de Deus foi bastante custoso.

A maioria presume que todos os pais amam a seus filhos. Nada poderia estar mais longe da verdade. Alguns fazem grandes sacrifícios por seus filhos, mas são incapazes de ser amorosos. Outros amam seus filhos possessivamente. Seus filhos se tornam ídolos. Outros sentem grande afeição por seus filhos, mas não estão dispostos a fazer sacrifícios por eles.

O amor de Deus, que está latente no

evangelho, é a cura para esses excessos. Primeiro, o evangelho nos motiva a amar a Deus mais do que a nossos filhos. Se não fizermos isso, não conseguiremos amar os nossos pequenos. Segundo, ele nos motiva a nos sacrificarmos por nossos filhos. Finalmente, o evangelho nos motiva a derramar abundante afeição por nossos filhos.

Ame a Deus mais do que a seus filhos

Lembro-me da história verdadeira de uma mãe cristã na China. Quando seu filho era pequeno, o Estado levou-o embora. Por ela ser cristã, o governo comunista a considerava inadequada para criá-lo. Mas, se ela concordasse em renunciar ao evangelho, o Estado deixaria que ela ficasse com seu filho. Como amava mais a Deus do que a seu filho, ela recusou-se.

Vinte anos mais tarde, ela e seu filho foram reunidos. Naquele momento, ele era ateu convicto. Desprezava sua mãe e o cristianismo dela. Ela ficou arrasada. Para aquela mulher, amar a Deus fora custoso. Conhecemos muito pouco desse custo no Ocidente, mas essa história ilustra um importante princípio: devemos sempre amar a Deus mais do que a nossos filhos. Foi isso o que Jesus quis dizer quando falou “Se alguém vem a mim e não *aborre*ce a seu pai, e mãe, e mulher, e *filhos*, e

irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo” (Lc 14.26-27).

Jesus não quer que aborreçamos os nossos filhos. Temos certeza disso porque, em outros pontos, ele nos manda amar a todos os homens, especialmente a nossos filhos. Nessa passagem, Lucas usa o termo *aborrecer* para atacar um amor destrutivo que costuma caracterizar os relacionamentos familiares, especialmente o dos pais por seus filhos. O homem ama mais o presente de Deus, os filhos, do que o próprio Deus. Sabemos que amamos dessa maneira sempre que estivermos dispostos a deixar de lado a vontade de Deus para agradar a nossos filhos ou melhorar o nosso relacionamento com eles. A mãe da China poderia ter comprometido esse amor e ficado com seu filho. Quando Jesus nos fala sobre “aborrecer” nossos filhos, ele quer dizer “você precisa amar a Deus em uma medida muito maior do que ama a seus filhos a ponto de seu amor por eles ser como ódio quando comparado a seu amor por Deus”.

Existe uma razão para essa exortação: amamos nossos filhos com o amor de Deus desde que amemos mais a Deus.

O evangelho é a chave para entender esse amor. Uma vez que Jesus amou o Pai mais do que a nós, ele foi para a cruz. Jesus morreu para agradar o Pai, para amplificar a glória dele. O amor por nós foi secundário. Ele amou a seu Pai mais do que a nós e, por essa razão, obtemos o verdadeiro amor de que realmente precisamos: sua morte expiatória sobre a cruz em nosso lugar.

Do mesmo modo, o amor por Cristo deve ditar a maneira como amamos nossos filhos. Em seu livro *Vida em comunhão*, Dietrich Bonhoeffer sugere que Cristo deve sempre se colocar entre nós e aqueles a quem mais amamos.¹ com isso, ele quer dizer que a Palavra de Deus, não os nossos desejos ou temores, deve governar a maneira como amamos a nossos filhos, cônjuge e demais pessoas. Nós nos relacionamos com nossos filhos com o propósito de agradar a Deus em vez de a nossos

filhos. Tememos a desaprovação de Deus, não a de nossos filhos. De acordo com George Marsden, essa é a razão de os puritanos constantemente advertirem os pais a não amar demais a seus filhos.² Para uma cultura treinada na idolatria ao filho, essas ideias são demasiadamente estranhas.

Tudo isso é importante porque, em última análise, o objetivo da criação de filhos não é a felicidade de seu filho. Também não é a sua felicidade. Não é o sucesso acadêmico ou empresarial. Não é a sua reputação. O objetivo é a glória de Deus. Essa ideia aparece bem no início – no primeiro capítulo da Bíblia.

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança (...). E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra (Gn 1.26-28).

Deus nos criou à sua imagem e semelhança. Depois, ordenou a Adão e Eva dizendo “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra”. O que

ele quis dizer foi isto: eles deveriam encher a terra com filhos que mostrassem a imagem e a semelhança de Deus – sua glória. Dar à luz e criar filhos cujas vidas imitem a Cristo (a glória de Deus) é a maneira como os pais enchem a terra com a glória de Deus. Isso significa que a criação de filhos é para a glória de Deus. A função básica da criação de filhos não está relacionada a nós ou a nossos filhos. “Por que Deus criou o mundo e a humanidade?”, pergunta John Hannah. “O principal propósito de Deus é ser conhecido em toda sua glória (...). Deus valoriza a si próprio acima de tudo e, porque ele faz isso, ele próprio é a culminação da criação.”³

Isso é importante porque, a não ser que você esteja ciente do propósito de Deus, a não ser que você ame a Deus mais do que a seus filhos, você não conseguirá amar a seus filhos com eficiência. Sua consciência, por exemplo, pode dizer “Jimmy precisa levar umas palmadas”, mas seu senso de compaixão (ou o medo da reação da criança) responderá: “Agora não!”.

Mas se dar palmadas na criança é a coisa amorosa a fazer, então somente um amor por Deus mais forte que seus sentimentos por seu filho o motivará a amar seu filho – ou seja, a dar-lhe as palmadas.

Um filho de 19 anos vivia no porão da casa de seus pais. O rapaz era desmotivado e preguiçoso. O pior era que sua namorada havia se mudado para lá. Os pais queriam que eles se mudassem, mas estavam preocupados com o que seu filho acharia disso (e também a provável futura nora). Quando amamos a Deus mais do que a nossos filhos, essas decisões se tornam muito mais fáceis. No final, nossos filhos recebem amor verdadeiro. Isso não tem relação com nossos filhos. Tem relação com algo maior. A não ser que amemos mais a Deus, o amor que temos por nossos filhos será simplesmente amor próprio disfarçado de altruísmo.

Ame os filhos de maneira sacrificial

Como já vimos, o evangelho é a medida do amor de Deus. Ele o define, esclarece e o glorifica. Não aprendemos sobre o amor de Deus olhando para as pessoas. Nós o entendemos ao olhar para a cruz. “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3.16). A morte de Cristo define como é o amor de Deus. Pais centrados no evangelho entendem esse amor e tentam imitá-lo.

Às vezes, esse amor machuca. Às vezes, nos causa inconveniências. Em outros momentos, é fonte de estresse. Ele interrompe nossos planos. Ele redireciona nossa vida. Ele desvia nossa energia para direções inesperadas. Isso não deveria nos surpreender. O evangelho tem relação com o amor de Deus, o mesmo amor demonstrado na cruz, um amor sangrento e sofrido.

Uma mãe o descreveu desta maneira: “Antes da chegada do meu bebê, eu tinha uma carreira. Eu e meu marido fazíamos caminhadas sem pressa. Eu desfrutava de momentos de tranquilidade todos os dias e saía para fazer compras nas manhãs de sábado”.

“Depois do bebê”, prossegue ela, “tudo mudou. Com relutância, deixei o emprego que eu amava, mas ainda assim não tinha mais tempo para mim mesma. O que tinha acontecido? Eu queria voltar, mas não podia. Comecei a sentir pena de mim mesma. Então, depois de vários meses, percebi que, pela primeira vez, eu estava diante da oportunidade de me envolver em um amor real, o amor custoso demonstrado por Jesus. A vida e a morte de Jesus me ajudaram a fazer a associação entre amor e sacrifício. Mudei de atitude e lentamente ajustei-me à minha nova vida com alegria e gratidão cada vez maiores.”

O amor sacrificial afeta os pais em muitos outros aspectos. Significa que mamãe e papai não conseguem amar seus filhos e correr atrás de planos de carreira ao mesmo tempo. Meu pai

era engenheiro civil. Ele tinha um bom emprego. Mas ele e minha mãe estavam unidos em um propósito: criar seus nove filhos. Isso significava sacrifício. Quando o dinheiro ficou curto, meu pai começou a fazer entregas de jornal porta a porta na madrugada. Minha mãe poderia ter saído para trabalhar. Ela era formada em educação. Mas essa não era a melhor maneira de amar nossa grande família. Assim, meu pai saiu voluntariamente de sua zona de conforto. Chegava em casa às dezoito horas todos os dias e acordava às quatro e trinta da manhã para entregar jornais antes de ir para o trabalho.

O amor sacrificial afeta as mulheres também. Dr. Martyn Lloyd-Jones foi provavelmente o pregador mais influente do século 20. Médico respeitado, ele abandonou uma carreira promissora para pastorear uma igreja rural no País de Gales. Sua esposa, Bethan, também era médica. Eles se casaram na década de 1920, uma época em que poucas mulheres tinham diploma de medicina. Porém, ouvindo a Palavra de Deus e entendendo as implicações do

evangelho, Bethan seguiu o exemplo de Cristo. Para servir ao marido e aos filhos, ela deixou de lado sua carreira médica. O amor centrado no evangelho é custoso. Não é errado papai e mamãe terem uma carreira. A questão é o amor – o amor pelos filhos. O que é melhor para o cuidado e a salvação deles? A Bíblia presume que o marido seja o provedor principal. As mulheres são equipadas de maneira singular para nutrir e cuidar. Quando descobrem que sua carreira está sendo negativa para seus filhos, os casais respondem com amor, o amor revelado na cruz. Ele sempre envolve sacrifício.

Em seu livro *King Me*, Steve Farrar conta a história do pai de James Dobson, um evangelista itinerante com um ministério em crescimento. Um dia, sua esposa fez um pedido. Ela estava tendo um problema com Jim, o filho deles de 16 anos de idade. “Preciso de você”, disse ela, simplesmente. Dobson compreendeu qual era sua missão. Ele provavelmente se lembrou das palavras de Paulo em 2Coríntios 4.12: “(...) em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida”. Ele precisaria morrer pois aquele filho

precisava viver. Jesus morreu para que pudéssemos viver, e a corrente desse rio poderoso flui através do coração de todo pai centrado no evangelho.

Dobson pegou o telefone e cancelou todos os compromissos de sua agenda. Assumiu o pastorado de uma igreja pequena num estado vizinho. “Nos dois anos seguintes, até que seu filho se formasse e fosse para a universidade”, explicou Farrar, “ele pastoreou aquela pequena igreja e foi mentor de seu filho”.⁴ Quando o rapaz foi para a faculdade, o senhor Dobson tentou retomar sua carreira, mas todo aquele movimento havia perdido força. “Sua decisão lhe custou muito em termos de carreira e chamado. (...) A decisão de ir para casa foi tomada mediante um alto preço.”⁵ O senhor Dobson morreu para suas ambições, mas essa morte significou vida para seu filho e, por meio de seu filho, vida para a igreja do século 20. Em todo lugar onde você encontrar vida espiritual, esteja certo de que alguém morreu.

O amor de Deus levará a abdicar de uma promoção que poderia significar um avanço na carreira. Se necessário, ele colocará o jogo de futebol semanal na prateleira até que os filhos estejam criados. Uma família em que apenas um trabalha pode significar ter férias em um acampamento em vez de se hospedar em um *resort* de luxo na praia. O mundo diz aos pais que exijam seus direitos, que corram atrás de sua carreira e sacrifiquem outros (cônjuge e filhos) para perseguir suas ambições egoístas. Mas o evangelho diz: “Você não tem direitos, apenas responsabilidades”. Ele diz: “A vida surge da morte”. Ele diz: “Seus filhos viverão de maneira proporcional à sua morte”.

Aqui está a boa notícia: o amor do evangelho não traz vida apenas ao filho. Ele também concede a vida de Deus ao pai que morre. As promessas são abundantes. “Em troca da alegria que lhe estava proposta, [Jesus] suportou a cruz” (Hb 12.2). “Quem perder a vida por minha causa achá-la-á” (Mt 16.25). Da morte vem a vida, tanto para o pai quanto para o filho.

Você acredita realmente nisso? Os pais centrados no evangelho acreditam.

É assim que os filhos internalizam o amor de Deus. Eles veem seus pais sendo modelos de Deus. É como eles internalizam sua tarefa de amar os outros. Eles absorvem a vida de Deus através do amor de autonegação de seus pais.

Tudo o que eu disse neste livro pressupõe a disposição de amar os filhos de maneira sacrificial. Se nosso casamento precisa pregar o evangelho aos nossos filhos (capítulo 6), isso significa que papai deve se tornar um líder servo, e mamãe deve incentivá-lo e submeter-se à sua liderança. Para os dois, isso significa a morte para a vida do eu.

Disciplinar os filhos (capítulos 8 e 9) exige amor sacrificial. Exige firmeza. Mamãe terá de deixar a preparação do jantar de lado para disciplinar uma criança incontrolável, ou papai deixará de assistir ao jogo de futebol do seu time para fazer o mesmo. Mas pais centrados no evangelho servem seus filhos com um olho na cruz.

Prover alimento espiritual para nossos filhos

(capítulo 10) é custoso. Significa que todos os membros da família terão de sacrificar as suas agendas para fazer as refeições juntos. Mamãe e papai devem se sacrificar para abrir a Bíblia e ensinar seus filhos quando eles prefeririam estar fazendo alguma outra coisa.

O amor sacrificial também tem um aspecto de encarnação. Ele motiva os pais a entrar no mundo de seus filhos. Jesus deixou os reinos de glória infinita para nos salvar. Ele entrou em nosso mundo caído. Os pais centrados no evangelho fazem o mesmo. Quando estava no primeiro ano do ensino médio, meu filho mais velho interessou-se por tênis. Então, comecei a jogar tênis. Meu filho mais novo era interessado em pesca, de modo que, quando entrou na adolescência, compramos um pequeno barco e pescávamos juntos. Foram momentos maravilhosos. Isso envolveu sacrifícios? Em alguns momentos. Na maioria das vezes, porém, era alegria. No final, eu fui o maior beneficiário.

Onde Deus está falando com você? Que sacrifício você precisa fazer pelo bem-estar dos seus filhos?

Ame seus filhos com muito afeto

Afeto é outra importante dimensão do amor de Deus. Os capítulos 4 e 5 sugeriram que Deus Pai é o Pai modelo. Ele é afetuoso. Se isso é verdade, então devemos também banhar nossos filhos em afeto. Por fim, aprendemos, sentimos e compreendemos a afeição do Pai ao meditarmos na cruz.

Como acabamos de ver, o amor de Deus é sacrificial. É a nossa felicidade à custa de Deus. O amor de Deus é maior que afeição. Ele começa com ação, mas termina no calor da afeição. Como vimos no capítulo 5, o custo foi *infinito*. Se a medida do amor é seu custo, então o amor de Deus é infinito. Assim, Paulo o chama de o amor “... que excede todo entendimento” (Ef 3.19).

O amor de Deus, portanto, não começa com afeição. Você não sente afeição pelos inimigos, aqueles que estão debaixo da sua ira. Como vimos nos capítulos 4 e 5, nós éramos inimigos de Deus (Rm 5.10).

O afeto é tão importante para Deus que ele enviou seu Filho para remover a ofensa que nos separava. Ele fez isso para que pudesse derramar afeto sobre nós. Ele queria amizade. Ele queria um relacionamento afetuosos, mas o pecado se colocou no caminho, de modo que ele lidou com o problema do pecado na cruz. Ele fez isso para abrir as comportas do afeto.

Isso é importante porque, às vezes, é difícil sentir afeição por nossos filhos. É fácil gostar de alguns deles. É mais difícil gostar de outros. Todos são presentes de Deus para nós. Um filho é agradecido, de bom coração e obediente. O outro é ingrato, ambicioso e desatento. Um tira boas notas. O outro não poderia ser mais relaxado. Um compartilha de seus interesses. O outro não. Um se casa com a pessoa de que você gosta. O outro rejeita seu conselho.

Deus nos manda filhos difíceis para testar nossa capacidade de amar assim como nosso Pai celestial – de sentir afeto pelo desagradável. Ninguém sabe se você ama o filho desagradável. Seu afeto, ou a falta dele, acontece atrás de portas fechadas. Você pode

deixar de ser afetuoso com um filho difícil e ninguém saberá (exceto Deus). Ou você pode ser afetuoso com aquele filho porque percebe como Deus foi afetuoso com você – apesar da sua indignidade.

A afeição parental é muito poderosa. Ela torna atraentes o pai e o Deus do pai. Ela comunica amor e aceitação. Podemos até dizer a nossos filhos que os amamos, mas o afeto os convence disso. O afeto é a ponte sobre a qual o amor passa aos nossos filhos. O afeto é o martelo que crava o prego da verdade no fundo do nosso coração. Seria difícil exagerar a importância do afeto.

Em seu livro de bastante sucesso intitulado *Como realmente amar seu filho* [Editora Mundo Cristão], o Dr. Ross Campbell escreve: “A disciplina é imensuravelmente mais fácil quando a criança sente que é genuinamente amada (...). Se uma criança não se sentir genuinamente amada e aceita (...) ela tem dificuldades reais para se identificar com seus pais e com os *valores* deles”.⁶

Como vimos no capítulo 2, um aspecto importante da disciplina é implantar nossos valores e crenças no coração de nosso filho. O ponto que Campbell destaca é este: a não ser que os filhos sintam o amor e a aceitação de seus pais, eles provavelmente não internalizarão as lições que você estiver tentando ensinar-lhes. Sua cosmovisão não penetrará o coração deles. O bastão não será passado adiante. O afeto comunica amor aos seus filhos – um amor que é bíblico.

A cruz despertava os afetos de Paulo. Assim, ele exortou a igreja romana: “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal” (Rm 12.10). Ele amava os filipenses com a “terna misericórdia de Cristo Jesus” (Fp 1.8). Ele presumia que o efeito do evangelho sobre as igrejas que ele havia plantado era um afeto mútuo (Fp 2.1). Vamos fazer uma pausa para discutir mais profundamente por que o afeto é importante para depois explicar como mostrar afeto na prática.

O afeto é especialmente poderoso quando vem dos homens. Uma montanha de pesquisas

sociais destaca o papel crucial da afeição do pai. Esta impacta o coração do filho de uma maneira que a mãe simplesmente não consegue. A afeição tem grande poder de moldar e santificar os filhos.

O evangelista James Robison, em seu influente livro intitulado *In Search of a Father*, usando o termo *provimento* no lugar de *afeto*, escreve:

O provimento é um dos principais ingredientes na socialização de um filho. Sem ele, pode parecer que a criança assimilou os valores ensinados pelos pais [o pai], quando não os adotou de fato. O provimento adequado prepara o filho para aceitar mental e emocionalmente os princípios morais e corrigir os próprios padrões para melhorar seu relacionamento com outras pessoas”.⁷

Em outras palavras, quanto mais afetivo for o pai, maior será a probabilidade de que seus filhos internalizem seus valores. Comparativamente, os filhos tendem a rejeitar os valores de pais não afetuosos.

O afeto do pai, ou a falta dele, influencia os filhos de outras maneiras. Você sabia que os pais (não as mães) são os principais responsáveis pela formação da compaixão em seus filhos? Em seu livro *Life without father*, o pesquisador social David Popenoe escreve:

Pais que passaram um tempo com seus filhos, mais de duas vezes por semana, dando refeições, banho e oferecendo outros cuidados básicos, criaram adultos mais compassivos. Esse fator isoladamente foi responsável por um percentual maior de sucesso do adulto (de empatia) do que os três maiores fatores maternos combinados.⁸

Em outras palavras, a presença de um pai provedor e afetuoso afeta a internalização da compaixão no filho mais do que a afeição da mãe. Isso é importante porque presumimos exatamente o oposto – que a afeição da mãe determina a capacidade do filho de mostrar afeto.

Em longo prazo, o afeto do pai, ou a falta dele, também causa impacto sobre a felicidade dos filhos. Popenoe adiciona: “Adultos jovens que se sentem emocionalmente próximos de

seus pais tendem a ser mais felizes e mais satisfeitos na vida, independentemente do sentimento que têm em relação à mãe”.⁹ Henry Biller, o famoso sociólogo, observou que

... meninos que foram capazes de confidenciar com seus pais apresentaram maior possibilidade de ter autoestima elevada. O relacionamento precoce entre pai e filho é particularmente importante para a autoestima da criança. Entre os adolescentes, aqueles cujo pai era ausente tinham menor autoestima do que aqueles cujo pai era presente, especialmente quando a ausência do pai havia começado na primeira infância.¹⁰

A afeição do pai, ou a falta dela, também tem uma forte e duradoura influência sobre a identidade sexual do filho. De acordo com a pesquisa citada por Robison, tanto meninos quanto meninas formam sua identidade sexual no relacionamento com o pai. E, quanto mais afetivo for o pai, maior probabilidade de o filho ter características sexuais normais. Quanto menos afetuoso e mais distante for o pai, maior a probabilidade de seus filhos serem tentados

pela homossexualidade ou pela promiscuidade sexual.¹¹ Em *Growing up straight*, um criterioso estudo sobre as causas da homossexualidade, Peter e Barbara Wyden concluem:

Nunca vi um homossexual que tenha tido um bom relacionamento com seu pai. Chegamos à conclusão de que um pai construtivo, apoiador e cordial *elimina* a possibilidade de um filho homossexual. A *qualidade* amorosa da paternidade que um menino recebe, e às vezes até mesmo a simples lembrança dela conforme reforçada pela mãe (quando o pai é falecido), revelou-se um fator vital. Os meninos devem ser capazes de admirar e se identificar com o pai com o objetivo de se tornar machos heterossexuais bem ajustados.¹²

Obviamente existem muitas exceções, mas elas são exatamente isso, exceções.

Outros estudos confirmam o mesmo princípio para as filhas.

A paternidade imprópria e/ou inadequada é um grande fator no desenvolvimento da homossexualidade em mulheres assim como em homens. Bene (1965) relatou que as

homossexuais femininas sentiam que o pai era fraco e incompetente. As mulheres homossexuais eram mais hostis em relação a seu pai e tinham mais medo dele do que as mulheres heterossexuais.¹³

O afeto adequado tem um efeito final. Já o mencionamos, mas ele é tão importante que merece ser repetido. Ele faz com que a disciplina parental funcione! É difícil exceder-se na disciplina dos filhos se você conciliar disciplina e afeto. Tedd Tripp chama os pais que exercem sua autoridade em uma atmosfera de afeto de “déspotas benevolentes” (o que provavelmente não é uma boa descrição). Ele escreve como muitos filhos com idades entre 10 e 12 anos já saíram mentalmente de casa. “Os pais que são ‘déspotas benevolentes’ normalmente não veem seus filhos com pressa de sair de casa. Os filhos raramente correm de um lar onde suas necessidades são atendidas. Quem gostaria de sair de um relacionamento no qual se sente amado e respeitado?”.¹⁴ O afeto é uma maneira importante de fazer com que nossos filhos se sintam “amados e respeitados”.

Maneiras de mostrar afeto

Quais são as melhores maneiras de mostrar afeto a nossos filhos? O Dr. Ross Campbell sugere atenção concentrada, contato visual e toque físico.¹⁵ Quero adicionar um quarto princípio: a importância de identificar evidências de graça em nossos filhos.

Para muitos homens, a afeição não é natural. As dura e competitiva realidade da vida congela as emoções. Outros pais expressam afeição de maneira contida. A facilidade com que nossa esposa mostra afeto nos intriga. Alguns homens se sentem inadequados quando comparados com elas. Isto porque eles próprios nunca conviveram com homens afetuosos.

A primeira maneira de mostrar afeição é por meio da atenção. Atenção é o tempo passado sozinho com o filho. Quando um pai dá ao filho, ele elimina as distrações concorrentes. Levar seu filho adolescente, por exemplo, a um café de homens na igreja não é dar atenção. Uma atividade familiar com outros filhos presentes

não é dar atenção. O filho pode receber nossa atenção, mas ela não será concentrada nele. A atenção a qual nos referimos é um tempo exclusivo passado com aquele filho. Ela comunica amor genuíno. Acampar com ele numa floresta é dar atenção. Uma refeição especial com sua filha em um restaurante local é dar-lhe atenção.

Quando meus filhos eram pequenos, minha prioridade era dar-lhes momentos de atenção individualizada. Nós os chamávamos de “momentos especiais”. A cada semana era a vez de um filho. Eu marcava um tempo exclusivo com aquela criança. Anotava na minha agenda de modo que não me esquecesse. Eu deixava a criança escolher o lugar. Às vezes íamos à Baskin-Robbins para tomar um sorvete. Em outras ocasiões, simplesmente fazíamos uma caminhada até o supermercado local para comprar o chocolate preferido daquela criança.

Durante esses momentos, conversávamos sobre questões importantes. Era comum as próprias crianças levantarem o assunto. Certa vez, eu e minha filha mais velha, Sarah,

estávamos indo ao mercado quando ela tinha cerca de 7 anos de idade, e passamos diante do corpo em decomposição de um passarinho na calçada. Por pura curiosidade, ela parou para examiná-lo. Usando essa oportunidade, levei a conversa para o assunto da morte, explicando que, assim como aquele passarinho, nós um dia morreríamos e nosso corpo ia se decompor. Em seguida, expliquei que Deus um dia ressuscitaria nossos corpos e faria com que eles fossem iguais ao corpo de Cristo. Sarah, hoje adulta, ainda se lembra daquela conversa.

Na medida em que meus filhos amadureciam, passei a sonhar com momentos especiais mais sofisticados. Eu os levava para tomar café da manhã num restaurante próximo de casa, na lanchonete preferida deles ou os levava comigo numa viagem de negócios fora da cidade. Atenção individualizada é fundamental. Ela comunica afeição e, a não ser que marquemos esse momento como um compromisso em nossa agenda tão cheia, ele não acontecerá. Atenção individualizada implica ouvir. Isso pode ser difícil para um pai ocupado. Costumava ser uma

luta para mim. Às vezes exigia toda a minha força de vontade. Mesmo nessas situações, eu ouvia de maneira ruim. Mas Deus compensava minha inadequação. É preciso tempo e energia para dar atenção individualizada, mas o esforço será retribuído em cem vezes.

A segunda maneira de comunicar afeto é por meio do contato visual. Isso significa que você olha seu filho nos olhos e o escuta. Significa que você lhe dá atenção individualizada. Falhei muito nisso também, mas tentei e, mais uma vez, Deus compensou minhas falhas.

Os filhos pedirão sua atenção em momentos estranhos. Você entra em casa, ainda com as chaves na mão, voltando do trabalho. Você só quer relaxar. Desaba no sofá, abre o jornal e é interrompido por sua filha adolescente que quer conversar sobre uma colega que não gosta dela. Não é isso o que você queria. O que a cruz exige? Coloque o jornal de lado, faça contato visual e ouça. Se você for como eu, você marca um encontro com ela para depois do jantar, quando terá mais condição de fazer contato visual e ouvir com atenção.

Pais, eu testifico que é possível cair do cavalo e subir nele de volta, porque eu caí várias vezes e subi de volta. Depois de cada fracasso, pedi perdão aos meus filhos e tentei novamente.

Uma terceira maneira de mostrar afeto é por meio de contato físico apropriado. Isso significa abraçar, tocar de maneira adequada ou segurar. Nesta era de abuso infantil, a afeição física costuma ser mal interpretada ou até mesmo evitada. Uma criança deve se sentir completamente segura nos braços de seu pai ou de sua mãe. Tragicamente, esse nem sempre é o caso.

Pais eficientes, especialmente os homens, aproveitam todas as oportunidades para comunicar afeição física e nunca param. Pais e mães devem olhar além e procurar oportunidades de expressar afeição física. Quando meus filhos eram pequenos, eu os segurava enquanto lia histórias para eles. A maioria das pesquisas da área social mostra que crianças pequenas preferem ser seguradas pelos pais em vez de pelas mães.¹⁶ Existe algo tocante

em relação ao tamanho e aos músculos de um homem que fazem com que as crianças se sintam seguras.

Os meninos precisam de afeição física tanto quanto as meninas. Meu neto de 1 ano já sabe como trazer seu livro favorito para sua mãe ou seu pai de modo que possa se sentar no colo de um deles e ouvir uma história. Brinque de luta com crianças pequenas no chão. Carregue-as em seus braços. Quando assistir à televisão, coloque-as no seu colo em vez de no sofá. Carregue a criança nos ombros quando for ao parque. Depois de um jogo, abrace seu pequeno atleta para comemorar a alegria de uma vitória ou para mostrar compaixão pela agonia da derrota. Use todas as oportunidades para expressar afeição física.

Existe uma antiga superstição segundo a qual esse tipo de afeição entre pai e filho causa homossexualidade. Na verdade, como já vimos, normalmente é a *ausência* desse contato próximo de homem para homem (ou da mãe para o homem) que incentiva a homossexualidade. Quando seu filho ou filha

entrar na adolescência, não pare. Muitos pais minimizam o contato físico com seus adolescentes. Quando a filhinha do papai alcança a puberdade, ele se afasta. Esse é um grande erro. Existe algum período de maior insegurança do que os anos da adolescência? Exatamente quando o jovem adulto mais precisa da afirmação física de seus pais, muitos deixam de dá-la. Esteja atento a qualquer oportunidade que surgir de dar abraços, tapinhas nas costas ou de colocar o braço no ombro de seu filho. Quando seu filho, aluno do ensino médio, estiver fazendo suas tarefas da escola, coloque seu braço sobre o ombro dele e diga que o ama. O toque faz a diferença.

Uma quarta maneira de demonstrar afeto é por meio do encorajamento verbal. C. J. Mahaney, do Sovereign Grace Ministries, chama isso de apontar evidências da graça. Ainda que existam momentos nos quais você deva criticar, a ênfase deve ser o encorajamento.

A maioria dos pais tem facilidade em enxergar as falhas dos filhos, mas tem dificuldade para ver suas virtudes. Por que as

coisas são assim? Se você pedir a um pai ou a uma mãe para fazer uma lista das falhas do filho, a lista surgirá rapidamente. Mas se pedir para que identifiquem evidências da graça de Deus naquele filho, depois de muito pensar, a lista normalmente não avança, se é que surgirá. Por quê?

A razão é que pensamos muito nas falhas de nossos filhos e pouco em suas virtudes. Isso é especialmente verdade em relação a filhos problemáticos. Mas a criança problemática normalmente é aquela que mais precisa de nossa afirmação. Uma amiga perguntou a uma mãe qual era a primeira coisa que vinha à sua mente quando pensava em determinado filho. Posteriormente, ela me disse que apenas palavras negativas vinham à sua mente, e isso a perturbava.

A segunda razão pela qual é difícil destacar as evidências da graça é que não damos atenção à graça de Deus. Não aprendemos a ser agradecidos por nossos filhos, a despeito dos problemas deles. Pensamos que merecíamos coisa melhor. Somos ingratos. A falta de

gratidão sempre é uma indicação de orgulho. Ela diz: “Mereço o bem das mãos de Deus”. O evangelho fala uma mensagem diferente. Merecemos a crucificação. Não merecemos filhos obedientes e fáceis de conviver.

As palavras de afirmação são poderosas. A Bíblia enfatiza o maravilhoso poder da língua. “A boca do justo é *manancial de vida*” (Pv 10.11). Palavras apropriadas encorajam, concedem amor, inspiram e enchem nossos filhos de confiança para enfrentar o amanhã. Isso é especialmente verdadeiro quando identificamos verbalmente onde Deus está trabalhando na vida deles.

Por trás de quase todas as fraquezas de uma criança está uma força correspondente. Depois de ter disciplinado a fraqueza, separe um tempo para identificar a força. A criança que é temerosa e sensível pode também ser ótima em fazer amigos. A criança que é provocativa e voluntariosa provavelmente é boa em resistir à pressão dos amigos. A criança que fala muito pode ter potencial para ser um bom professor. Aprenda a identificar e verbalize e

repetidamente a graça de Deus na vida de seus filhos.

Do que temos mais consciência, das falhas deles ou da graça de Deus? Os pais que são profundamente conscientes de seu próprio pecado são bastante sensíveis à graça de Deus nos outros. Apesar das deficiências de seus filhos, eles são gratos e expressam essa gratidão repetidamente. Contudo, pais orgulhosos e cheios de autojustificação são lentos em ver a graça de Deus em ação em seus filhos. Eles são exigentes. Eles não são gratos. Nada que seus filhos fazem é suficientemente bom.

Resumo

O amor é importante. Todas as sugestões ligadas à criação de filhos apresentadas neste livro devem ser banhadas em amor. O evangelho define esse amor e o evangelho motiva esse amor.

Antes de sermos capazes de amar nossos filhos, devemos amar mais a Deus. Isso se deve ao fato de o amor por Deus definir *como* amamos nossos filhos. Uma vez que compreendamos isso, estaremos equipados para amar nossos filhos de maneira sacrificial. A cruz nos chama a viver dessa maneira.

Além disso, o amor centrado no evangelho termina em afeto. Deus pagou um enorme preço para ser afetuoso. O afeto é de imensa importância, especialmente para os homens. Os pais devem praticar a arte da afeição se quiserem transferir o bastão para a geração seguinte, se quiserem que seus filhos adotem sua fé e seus valores, que formem uma identidade sexual sadia, que obtenham

confiança para realizar e aprendam a compaixão.

Dar atenção individualizada, praticar o contato visual, dar afeição física e aprender a identificar as evidências da graça em nossos filhos são quatro das maneiras de expressar o afeto que muda vidas.

Perguntas para estudo

1. Do que tratou este capítulo? Resuma com suas próprias palavras.
2. Você consegue se lembrar de alguma ocasião em que foi tentado a comprometer a deixar de lado a vontade de Deus para agradar a seus filhos? Ao fazerem isso, os pais podem pensar que amam seus filhos quando, na verdade os estão destruindo. Isso é verdadeiro ou falso? Por quê?
3. Qual seria o sinal de que você não está amando seus filhos de maneira sacrificial? A seu ver, como seria o amor sacrificial?
4. Este capítulo mencionou quatro maneiras de mostrar afeto. Qual delas você mais precisa desenvolver? Como planeja fazer isso?
5. De acordo com este capítulo, quais são os benefícios práticos que a expressão adequada de afeto parental traz aos filhos?
6. Em sua opinião, por que é tão difícil para os pais apontarem as evidências de graça na vida de seus filhos? Quais expressões

de afeto são mais fáceis para você? Quais são as mais difíceis?

-
- ¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Life Together*. Nova York: Harper and Row, 1954.
- ² MARSDEN, George. *Jonathan Edwards: A Life*. New Haven: Yale University Press, 2004, p. 188–189.
- ³ HANNAH, John. *To God Be the Glory*. Wheaton, IL: Crossway, 2000, p. 16–17.
- ⁴ FARRAR, Steve. *King Me*. Chicago: Moody, 2005.
- ⁵ Ibid., p. 12.
- ⁶ CAMPBELL, Ross. *How to Really Love Your Child*. Wheaton, IL: Victor, 1985, p. 80–81. Esse livro é um excelente manual sobre como comunicar amor e afeição.
- ⁷ ROBISON, James. *In Search of a Father*. Carol Stream, IL: Tyndale, 1979, p. 55.
- ⁸ POPENOE, David. *Life without Father*. Nova York: The Free Press, 1996, p. 148–149.
- ⁹ Ibid., p. 150.
- ¹⁰ LAMB, Michael, org. *The Role of the Father in Child Development*. New York: Wiley, 1976, p. 104.
- ¹¹ Robison, *In Search of a Father*, p. 174–180.
- ¹² WYDEN, Peter e WYDEN, Barbara. *Growing Up Straight*. Lanham, MD: Stein and Day, 1968, p. 60–61.
- ¹³ Lamb, *The Role of the Father in Child Development*, p. 127.
- ¹⁴ TRIPP, Tedd. *Shepherding a Child's Heart*. Wapwallopen, PA: Shepherd Press, 1995, p. xviii.

¹⁵ Campbell, *How to Really Love Your Child*; CAMPBELL, Ross. *How to Really Love Your Teenager*. Wheaton, IL: Victor, 1985.

¹⁶ Robison, *In Search of a Father*. Veja o capítulo 5, especialmente as páginas 55 e 56.

Capítulo 12

Preciosa graça

Anita veio até mim sobrecarregada pela culpa e pelo desespero. Sua filha a levara ao limite e ela estava quase a ponto de desistir. Sua filha normalmente era bastante determinada e Anita não sabia como controlá-la. Via-se cada vez mais irada. Sabia que não deveria ficar assim, mas não conseguia mudar. Ela se sentia derrotada.

Dei-lhe alguns conselhos e, então, finalizei com a frase “descanse na graça de Deus”.

Os pais precisam de graça. Há coisas demais para fazer e a maioria de nós não as está fazendo. Nas palavras de Jerry Bridges, precisamos pregar o evangelho a nós mesmos diariamente.¹ Apesar dos inúmeros fracassos, os pais que fazem isso caminharão cada vez mais livres da condenação e do desânimo. Eles também servirão de modelo de como caminhar no evangelho em vitória por

seus filhos, e os filhos precisam ver seus pais fazendo exatamente isso.

Fracasso

Somos pecadores. Nós falhamos. Este livro nos apresentou uma lista de “deveres” e “proibições”. Nenhum de nós faz tudo isso. Então, quando fazemos, exageramos.

Bill não conseguia controlar seu filho de 13 anos, que era bastante teimoso. Ele veio até mim sentindo uma enorme culpa. Em várias ocasiões, Bill havia perdido a calma, gritado de maneira abusiva e até mesmo disciplinado de maneira exagerada. Ele sabia da importância de seu exemplo e sentia-se devastado por seu fracasso em ser paciente e afetuoso. Mostrei-lhe o evangelho. Foi a solução para Bill, o seu refúgio. Jesus havia morrido para expiar a ira de Bill. Ele estava revestido da justiça de Cristo. Jesus o libertara da necessidade de ser perfeito. Exortei Bill a pedir o perdão de seu filho, o que ele já havia feito, e que caminhasse na gloriosa liberdade concedida pelo evangelho.

Sim, Deus é santo. Nosso pecado é sério. A cruz é a medida dos horrores do pecado.

Contudo, aqui está o milagre: Deus nos ama. Jesus suportou a ira de Deus em nosso lugar.

Minha filha mais velha passou por uma fase de insolência quando completou 14 anos. Era difícil ficar perto dela. Ela precisava que seu pai fosse paciente, bondoso e acessível. Mas eu falhei no teste. Um dia, eu perdi. Peguei a vara da disciplina (que ainda era usada em seu irmão de 8 anos de idade), apoiei-a no balcão da cozinha e bati nela. Minha ação foi imprópria. Ela já havia passado da idade de receber palmadas. Eu tinha reagido de maneira pecaminosa. Senti uma culpa terrível. Eu precisava de graça, e o evangelho foi a solução. Mais uma vez, preguei o evangelho para mim mesmo, pedi a Sarah que me perdoasse e tocamos a vida em frente. (Temos uma agradável amizade hoje.)

Aqui vai um ponto muito importante: quando nos voltamos para o evangelho, ele transforma nossas fraquezas. “A minha graça te basta”, disse Jesus a Paulo, “porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9). Deus inseriu esse tesouro (o evangelho da glória de

Deus na face de Cristo), a luz que converte nossos filhos, “em vasos de barro”. Somos aqueles potes de barro! Ele fez isso “... para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2Co 4.7). Que notícia maravilhosa! Deus usa os esforços imperfeitos dos pais centrados no evangelho para realizar sua profunda e contínua obra nos filhos deles. Nesse meio-tempo, o evangelho nos liberta do fardo da perfeição.

Os pais que repetidamente encontram perdão no evangelho podem estender esse perdão a seus filhos. Seus filhos precisam ver você derramando continuamente sua culpa e seu medo ao pé da cruz.

Conclusão

Este livro nos apresentou muita coisa para fazer. Devemos ensinar nossos filhos. Delegar a tarefa a outros não vai ajudar, a não ser que já estejamos fazendo isso em casa.

O pai ocupa o lugar principal na família. A esposa é sua assistente. Pais, nós precisamos sair do sofá e nos envolver ativamente com nossos filhos.

Nosso casamento prega aos nossos filhos. Os maridos devem ser líderes servos. As esposas devem se submeter alegremente à liderança do marido.

Devemos disciplinar o pecado do coração de nossos filhos, e disciplinar regularmente. Devemos pacientemente usar a disciplina para ensinar o evangelho. Devemos reunir regularmente nossa família e ensinar o evangelho aos nossos filhos.

Aqui está o problema: você e eu não estamos aptos para desempenhar essa tarefa. Isso significa que devemos desistir sem tentar? Não,

o evangelho nos liberta para falhar e continuamente tentar alcançar um padrão impossível. Por quê? Deus sabe que não podemos ser perfeitos. Seu Filho pagou o preço por nossas imperfeições. Ele viveu a vida perfeita em nosso lugar. A fé credita a perfeição dele a nós.

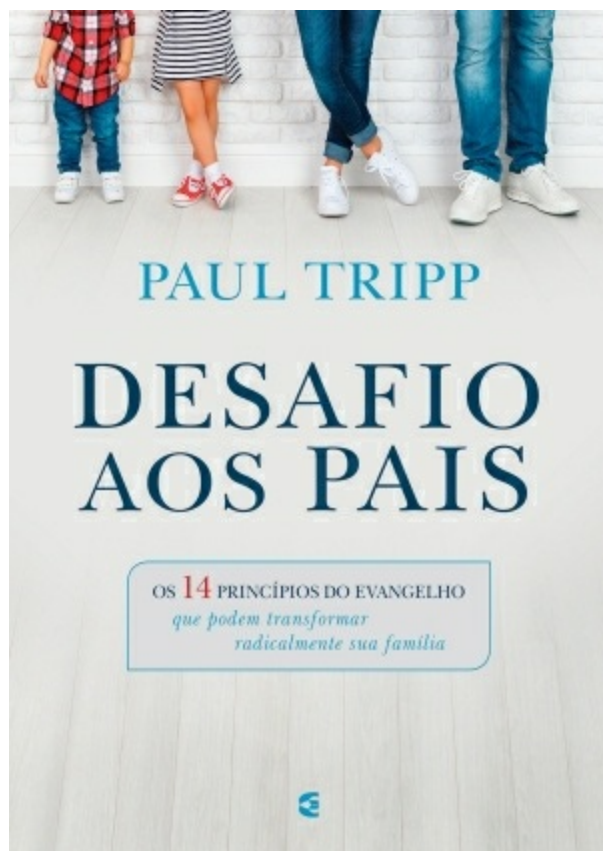
Assim, o evangelho não apenas nos ensina como criar nossos filhos. O evangelho medica as feridas de nossas imperfeições e nos encoraja a perseverar em meio aos nossos fracassos.

*Preciosa a graça de Jesus,
Que um dia me salvou.
Perdido andei, sem ver a luz,
Mas Cristo me encontrou.²*

O evangelho tem relação com a graça. Tem relação com a graça que é de fato preciosa. Para pais fracos e necessitados, isso é uma boa-nova. Aplique-a à sua consciência diariamente! Seus filhos serão os beneficiários.

¹ Jerry Bridges tomou esse *slogan* tão conhecido de seu amigo Jack Miller.

² Letra do HCC 314, primeira estrofe. John Newton, “Amazing Grace”, 1779.



Desafio aos pais

Tripp, Paul

9788576229018

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Um tema que exige um estudo atento, um mensageiro comprometido com a verdade e uma aplicação cuidadosa da Palavra de Deus. O poder está na combinação desses elementos, encontrada no novo livro de Paul Tripp, Desafio aos Pais." James MacDonald

[Compre agora e leia](#)

"UM CLÁSSICO ESPIRITUAL"

J. I. PACKER



O CONHECIMENTO DE
DEUS

PARA UMA MAIOR COMPREENSÃO DE DEUS
PARA UM RELACIONAMENTO MAIS PRÓXIMO COM ELE

COM GUIA DE ESTUDO



UM DOS LIVROS CRISTÃOS MAIS IMPORTANTES E POPULARES DE NOSSO TEMPO

O conhecimento de Deus

Packer, J. I.

9788576226147

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro transformador de vidas de J. I. Packer tem aprofundado a fé e o entendimento de milhões de pessoas em todo o mundo. Explicando quem é Deus e como podemos nos relacionar com ele, Packer divide seu livro em três partes: A primeira dirige nossa atenção para como e por que conhecemos a Deus. A segunda destaca os atributos de Deus. A terceira os benefícios usufruídos por aqueles que o conhecem intimamente.

[Compre agora e leia](#)

COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO



ECLESIASTES

Walter C. Kaiser, Jr.



Comentários do Antigo Testamento - Eclesiastes

Kaiser Jr., Walter C.

9788576225805

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

O enfrentamento das mudanças. Talvez o aspecto mais importante da abordagem de Kaiser seja ele acreditar que Eclesiastes tem um esboço discernível e uma argumentação rastreável, e que o Pregador não era um velho rabugento e cínico que bebia vinagre no café da manhã. E isso faz diferença na maneira como entendemos Eclesiastes. Compre o seu exemplar e

descubra como. - Dale Ralph Davir,
Autor e expositor bíblico reconhecido,
Tennessee.

[Compre agora e leia](#)

Paul David Tripp

Como viver com
esperança em Deus
neste mundo falido

Abrigo no temporal

Meditações sobre
Deus e o sofrimento
a partir do **salmo 27**



Abrigo no temporal

Tripp, Paul David

9788576226086

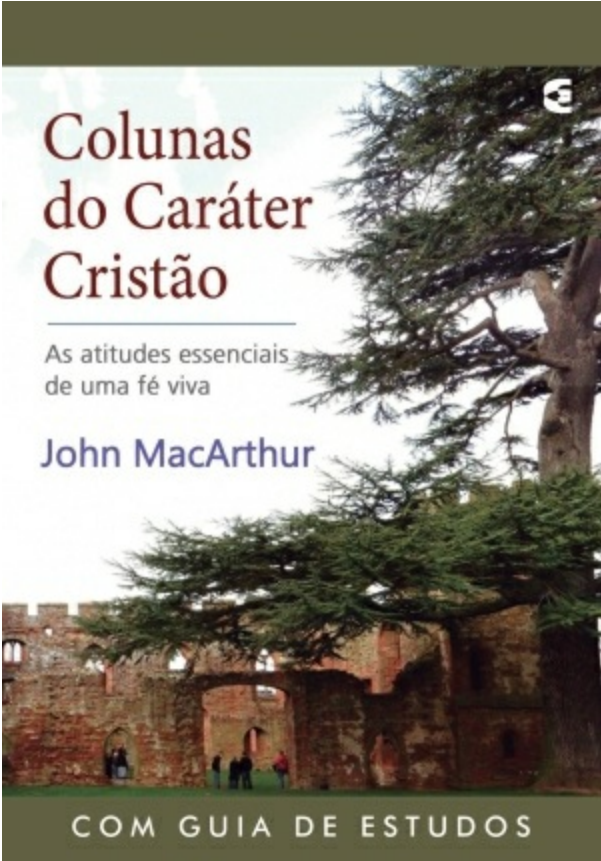
160 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Um salmo pode realmente mudar a sua vida? Pode, se você se aprofundar o bastante em seu estudo. Abrigo no Temporal é Paul Tripp em sua melhor fase – escavando o salmo 27 com clareza, vigor e relevância conectada diretamente ao coração. Quando os problemas baterem à porta, faça um favor a si mesmo: deixe este livro ensiná-lo como entesourar nada menos que 52 verdades transformadoras de

vida vindas deste salmo repleto de
graça." Dave Harvey

[Compre agora e leia](#)



Colunas do Caráter Cristão

As atitudes essenciais
de uma fé viva

John MacArthur

COM GUIA DE ESTUDOS

Colunas do caráter cristão

MacArthur, John

9788576225812

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

A questão crucial para que você viva a vida cristã é a condição do seu coração. O apóstolo Paulo escreve este excelente resumo de como uma atitude piedosa se aplica ao viver diário: "[...] servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade

de Deus" (Ef 6.5-7). Minha sincera oração é que você esteja "fazendo de coração a vontade de Deus", refletindo uma realidade permanente em sua vida, como resultado deste estudo.

[Compre agora e leia](#)